



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Secretaria Acadêmica de Pós-Graduação**

**Gustavo Elias Arten Isaac**

**A magia na umbanda sagrada de Rubens Saraceni: uma  
encruzilhada do mágico com o sagrado**

**Doutorado em Ciência da Religião**

**São Paulo**

**2024**



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Secretaria Acadêmica de Pós-Graduação**

**Gustavo Elias Arten Isaac**

**A magia na umbanda sagrada de Rubens Saraceni: uma encruzilhada do mágico com o sagrado**

**Doutorado em Ciência da Religião**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez.

**São Paulo**

**2024**

**Banca Examinadora:**

---

---

---

---

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha família: minha esposa Mariana, e nossa filha, Manuela.

Com amor, paciência e compreensão acolheram minhas ausências e minha dedicação. Este trabalho é também de vocês, fruto do amor e apoio que me sustentaram ao longo dessa jornada.

## **AGRADECIMENTOS (I)**

O presente trabalho foi realizado com apoio da FUNDASP (Fundação São Paulo - Mantenedora da PUC-SP).

## **AGRADECIMENTOS (II)**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), número do processo 88887.659144/2021-00.

### **AGRADECIMENTOS (III)**

À minha esposa, Mariana, por ser minha base, meu suporte emocional e companheira incansável. Sua paciência e compreensão durante este processo foram fundamentais para que eu pudesse me dedicar a este trabalho. Você é a minha inspiração diária, e sou imensamente grato por todo o seu amor e apoio.

À minha filha, Manuela, que, com seu sorriso e alegria, me lembrava sempre das razões pelas quais vale a pena ter um propósito maior na vida. A você, dedico este trabalho na esperança de que ele possa servir de exemplo de persistência e determinação, e que na vida podemos realizar qualquer coisa que desejamos.

Aos meus pais, José Elias e Eliana, que sempre me ensinaram o valor do conhecimento e da educação. Vocês me mostraram o caminho do estudo e do trabalho, e sou eternamente grato pelos valores que me transmitiram e pelas oportunidades que me proporcionaram.

Ao meu pai de santo, Reinaldo Washington Moraes, pela orientação espiritual, pela confiança e por acreditar em mim em cada etapa de meu caminho espiritual. Seu estímulo constante e sua mentoria foram fundamentais para que eu pudesse lapidar minha fé, o equilíbrio e a determinação ao longo dessa jornada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez, que, com seu conhecimento e paciência, guiou-me pelos caminhos complexos da pesquisa. Sua orientação e incentivo foram inestimáveis para que eu pudesse concluir este trabalho.

A todos, meu mais profundo agradecimento. Sem vocês, esta conquista não seria possível.

“O umbandista não precisa de uma catedral suntuosa. Como só o gênio humano é capaz de erguer. Ele só precisa de um pouquinho da natureza como um só Deus foi capaz de criar.”

Pai Ronaldo Linares

## RESUMO

A umbanda sagrada, segundo Rubens Saraceni, utiliza a magia ritualística para objetivos como cura, proteção e equilíbrio espiritual, embora suas práticas possam variar entre diferentes terreiros e vertentes da umbanda. Esta pesquisa examina como a magia se integra ao sistema religioso da umbanda sagrada, investigando se ela é, de fato, um elemento estruturante dessa vertente, com foco na centralidade das práticas mágicas na cosmovisão e nos rituais apresentados nas obras de Saraceni. Por meio de uma análise bibliográfica das principais obras de Saraceni, o estudo explora a intersecção entre o sagrado e o mágico na umbanda sagrada, destacando a importância das práticas mágico-religiosas. Essa análise permitiu entender como a magia é incorporada à umbanda sagrada, contribuindo para a formação de uma identidade e de práticas únicas que fortalecem a conexão entre os praticantes e o sagrado, promovendo, assim, um sistema religioso coeso e dinâmico. Na visão de Saraceni, a magia é um elemento central e estruturante, essencial para a prática espiritual, a conexão com o divino e a autonomia dos praticantes. Sua sistematização da umbanda sagrada proporciona uma compreensão mais profunda e prática da magia, consolidando seu papel vital nessa tradição religiosa.

**Palavras-chave:** Umbanda; umbanda sagrada; magia; sagrado; Rubens Saraceni; sistematização; elemento estruturante; ciência da religião.

## **ABSTRACT**

The sacred umbanda, according to Rubens Saraceni, uses ritual magic for purposes such as healing, protection, and spiritual balance, although its practices may vary between different terreiros and branches of Umbanda. This research examines how magic integrates into the religious system of sacred umbanda, investigating whether it is indeed a structuring element of this branch, focusing on the centrality of magical practices in the worldview and rituals presented in Saraceni's works. Through a bibliographic analysis of Saraceni's key works, the study explores the intersection between the sacred and the magical in sacred umbanda, highlighting the importance of magical-religious practices. This analysis allowed an understanding of how magic is incorporated into sacred Umbanda, contributing to the formation of a unique identity and practices that strengthen the connection between practitioners and the sacred, thus promoting a cohesive and dynamic religious system. In Saraceni's view, magic is a central and structuring element, essential for spiritual practice, connection with the divine, and the autonomy of practitioners. His systematization of sacred umbanda provides a deeper and more practical understanding of magic, consolidating its vital role within this religious tradition.

**Keywords:** Umbanda; sacred umbanda; magic; the sacred; Rubens Saraceni; systematization; structuring element; science of religion.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Exemplos de ondas retas e curvas.....	130
Figura 02: Exemplo de onda (onda vibratória graduadora telúrica) e seu signo.	131
Figura 03: Exemplo de onda (onda vibratória expansora eólica) e seu signo....	132
Figura 04: Exemplo de onda (onda vibratória graduadora telúrica), seu signo e seu crescimento, com formação de sua tela vibratória.....	132
Figura 05: Exemplo de onda (onda vibratória expansora eólica) e seu signo....	133
Figura 06: Exemplo de ondas entrelaçadas e seus signos.....	133
Figura 07: Exemplo de fatores desenhados por médiuns umbandistas iniciados na magia divina.....	136
Figura 08: Exemplo de espaços mágicos.....	138
Figura 09: Exemplo de espaços mágicos na obra de Saraceni.....	138
Figura 10: Exemplo de espaços mágicos circular.....	139
Figura 11: Exemplo de magia aberta realizada sob a irradiação do Trono da Justiça.....	140
Figura 12: Exemplo de magia fechada realizada sob a irradiação do Trono da Justiça.....	141
Figura 13: Exemplo de espaços mágicos preenchidos com ondas, símbolos e signos.....	142
Figura 14: Exemplo de formas utilizadas em práticas mágicas na umbanda.....	148
Figura 15: Análise dos pontos riscados por Rubens Saraceni, considerando os símbolos e ângulos entre os traços.....	148
Figura 16: Análise de um ponto riscado por Rubens Saraceni, considerando os símbolos, forma e ângulos entre os traços.....	151
Figura 17: Diferenças entre os signos de cruz.....	151
Figura 18: Diferenças entre os tridentes de exus e suas regências.....	152
Figura 19: Polos eletromagnéticos dos círculos mágicos.....	154
Figura 20 Exemplos de espaços mágicos vegetais na obra <i>A magia divina das setes ervas sagradas</i> de Rubens Saraceni.....	168

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Relação das 7 linhas da umbanda com os orixás e os tronos propostos por Saraceni na umbanda sagrada.....	49
Quadro 02: Relação das 7 linhas da umbanda com os tronos divinos e os orixás às atribuições da vibrações energéticas dos fatores divinos propostos por Saraceni na umbanda sagrada.....	57
Quadro 03: Relação entre os ângulos de abertura e divisão da circunferência e com os orixás, propostos por Saraceni na umbanda sagrada.....	149

## SUMÁRIO

Lista de Ilustrações.....	10
Lista de Quadros.....	11
Introdução.....	13
Capítulo I. Das raízes da umbanda à umbanda sagrada de Rubens Saraceni.....	18
1.1. As raízes da umbanda.....	19
1.2. A umbanda sagrada de Rubens Saraceni.....	36
1.3. As origens dos guias espirituais na interpretação da umbanda sagrada de Rubens Saraceni.....	60
Capítulo II. Magia na umbanda.....	72
2.1. A noção de magia em alguns autores.....	74
2.2. Magia ao longo da história – de sua origem incerta ao amálgama com a umbanda.....	93
2.3. A noção de magia no pensamento de Saraceni.....	104
Capítulo III. A encruzilhada da magia com o sagrado na umbanda de Rubens Saraceni.....	119
3.1. A magia nos rituais da umbanda sagrada.....	121
3.2. As escritas mágicas na umbanda sagrada.....	129
3.3. Ponto riscado na umbanda – uma encruzilhada do mágico com o sagrado...	143
3.4. Os rituais e elementos mágicos na umbanda sagrada.....	156
Considerações finais.....	176
Referências.....	185

## INTRODUÇÃO

A temática “A magia na umbanda sagrada de Rubens Saraceni: uma encruzilhada do mágico com o sagrado” aflora de uma imersão de mais de duas décadas no universo umbandista. Essa jornada permitiu um contato com diversas vertentes doutrinárias e ritualísticas, além de uma observação minuciosa da dinâmica sociorreligiosa nos terreiros. A partir dessa experiência, busca-se compreender as relações entre os rituais umbandistas e as práticas mágico-religiosas intrínsecas a essa tradição, com um olhar particular para as obras de Saraceni e sua concepção de umbanda sagrada<sup>1</sup>.

A formação superior em farmácia, aliada à atuação como docente e coordenador de curso de ensino superior, em conjunto com a vivência religiosa na umbanda, constituem, também, um marco referencial para a presente pesquisa. A fundamentação empírica da formação científica, somada à experiência acadêmica e educacional, proporciona um olhar analítico e crítico para a investigação da relação entre magia e sagrado na umbanda sagrada, especialmente na perspectiva de Saraceni. A pesquisa busca compreender como essa tradição religiosa, com suas raízes africanas, indígenas, católicas e espíritas, desenvolveu-se no contexto brasileiro, culminando na particularidade da umbanda sagrada e na intersecção entre seus elementos sagrados e mágicos.

Do ponto de vista metodológico, o objeto deste estudo é a concepção de magia na umbanda sagrada, de Saraceni, por meio de uma pesquisa bibliográfica, considerando suas principais obras referentes à magia na umbanda sagrada, apresentando as relações do mágico com o sagrado.

---

<sup>1</sup> A Umbanda Sagrada, proposta por Rubens Saraceni, é uma vertente da Umbanda que busca uma abordagem sistemática e filosófica para a prática espiritual umbandista. Saraceni, o fundador e um dos principais representantes e divulgadores dessa vertente da umbanda, enfatizou a importância do conhecimento e da educação espiritual, promovendo uma estrutura mais organizada dos rituais e das práticas religiosas. Uma das principais propostas de Saraceni é a valorização do estudo e da prática consciente, em que os médiuns e praticantes são incentivados a compreender os princípios que regem as manifestações espirituais e as interações com as entidades espirituais. Saraceni foi um sacerdote de umbanda e um autor prolífico, tendo escrito diversas obras que abordam a umbanda sagrada, a mediunidade e a prática religiosa umbandista. Saraceni apresenta os fundamentos da umbanda sagrada em suas obras, destacando suas práticas, rituais e a filosofia que a embasa, propondo uma visão sistemática e estruturada da religião. As obras de Saraceni destacam-se por sua abordagem sistemática e reflexiva, contribuindo significativamente para a compreensão e a valorização da umbanda sagrada, além de incentivar a formação e o aprimoramento dos praticantes.

Desta forma, a presente pesquisa teve como objetivo investigar a intersecção entre magia e sagrado na umbanda sagrada, com base na obra de Saraceni. A escolha deste tema foi motivada por uma trajetória de mais de duas décadas dedicada ao estudo da umbanda, apontando para centralidade das práticas mágico-religiosas nessa tradição e a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre sua articulação com os aspectos doutrinários.

Uma motivação complementar para esta pesquisa reside na constatação de que a magia, embora presente em diversas vertentes da umbanda, ainda é um tema controverso e pouco explorado. Ao analisar os debates e as práticas religiosas dos umbandistas, percebe-se a necessidade de um aprofundamento teórico sobre o papel da magia na construção da identidade e dos rituais umbandistas. Um diálogo mais aprofundado sobre o tema, buscando demonstrar que a magia, quando compreendida em sua dimensão ritual e simbólica, pode ser um elemento unificador e enriquecedor da experiência religiosa umbandista.

Em suas obras, Saraceni aborda extensivamente sobre a umbanda, uma religião que combina elementos das tradições indígenas e africanas com elementos do espiritismo e do catolicismo; aborda também a magia, destacando a importância dos rituais, das práticas espirituais e do contato com entidades espirituais.

A umbanda sagrada, conforme descrita por Saraceni, pode envolver o uso de magia ritualística para alcançar objetivos espirituais, cura, proteção e equilíbrio. É fundamental notar que a umbanda é uma religião diversificada, e as práticas podem variar entre diferentes terreiros e praticantes. A magia na umbanda, que não é uma relação exclusiva na umbanda sagrada, muitas vezes é vista por seus praticantes como um meio de estabelecer conexões com as divindades, guias espirituais e ancestrais para buscar orientação e apoio.

A pesquisa se debruçou sobre duas questões centrais: como a magia se insere no sistema religioso da umbanda sagrada, com base nas obras de Saraceni, e em que medida ela pode ser considerada um elemento fundamental ou estruturante dessa vertente específica da umbanda. A investigação buscou analisar a centralidade das práticas mágicas na cosmovisão e rituais da umbanda sagrada.

A umbanda, em suas diversas vertentes, incluindo a umbanda sagrada de Saraceni, demonstra uma intrínseca relação com a magia. A hipótese desta pesquisa é que a magia, enquanto ferramenta ritualística e espiritual, constitui um eixo

estruturante da umbanda, facilitando a conexão entre os praticantes e o mundo espiritual. Ao analisar as obras de Saraceni foi possível investigar como a magia é incorporada à umbanda sagrada e qual a sua contribuição para a formação de sua identidade e práticas particulares. Buscou-se compreender como a prática mágica fortalece os laços entre os praticantes e o sagrado, contribuindo para a construção de um sistema religioso sistematizado e dinâmico.

A vivência da prática religiosa na umbanda pressupõe a vivência presencial e social em terreiros, o estudo da religião. Historicamente, ocorre por meio da prática religiosa nas giras do terreiro, na oralidade, nos atendimentos e nas manifestações mediúnicas.

Introduzir, de forma sistemática, o estudo da magia como um eixo estruturante da religião, de suas práticas e rituais pode contribuir para ampliar a vivência da religião de umbanda para além do coletivo e social, pois a magia, por definição, é uma vivência de prática individual e, se relacionada com o sagrado, pode proporcionar um olhar da vivência religiosa além do social, mas também na prática individual.

O primeiro capítulo apresenta a jornada pela história e formação da umbanda, iniciando pelas raízes africanas, destacando a diversidade cultural dos povos escravizados e a adaptação de suas crenças ao novo contexto brasileiro. O sincretismo religioso, marcado pela fusão de elementos africanos, indígenas e católicos é explorado como um dos pilares da construção da umbanda. A influência do espiritismo kardecista é outro ponto crucial na formação da umbanda, com seus conceitos de reencarnação, mediunidade e evolução espiritual, o que forneceu uma estrutura doutrinária mais organizada e contribuiu para sua legitimação como religião. A figura de Saraceni é apresentada como um marco importante na história da umbanda. Através de suas obras, Saraceni sistematizou os conhecimentos da religião, contribuindo para sua consolidação e divulgação. O capítulo desenvolveu uma reflexão sobre a identidade da umbanda como uma religião genuinamente brasileira, fruto da miscigenação cultural e da resistência dos povos africanos e indígenas. A umbanda é apresentada como uma religião viva e dinâmica, em constante processo de transformação e adaptação às novas realidades sociais.

O segundo capítulo nos convida a uma profunda imersão no universo complexo da magia, explorando suas relações com a religião e seu papel central na umbanda. O capítulo pretende demonstrar que a magia não se limita a práticas obscuras e maléficas, mas sim a um conjunto de crenças e práticas que buscam influenciar o

mundo natural e espiritual. A relação entre magia e religião é um dos pontos centrais do capítulo, que demonstra como essas duas esferas se entrelaçam e se influenciam mutuamente, apresentando diferentes perspectivas teóricas sobre o tema. Autores como Tylor, Frazer, Durkheim e Malinowski são analisados, cada um oferecendo uma visão particular sobre a natureza da magia e sua relação com a religião. A umbanda, por sua vez, é apresentada como um rico caldeirão de influências, no qual a magia desempenha um papel fundamental. As práticas mágicas na umbanda são diversas e abrangentes, desde a utilização de ervas e incensos até a realização de rituais complexos. A magia é vista como uma ferramenta de cura, proteção e transformação, utilizada para estabelecer uma conexão com o mundo espiritual e para alcançar objetivos específicos. O capítulo oferece uma análise da concepção de magia na umbanda, com foco na sistemática proposta por Saraceni, destacando a magia como um elemento estruturante da umbanda sagrada, interligado com a religião e os mistérios divinos. E compara as ideias de Saraceni com as de outros teóricos como Tylor, Frazer, Durkheim e Malinowski, mostrando como a visão de Saraceni se encaixa no contexto mais amplo dos estudos sobre a magia e a religião.

O terceiro capítulo demonstra como a umbanda sagrada, ao reverenciar as forças da natureza e os orixás, estabelece uma relação íntima entre o sagrado e o material. A magia, nesse contexto, não é vista como algo separado da religião, mas sim como uma ferramenta para interagir com o divino e promover o bem-estar. Saraceni enfatiza a importância dos rituais e dos locais sagrados na prática da magia. Os rituais são entendidos como momentos de profunda conexão com as divindades, enquanto os locais de força amplificam a energia e facilitam a comunicação com o mundo espiritual. O capítulo mergulha profundamente na relação entre a magia, o sagrado e os elementos na umbanda, com base nas propostas de Saraceni, em que demonstra como a umbanda estabelece uma rica conexão entre o mundo físico e o espiritual. Como a utilização de elementos como ervas, pedras e símbolos mágicos confere aos rituais um caráter sagrado e transformador, ao mesmo tempo mágico. O capítulo apresenta de forma clara e concisa a importância da magia nos espaços sagrados da umbanda e a contribuição de Saraceni para a compreensão dessa prática.

Apesar do profundo conhecimentoêmico que o pesquisador possui em relação à umbanda, foi essencial estabelecer um rigoroso distanciamento entre o investigador e o objeto de estudo. Essa abordagem busca garantir a objetividade da análise,

permitindo que a investigação permaneça imparcial e centrada nos dados coletados. Além disso, houve um cuidado especial para que todas as afirmações relacionadas à magia, rituais religiosos e práticas abordadas no texto fossem embasadas e devidamente citadas, assegurando a credibilidade e a robustez das informações apresentadas.

Assim, a pesquisa não apenas respeita a riqueza e a complexidade da religião de umbanda, mas também garante que as análises sejam fundamentadas em evidências literárias, promovendo uma compreensão mais abrangente e aprofundada do tema em questão.

## **CAPÍTULO I. DAS RAÍZES DA UMBANDA À UMBANDA SAGRADA DE RUBENS SARACENI**

A origem da umbanda sempre gerou discussões entre historiadores e pesquisadores. Tradicionalmente, atribui-se a fundação da religião ao médium Zélio Fernandino de Moraes, em 1908, em Niterói, Rio de Janeiro, conhecido como o mito da fundação da umbanda. Contudo, tem-se buscado desconstruir uma visão simplificada de sua origem, destacando a complexa teia de influências culturais que envolvem a religião.

Pesquisas históricas sugerem que a umbanda não surgiu de um único ato fundacional, mas como uma síntese gradual de várias tradições religiosas, incluindo o catolicismo popular, o espiritismo, as tradições africanas, sobretudo o candomblé, os ritos indígenas e as tradições ocultistas que permeavam o Brasil no final do século XIX e início do XX. Dessa forma, a umbanda pode ser entendida como um movimento de resistência cultural que deu voz e espaço às práticas espirituais e religiosas marginalizadas pela sociedade dominante.

A discussão sobre a origem também passa por uma redescoberta e valorização das raízes africanas e indígenas, que por muito tempo foram deixadas em segundo plano nas narrativas europeizadas da umbanda. O reconhecimento das contribuições das culturas iorubás, bantu e das etnias indígenas brasileiras é essencial para uma compreensão mais completa da gênese da religião.

Essa diversidade de influências, que antes era vista como uma característica peculiar, hoje é considerada uma das maiores riquezas da umbanda, permitindo que ela se adapte aos contextos regionais e culturais de diferentes praticantes. Essa característica inclusiva e sincrética é um dos motivos pelos quais a umbanda continua presente e se reinventando ao longo do tempo.

Atualmente, há um movimento dentro da umbanda em busca de um maior reconhecimento de sua história e de suas raízes. Especialmente no que tange à sua origem afro-brasileira, há uma ênfase em reafirmar a importância dos saberes ancestrais e do papel da resistência cultural que a umbanda representa.

Portanto, as vertentes da umbanda refletem sua capacidade de incorporar múltiplas tradições e se adaptar a diferentes contextos, ao mesmo tempo que a

questão de sua origem continua a ser reavaliada com um olhar à ênfase nas raízes africanas e indígenas.

### 1.1. As raízes da umbanda

As religiões afrodescendentes têm origens ricas e diversas, sendo o resultado de uma combinação de tradições africanas, influências indígenas e elementos do cristianismo, principalmente no contexto das Américas. Mas é preciso voltar ainda mais no tempo para entender as heranças e origens que resultaram, hoje, na religião da umbanda.

O culto aos orixás chegou ao Brasil na diáspora africana, atravessou o oceano Atlântico e chegou às nossas terras com os africanos escravizados pelos portugueses. Foi do encontro cultural dos elementos de três matrizes formadoras da sociedade brasileira da época - o índio, o africano e o europeu - que nasceram as chamadas religiões afro-brasileiras ou afrodescendentes, como o candomblé, o candomblé de caboclo, a quimbanda, o tambor de mina, a jurema, o omolocô, entre outros, assim como a religião tema desta pesquisa, a umbanda (Franco, 2021, p.32-33).

Entre as religiões afro-brasileiras, o candomblé e a umbanda são as mais representativas, mas mesmo entre elas podemos evidenciar diferenças:

O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravos, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar as novas condições de ambientais. É a religião que tem como função primordial o culto às divindades – inquices, orixás ou voduns –, seres que são a força da natureza, sendo seus criadores e também administradores. Religião possuidora de muitos simbolismos e representações que ajudam a compreender o passado e também a discernir melhor as verdades e as mentiras, permitindo assim definir conceitos. No candomblé nada se inventa ou se cria, só aprende e se aprimora. Este saber e este conhecimento são conquistados com a prática no dia a dia, com o tempo, com a humildade, o merecimento, a inteligência e, principalmente, com a vontade de aprender! (Maurício, 2014, p.29).

No caso da umbanda, pode-se observar a incorporação na cultura africana de elementos das culturas europeia e, principalmente, a indígena:

Herdamos das culturas indígena e africana a forte ligação com a natureza, o uso das ervas, cachimbos (maracás para os indígenas), os rituais de cura, as danças, os cânticos sagrados, as vestimentas, o transe, a crença na vida

após a morte e a comunicação com os mortos, as crenças nos ancestrais, a diversidade de deuses (indígenas) ou orixás (africanos), os preceitos ofertados aos ancestrais (oferendas), a magia. Da cultura branca europeia, herdamos alguns elementos da concepção cristã católica, como a ligação com os santos que no sincretismo são relacionados com os orixás, as rezas, as imagens, maniqueísmo (bem e mal), dentre outros. E ainda uma influência do Kardecismo: ligação com os mortos, crença na reencarnação, rituais de cura (Ribeiro, 2013, p.98).

Podemos ainda citar algumas características distintas entre o candomblé e a umbanda:

Com efeito, pode se opor umbanda e candomblé como se fossem dois pólos: um representando o Brasil e o outro a África. A umbanda corresponde a integração das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significaria justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro. É claro que não devemos conceber o candomblé em termos de pureza africana; na verdade ele é um produto afro-brasileiro resultado da bricolagem desta memória coletiva, sobre matéria nacional brasileira que a história ofereceu aos negros escravos. Entretanto pode se afirmar que para o candomblé a África continua sendo fonte privilegiada do sagrado, o culto dos deuses negros se opondo a uma sociedade brasileira branca ou embranquecida. Desta forma uma ruptura se inscreve entre a umbanda e o candomblé: para a primeira, a África deixa de constituir em fonte de inspiração sagrada; o que é afro-brasileiro se torna brasileiro. É necessário entender o que queremos dizer com a ruptura; não se trata de ressignificar com esta palavra a ausência do que é negro no seio da umbanda, pelo contrário, insistiremos em todo o nosso trabalho na importância da contribuição africana para a formação da religião umbandista (Ortiz, 1999, p.16).

Para Franco (2021, p.34-36), enquanto o candomblé mantém forte conexão com os cultos africanos tradicionais, a umbanda emerge como uma religião genuinamente brasileira, surgindo em um período de industrialização e urbanização no país. Nesse contexto moderno, a umbanda se distanciou de certos elementos do candomblé, como o sacrifício de animais, visto como incompatível com uma sociedade que buscava se alinhar a padrões de civilização eurocêntricos. Ao refletirmos sobre a importância das religiões de matriz africana, devemos considerar a resistência: mesmo diante de tanta opressão e distantes de suas terras natais, os deuses africanos perduraram e são celebrados em diversos terreiros por todo o Brasil. É fundamental reconhecer que a luta pelo direito à liberdade religiosa ainda persiste, mas, mesmo assim, as tradições afro-religiosas continuam a existir e resistir.

Durante o processo de hierarquização cultural, o padrão eurocêntrico consolidou-se como o modelo de sociedade, resultando na percepção das culturas africanas e indígenas como inferiores e desprovidas de civilidade (Franco, 2021, p.35).

Para Carneiro (2019, p.06), a "magia", a "feitiçaria" e o "curandeirismo", práticas religiosas associadas aos negros no período colonial, eram frequentemente relacionadas à prática do mal, devendo ser combatidas, o que acabou por gerar perseguições, principalmente as religiosas promovidas pela Igreja Católica.

Mas, para melhor entender as raízes da umbanda, temos que retornar à chegada da esquadra de Pedro Álvares de Cabral à Pindorama, uma nova terra com seus povos originários, os indígenas, distribuídos em diversos povos, cada uma com suas culturas, expressões religiosas e línguas distintas; possuíam culturas ricas e complexas, que incluíam cosmologias, rituais, mitos, organização social e conhecimentos de farmacologia, aspectos esses profundamente entrelaçados com a relação desses grupos com a natureza ao seu redor, elementos culturais desconhecidos e incompreendidos pelo colonizador europeu, que trouxe consigo o cristianismo católico como referência transcendente, sem reconhecer ou valorizar a rica religiosidade desses povos (Zacharias, 2023, p.219).

Para os indígenas, o sagrado e as divindades residiam na floresta, enquanto para os europeus, a divindade era entendida como presente no templo religioso, na igreja para os católicos, manifestando-se sobretudo durante a missa católica. A associação entre a experiência religiosa e espaços sagrados, como as igrejas, encontra suas origens nas primeiras manifestações do cristianismo. A tradição judaica, que concebia o Templo de Salomão como o *locus* privilegiado da revelação divina, exerceu uma influência significativa nessa concepção. Embora haja divergências, a espiritualidade cristã, de modo geral, vincula a manifestação do sagrado a espaços físicos delimitados, perpetuando a ideia de que o divino se revela de forma especial em lugares consagrados (Zacharias, 2023, p.219).

A exploração do Brasil pelos portugueses, marcada pela cooptação das tribos indígenas e pela busca por riquezas, foi acompanhada por uma intensa atividade missionária jesuíta. A miscigenação resultante desse encontro, que deu origem ao caboclo, foi acompanhada por um rico processo de sincretismo religioso. A prática católica popular, marcada por uma forte influência da cultura popular, facilitou a incorporação de elementos da religiosidade indígena. A veneração de santos como Nossa Senhora, frequentemente associada a figuras femininas da natureza presentes na mitologia indígena, exemplifica essa fusão de crenças. A identificação entre a Virgem Maria e a Mãe do Mato, assim como entre Tupã e Jesus Cristo, revela uma

profunda interação entre o sagrado cristão e o sagrado indígena, ambos ancorados em arquétipos universais (Zacharias, 2023, p.219-220).

O Brasil colonial recebeu um contingente de mulheres portuguesas condenadas pela Inquisição, que optaram, além da fogueira e o exílio para a África, pelo exílio em terras brasileiras. Essas mulheres, acusadas de bruxaria na Europa, traziam consigo um vasto conhecimento de práticas mágicas europeias, como a utilização mágica da arruda (*Ruta graveolens L.*) e a realização de rituais cabalísticos. Ao chegarem ao Brasil, entraram em contato com os pajés indígenas, estabelecendo uma troca cultural complexa e rica, marcada pela interação entre diferentes sistemas simbólicos e rituais (Zacharias, 2023, p.220). Nesse contexto, pode-se identificar uma das origens da magia na umbanda e sua relação com o uso de materiais vegetais e manipulação de materiais e invocações.

Na umbanda, a arruda tem um papel central devido às suas propriedades espirituais e energéticas. Ela é amplamente utilizada em rituais de limpeza e proteção, sendo considerada uma planta sagrada com o poder de afastar energias negativas, influências espirituais indesejadas e promover a harmonização do ambiente e das pessoas. A arruda é frequentemente empregada em banhos de descarrego, em que suas folhas são maceradas e misturadas à água, purificando o corpo físico e espiritual. Esses banhos são indicados para remover cargas pesadas, miasmas espirituais e ajudar na abertura de caminhos. Além disso, ela é usada para defumar ambientes, contribuindo para limpar o espaço de vibrações densas e convidar boas energias. Do ponto de vista simbólico, a arruda está associada aos orixás protetores, especialmente Ogum e Oxalá, que trazem força e proteção. Seu uso também é comum em defesas pessoais, como na forma de galhos pequenos carregados no bolso ou pendurados nas portas, servindo como um amuleto que repele a inveja e o mau-olhado, chamado popularmente de patuá (Ferreira et al. 2021, p.6, 8-9).

Essa sociedade colonial era marcada por profundas desigualdades sociais. Os colonizadores portugueses ocupavam o topo da hierarquia, enquanto os indígenas, submetidos ao trabalho escravo, ocupavam a base. A resistência indígena à dominação europeia, tanto em termos de trabalho quanto de cultura, resultou em um alto índice de mortalidade e fugas para as matas. Para então suprir a demanda por mão de obra na colônia, os portugueses iniciaram o tráfico negreiro em 1538. Aproveitando-se de um sistema de servidão já existente na África, os colonizadores

instituíram no Brasil a escravidão em larga escala, submetendo os africanos a condições de trabalho extremamente duras nas plantações de cana-de-açúcar. A Igreja Católica, em troca de legitimar essa prática, exigiu o batismo dos escravizados. Apesar da imposição do cristianismo, os africanos mantiveram suas crenças ancestrais, dando origem a um rico processo de sincretismo religioso, que combinava elementos das religiões africanas com os ritos católicos (Zacharias, 2023, p. 220-221).

Diante da imposição da fé católica, os africanos escravizados, num primeiro momento, encontraram no sincretismo uma forma de resistência cultural e preservação de suas crenças:

O primeiro passo do sincretismo foi justamente a necessidade de uma acomodação à nova situação. Os negros precisavam esconder dos brancos o melhor possível a sua religião. O culto secreto aos Orixás não oferecia segurança suficiente. O problema foi resolvido pela utilização de estátuas de santos católicos. Estes santos eram inicialmente apenas como que uma máscara que foi vestida sobre os rostos dos Orixás negros. Sobre o Pegi, no qual o Orixá recebia o sacrifício de animais, foi colocado um altar católico, com toalha branca, flores e estátuas ou quadros de santos. Estes santos não foram escolhidos de modo aleatório. Foram escolhidos santos que de alguma forma lembrassem alguns aspectos dos respectivos orixás. As ofertas colocadas diante dos santos não se destinavam na verdade aos santos; as velas ali acesas não queimavam para os santos. Essa dissimulação é em si o ponto de partida do sincretismo ocorrido no Brasil entre o Cristianismo e religiões de africanas. Esta substituição dos Orixás por santos católicos tinha como consequência não apenas uma proteção para os Orixás, mas também para os seus cultuadores, que eram mais respeitados perante a sociedade (branca e católica). Num país onde a classe dominante era católica, uma tal devoção aos santos católicos era naturalmente vista com bons olhos (Berkenbrock, 2012, p.136).

A chegada dos povos africanos ao Brasil, a partir do século XVI, introduziu um conjunto de símbolos e práticas religiosas que se entrelaçaram com as tradições indígenas, dos povos originários, e católicas, do europeu colonizador, dando origem a uma rica e complexa expressão cultural. Os africanos trouxeram consigo diversas religiões, cada uma com suas próprias divindades e cosmologias (Zacharias, 2023, p.221-222).

Para Ortiz (1999, p.21-22), a prática religiosa afro-brasileira preserva muitos dos deuses africanos, ao mesmo tempo em que reinterpreta costumes e práticas, como as danças do lundu e os rituais de homenagem aos reis congos. Essa sincretização cultural gradual molda a identidade afro-brasileira, incorporando elementos africanos a um contexto histórico e social brasileiro. É importante notar que a memória coletiva negra não é homogênea, sendo influenciada pelas diversas

origens étnicas dos africanos escravizados. Os cultos religiosos, organizados em 'nações', refletem essa diversidade, podendo ser agrupados em três grandes blocos culturais: sudanês, islâmico e banto:

Do ponto de vista simbólico novos elementos foram integrados em Pindorama, agora chamada de Brasil. Os povos africanos trouxeram em sua bagagem cultural o islamismo no culto a Alá, proveniente do povo Haussá; os bantos o culto aos Inquices e posteriormente o culto aos Orixás com os nagôs. A religiosidade dos bantos e nagôs apresentavam divindades associadas à natureza e suas manifestações, encantados e espíritos eram expressos nos fenômenos naturais como nos raios, no vento, nas águas, nas matas. Diferente do sistema religioso judaico ou islâmico que é predominantemente monoteísta, o sistema destes outros povos africanos é politeísta, embora apresente a figura de uma divindade central, Zambi ou Olorum. Esta configuração criará a aproximação desta religiosidade com o catolicismo popular e sua variedade de santos e expressões de Maria, apesar de centrar-se em um Deus trino (Zacharias, 2023, p.221).

A imposição do catolicismo pelos colonizadores portugueses não conseguiu erradicar as crenças africanas. Ao contrário, os africanos escravizados encontraram formas de manter suas tradições religiosas, adaptando-as ao novo contexto. Assim, surgiu o sincretismo religioso, um processo de fusão de elementos de diferentes religiões, no qual divindades africanas foram associadas a santos católicos. Essa associação permitiu que os africanos mantivessem suas crenças de forma disfarçada, evitando a repressão religiosa. A associação entre as divindades africanas e os santos católicos foi facilitada pela semelhança entre algumas de suas características. Essa correspondência permitiu que os africanos continuassem a cultuar seus deuses, utilizando os símbolos e rituais católicos como uma espécie de disfarce. O sincretismo religioso não se limitou à associação entre divindades. Ele também envolveu a reinterpretação de símbolos e práticas religiosas, dando origem a uma nova forma de religiosidade, que combinava elementos de diferentes culturas. Essa nova religiosidade, que se desenvolveu no Brasil, é um exemplo de como as culturas podem se transformar e se adaptar a novas circunstâncias históricas (Zacharias, 2023, p.221-222).

O caboclo é uma entidade espiritual que transcende as diversas linhas das religiões afro-brasileiras, como o candomblé, xangô, catimbó e umbanda. Embora não esteja presente em todos os terreiros dedicados aos orixás, voduns ou inquices, sua presença é marcante e fundamental. O culto ao caboclo, além de ser parte integrante

dessas tradições, também constitui um culto autônomo, o candomblé de caboclo. Essa figura espiritual exerce um papel central na definição da estrutura da umbanda, a religião afro-brasileira mais difundida atualmente (Prandi; Vallado; Souza, 2001, p.120).

A origem dos candomblés de caboclo estaria no ritual de antigos negros de origem banta, que na África distante cultuavam os inquices - divindades africanas presas à terra, cuja mobilidade geográfica não faz sentido e que no Brasil viram-se forçados a encontrar um outro antepassado para substituir o inquice que não os acompanhou à nova terra. Neste novo e distante país, que antepassado cultuar senão o índio, o caboclo, como diziam os antigos nordestinos? Os antigos habitantes, quem senão o verdadeiro o original "dono da terra"? (Prandi; Vallado; Souza, 2001, p.121).

A expressão "candomblé de caboclo" teria sido cunhada na Bahia, especificamente entre os adeptos do candomblé de nação queto, que inicialmente demonstravam menor afinidade com o culto aos caboclos. Essa nomenclatura surgiu como um modo de estabelecer uma distinção clara entre os terreiros que priorizavam as tradições africanas e aqueles que incorporavam mais fortemente elementos indígenas (Prandi; Vallado; Souza, 2001, p.121).

A identidade dos caboclos transcende a figura do índio, abrangendo também boiadeiros, turcos, marinheiros e outras origens. Sua característica marcante é a interação com os frequentadores dos terreiros, com quem estabelecem um contato próximo e alegre, através de cantos e danças. Além da animação, os caboclos são valorizados por seus conhecimentos em cura e pela sabedoria ancestral, especialmente no que diz respeito às propriedades medicinais das plantas. A figura do caboclo, no imaginário popular, reúne qualidades como valentia, destemor, alegria e altruísmo. Ele é considerado um guia espiritual capaz de auxiliar as pessoas a superar as dificuldades do cotidiano. Sua sabedoria, especialmente no que diz respeito ao conhecimento das plantas medicinais, o torna um curandeiro respeitado, sobretudo entre as camadas mais populares da sociedade (Prandi; Vallado; Souza, 2001, p.121).

Prandi, Vallado e Souza (2001, p.121-122) relatam uma visita da antropóloga americana Ruth Landes, entre 1938 e 1939, à Bahia, mais especificamente ao terreiro de Mãe Sabina, uma famosa sacerdotisa cabocla, tendo a pesquisadora registrado um diálogo entre a sacerdotisa, as mulheres do templo e ela. Ao ser questionada, por uma das mulheres do templo, quanto ao conhecimento da pesquisadora americana

acerca da origem da seita religiosa do templo ser de caboclos e não de africanos, a sacerdotisa Mãe Sabina responde à pesquisadora Ruth Landes:

"A senhora deve saber essas coisas. Este templo é protegido por Jesus e Oxalá e pertence ao Bom Jesus da Lapa. É uma casa de espíritos caboclos, os antigos índios brasileiros, e não africanos iorubás ou do Congo. Os antigos índios da mata mandam os espíritos deles nos guiar, e alguns são espíritos de índios mortos há centenas de anos. Louvamos primeiro os deuses iorubás nas nossas festas porque não podemos deixá-los de lado, depois salvamos os caboclos porque foram os primeiros donos da terra em que vivemos. Foram os donos e portanto são agora nossos guias, vagando no ar e na terra. Eles nos protegem" (Landes, 1967, p. 196 apud Prandi; Vallado; Souza, 2001, p.122).

Podemos notar, nesse momento, a forte intersecção das raízes africanas com as raízes indígenas que vieram a se amalgamar na formação da umbanda: suas raízes se encontram nas tradições religiosas africanas, trazidas pelos escravizados, unificadas às crenças indígenas dos povos nativos do Brasil. O sincretismo religioso com o catolicismo também foi fundamental para a formação da umbanda e, como já apontado anteriormente, para sua sobrevivência em um contexto histórico de opressão e discriminação.

O candomblé de caboclo, com suas raízes no candomblé angola, se caracteriza pela percussão manual dos atabaques, cantos em português com termos de origem banto e pela valorização de elementos da cultura nacional. A idealização da cultura indígena, associada a símbolos como as matas, as cores verde e amarelo e o sincretismo católico, fortalece a identidade brasileira dessa religião. A Umbanda, por sua vez, ao incorporar a matriz cabocla, acrescentou elementos éticos e moralizantes, inspirados no kardecismo, tornando-se uma religião distinta do candomblé de caboclo (Prandi; Vallado; Souza, 2001, p.123).

Allan Kardec, cujo nome verdadeiro era Hippolyte Léon Denizard Rivail, codificou o espiritismo, também conhecido popularmente por Kardecismo, em 1854, apresentando uma perspectiva sobre a vida após a morte. Essa doutrina propõe a possibilidade de comunicação com espíritos de pessoas falecidas por meio de médiuns, revitalizando a antiga prática da necromancia. Nas sessões espíritas, espíritos mais evoluídos, como médicos, padres e professores, podem se manifestar para oferecer conselhos e orientação espiritual. No entanto, a presença de espíritos menos evoluídos também é possível, sendo eles sujeitos a processos de doutrinação e encaminhamento para a luz (Zacharias, 2023, p.223-224).

O espiritismo, também conhecido como kardecismo, foi introduzido no Brasil pela elite intelectual que, ao retornar da Europa, trouxe consigo as novas ideias de Allan Kardec. Essa doutrina, que combinava elementos religiosos, científicos e filosóficos, rapidamente ganhou adeptos entre as classes mais cultas da sociedade brasileira. As primeiras práticas espíritas ocorriam em reuniões restritas, realizadas em casas particulares, com o objetivo de estabelecer contato com o mundo espiritual (Zacharias, 2023, p.224).

A umbanda, rica em sincretismo e manifestações culturais diversas, carrega consigo marcas profundas da influência do espiritismo codificado por Allan Kardec. Essa interação moldou significativamente a umbanda, conferindo-lhe elementos doutrinários e práticas que transcendem suas raízes africanas e indígenas. A crença na mediunidade, na reencarnação, na caridade e na evolução espiritual são pilares comuns a ambas as religiões. O espiritismo forneceu à umbanda uma estrutura doutrinária mais organizada, com conceitos como a lei de causa e efeito e a importância do livre-arbítrio. A valorização do estudo e da pesquisa, características do espiritismo, influenciou a forma como os umbandistas abordam questões relacionadas à espiritualidade.

A relação entre a umbanda e o espiritismo é complexa e multifacetada. A estrutura organizacional de muitos centros espíritas serviu de modelo para a organização dos terreiros de umbanda. Apesar das semelhanças, a umbanda, com suas raízes africanas e indígenas, possui um forte componente ritualístico e uma cosmogonia mais complexa, envolvendo uma variedade de entidades espirituais. O espiritismo, por sua vez, tem uma base mais racional e filosófica, com um foco maior na doutrina e na investigação científica. A relação entre as duas religiões é um exemplo de como diferentes tradições espirituais podem se interagir e se enriquecer mutuamente.

A emergência do kardecismo no Brasil esteve intrinsecamente ligada às transformações sociais e políticas do século XIX. Ao se valer de mecanismos modernos de divulgação e ao se aproximar dos valores morais e científicos da elite brasileira, a doutrina kardecista conseguiu se consolidar e obter reconhecimento institucional. Essa ascensão esteve acompanhada da necessidade de se diferenciar dos cultos de possessão, considerados "incivilizados" e associados a distúrbios mentais. Essa distinção, que separava o "civilizado" do "incivilizado", contribuiu para

a construção de uma hierarquia racial e cultural, em que a cultura europeia era valorizada em detrimento das culturas afro-brasileira e indígena. Essa construção hierárquica, por sua vez, foi reforçada pelos discursos da medicina e da ciência da época, que associavam características físicas e culturais a determinadas qualidades morais e intelectuais (Rivas, 2013, p.120, 123-125).

A classificação racial e cultural do século XIX no Brasil resultou na desvalorização de negros, indígenas e miscigenados. Essas populações foram associadas a aspectos considerados inferiores em diversos âmbitos: físico, mental, social, cultural e espiritual. Essa visão, legitimada por estudos científicos da época, contribuiu para a construção de uma hierarquia social que justificava a desigualdade e a exclusão (Rivas, 2013, p.120, 123-125).

A umbanda, fruto de um longo processo de sincretismo religioso, possui raízes que remontam aos primeiros quilombos brasileiros. A fusão de elementos católicos, indígenas e africanos, presente desde os calundus, foi se complexificando ao longo dos séculos, passando pela cabula e pela macumba. A incorporação do espiritismo kardecista no final do século XIX foi um marco importante nesse processo, contribuindo para a legitimação da umbanda como religião. Assim, a umbanda é resultado de um diálogo inter-religioso que se desenvolveu em quatro fases distintas, culminando na sua institucionalização em 1908 (Costa, 2013, p.108).

Foi nesse contexto que se desenvolveu o mito de origem da umbanda, centrado na figura de Zélio Fernandino de Moraes, filho de um kardecista e com uma forte formação cristã, e levanta questões importantes sobre a legitimação de uma religião que já estava presente no Brasil, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Para desvendar esse mito, é necessário analisar esse contexto histórico e social em que ele surgiu, bem como o papel de Zélio na construção dessa narrativa, um jovem de ascendência europeia nascido em 1891 em uma família tradicional de Neves, próxima a Niterói, que teve sua vida profundamente marcada pela espiritualidade. Iniciou sua trajetória mediúnicamente aos 17 anos, sob a orientação de Tio Antônio, um preto-velho que se manifestava na rezadeira negra Dona Cândida (Rivas, 2013, p.126).

Em relatos de suas filhas Zélia e Zilméia, Zélio de Moraes frequentava desde jovem a mesa espírita de seu avô. Nesses encontros, já havia manifestações de espíritos de caboclo que, embora presentes, não eram reconhecidos ou aceitos no

contexto kardecista. Aos 17 anos, quando enfrentou uma doença, Zélio buscou a cura em uma rezadeira, cuja entidade, Tio Antônio, apresentava características semelhantes a outros espíritos de caboclo que já havia conhecido. Esse episódio evidencia a existência de práticas umbandistas em um período anterior à fundação oficial da religião, indicando uma busca por cura e espiritualidade que transcendia os limites do kardecismo (Rivas, 2013, p.129).

A trajetória de Zélio de Moraes demonstra a necessidade de romper com os limites do espiritismo kardecista para dar espaço a uma nova expressão religiosa. Ao incorporar o Caboclo das Sete Encruzilhadas e receber a orientação de fundar uma tenda de umbanda, Zélio iniciou um processo de construção de uma identidade religiosa própria (Zacharias, 2023, p.228), em que se estabelece o mito fundante da umbanda. A questão da origem do nome umbanda e do ato de nomear essa nova religião é um ponto central e controverso nos estudos sobre sua história. A escassez de registros históricos sobre esse período inicial dificulta a compreensão desse processo e exige uma investigação aprofundada, que contemple tanto a perspectiva acadêmica quanto a espiritual (Rivas, 2013, p.130).

De acordo com Leal de Souza, o Caboclo Curuguçu desempenhou um papel fundamental nos preparativos para a chegada do Caboclo das Sete Encruzilhadas, considerado o fundador da umbanda. No entanto, o autor não estabelece uma ligação direta entre Curuguçu e o ato de fundação da religião. Diamantino Trindade, em seu livro *Umbanda: Um Ensaio de Eclétismo*, aprofunda essa discussão, sugerindo que Curuguçu atuou por um período considerável antes de Sete Encruzilhadas, preparando o terreno para o surgimento da umbanda (Rivas, 2013, p.130). Desta forma, é importante destacar que, conforme já apresentado anteriormente, as práticas religiosas e rituais presentes na umbanda já eram praticados.

Segundo Rivas (2013, p.130-131):

Em uma gravação na internet, em que Zélio de Moraes contava sua própria história, ele frisa a necessidade da criação, de uma tenda de Umbanda, na qual os pretos e caboclos pudessem trabalhar. Isso antes do mito de origem, não deixando dúvidas quanto à preexistência dessas entidades e seu trabalho.

Então, em 15 de novembro de 1908, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade foi fundada, marcando o início da umbanda, segundo o mito de fundação. No entanto, nesse momento inicial, a nova religião ainda apresentava características

próximas do kardecismo, sem a presença de elementos como atabaques e dança ritual, que se tornariam marcantes em sua identidade posteriormente (Zacharias, 2023, p.228). Sobre a nomenclatura:

O termo umbanda deriva do vocabulário quimbundo ki-mbanda que significa feiticeiro ou xamã, o termo manda acrescido da vogal 'u' remete à arte mágica da cura, orientação e adivinhação por meio de práticas mágicas (Cacciatore, 1977; Ligiéro, 2000 apud Zacharias, 2023, p.228).

A umbanda se expandiu rapidamente pelo Brasil, com a fundação do primeiro terreiro em São Paulo, em 1930, e a realização do primeiro congresso umbandista no Rio de Janeiro, em 1941 (Prandi, 1991, p.49).

A umbanda, como expressão religiosa da miscigenação cultural brasileira, foi alvo de discriminação por parte do espiritismo kardecista. A visão eurocêntrica e maniqueísta do kardecismo, que dividia o mundo entre o verdadeiro e o falso, classificou a umbanda como um baixo espiritismo, associando-a à ignorância e à superstição. A Federação Espírita Brasileira, em busca de purificar o espiritismo, intensificou a perseguição aos praticantes de umbanda, utilizando argumentos religiosos e científicos para justificar suas ações. Embora as tentativas de desqualificar a umbanda não tenham sido bem-sucedidas em afastar seus seguidores, elas contribuíram para aumentar o preconceito e a perseguição contra essa religião, tanto no âmbito social quanto no jurídico (Rivas, 2013, p.120, 123-125).

Esse cenário histórico reflete a complexa relação entre a umbanda, o espiritismo kardecista e as dinâmicas de poder e identidade religiosa no Brasil. A umbanda, como expressão sincrética da cultura afro-brasileira, sempre foi vista com desconfiança e estigmatizada pelas elites dominantes, inclusive por setores do próprio movimento espírita.

A associação da umbanda com a magia, presente em suas práticas e cosmologia, foi um dos principais elementos utilizados para desqualificá-la e marginalizá-la. A magia, muitas vezes vista como oposta à razão e à ciência, foi utilizada como um argumento para acusar a umbanda de ser uma religião inferior, supersticiosa e atrasada. Essa visão, reforçada por discursos científicos e religiosos da época, contribuiu para a construção de uma hierarquia religiosa em que o espiritismo kardecista, alinhado aos valores da cultura europeia, ocupava um lugar de destaque, enquanto a umbanda era relegada às margens da sociedade.

A Federação Espírita Brasileira (FEB), ao buscar uma purificação do espiritismo, intensificou a perseguição à umbanda, acusando-a de praticar um baixo espiritismo e de ser responsável por diversas mazelas sociais. Essa visão maniqueísta, que dividia o mundo entre o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, permitiu à FEB justificar a exclusão e a marginalização da umbanda.

É importante ressaltar que a associação da umbanda à magia não é uma característica negativa, mas sim um elemento fundamental de sua identidade religiosa. A magia, na umbanda, é compreendida como uma força transformadora e um instrumento de cura, utilizado para estabelecer uma conexão com o mundo espiritual e promover o bem-estar dos indivíduos e da comunidade.

Historiadores e sociólogos apontam 1930 como um marco divisor na história do Brasil. A chegada de Vargas ao poder coincide com a conclusão de um longo processo de transformação socioeconômica. A antiga ordem agrária, com seu sistema de produção rural, cede lugar a uma nova realidade marcada pela industrialização, urbanização e pela formação de uma sociedade de classes. A transferência do poder político e econômico do campo para as cidades é um dos traços mais marcantes desse período. A partir de 1930, o Brasil inicia um processo de construção de um mercado interno e consolida sua industrialização, que já vinha se esboçando desde o início do século XX (Ortiz, 1999, p.31).

A emergência da umbanda no Brasil está intrinsecamente ligada às profundas transformações sociais ocorridas no país, especialmente na primeira metade do século XX. Enquanto a sociedade brasileira passava por um processo de desagregação da ordem agrária e rural, dando lugar a uma nova realidade urbana e industrial, a umbanda surgia como uma expressão religiosa que espelhava e, ao mesmo tempo, influenciava essas mudanças (Ortiz, 1999, p.32).

A consolidação da sociedade de classes, com a intensificação do processo de urbanização e industrialização, proporcionou um ambiente fértil para o desenvolvimento da umbanda. A religião, em sua essência sincrética, absorveu elementos das tradições afro-brasileiras, adaptando-os à nova realidade social e cultural. A umbanda não se originou de um evento específico ou de uma figura messiânica, mas sim de um processo histórico mais amplo. É importante destacar que a umbanda não apenas refletiu as transformações sociais, mas também as canalizou.

Ao organizar as diversas práticas religiosas afro-brasileiras, a umbanda contribuiu para a preservação de elementos culturais que poderiam ter se perdido em um contexto de crescente individualismo e urbanização. No entanto, essa organização também implicou em uma reinterpretação e codificação dessas tradições, adaptando-as aos valores e às expectativas da nova sociedade (Ortiz, 1999, p.31-32).

A figura do intelectual umbandista desempenhou um papel crucial nesse processo. Brancos e mulatos, muitas vezes com formação escolar, foram responsáveis por sistematizar os conhecimentos e práticas religiosas, dando à umbanda uma estrutura mais organizada e coerente. Ao fazerem isso, eles contribuíram para a construção de uma nova identidade religiosa, que combinava elementos africanos com valores da sociedade brasileira. Em resumo, a umbanda não pode ser compreendida isoladamente das transformações sociais que marcaram o Brasil no século XX. A religião emergiu como uma resposta às necessidades e aspirações de uma população em constante mutação, oferecendo um sistema de crenças e práticas que permitia aos seus adeptos lidar com as incertezas e desafios da modernidade (Ortiz, 1999, p.32-33).

A formação da umbanda é um processo complexo e multifacetado, marcado por um duplo movimento: o embranquecimento das tradições afro-brasileiras e o empretecimento de práticas espíritas e kardecistas (Ortiz, 1999, p.32-33).

O termo embranquecimento, segundo a perspectiva de Roger Bastide, refere-se à tentativa dos indivíduos negros de ascender na escala social, adotando os valores e padrões da sociedade branca. Nesse contexto, a negação das raízes africanas torna-se uma estratégia para alcançar uma posição social mais elevada. A umbanda, nesse sentido, reflete essa dinâmica, incorporando elementos das tradições afro-brasileiras de forma a torná-los mais palatáveis para um público branco (Ortiz, 1999, p.32-33).

Por outro lado, o empretecimento indica a apropriação de elementos das culturas afro-brasileiras por setores da sociedade branca, especialmente por aqueles ligados ao espiritismo kardecista. Esse movimento revela um interesse em explorar o exótico e o diferente, mas sem uma verdadeira valorização das raízes africanas. Os elementos afro-brasileiros são selecionados e adaptados para atender aos interesses

e às expectativas de um público branco, sendo reinterpretados de acordo com os valores e as crenças dominantes (Ortiz, 1999, p.32-33).

É importante destacar que o embranquecimento e o empretecimento não são processos isolados, mas interligados. A criação da umbanda envolveu uma complexa negociação entre esses dois movimentos, resultando em uma religião sincrética que, ao mesmo tempo em que preservava elementos das tradições africanas, os transformava e os adaptava ao contexto social brasileiro (Ortiz, 1999, p.32-33).

As crenças afro-brasileiras se impregnam do espiritismo kardecista e do mundo branco; assim como uma camada de espíritas kardecistas se apropria das tradições afro-brasileiras, sendo a influência do catolicismo intrínseca a esses dois tipos de religião. Com efeito, apesar das diferenças, as práticas afro-brasileiras são marcadas pelo catolicismo, do mesmo modo que o espiritismo de Allan Kardec aplica a moral cristã ao mundo dos espíritos. Desta forma, a Igreja penetra no culto umbandista através do altar, das imagens dos santos, dos cânticos que tendem a substituir a música ritmada pelos atabaques; essas transformações correspondem à desagregação da memória coletiva negra, que se realiza desde a época colonial; elas somente acentuam certos traços desde há muito esboçados (Ortiz, 1999, p.33-34).

A década de 1940 marca um momento crucial para a consolidação da umbanda como religião organizada. A criação da Federação Espírita de Umbanda em 1939, seguida pelo primeiro Congresso Umbandista em 1941, impulsionou a necessidade de codificar os ritos e dogmas da religião (Ortiz, 1999, p.43-44).

A produção literária sobre a umbanda floresceu nesse período, com a publicação de livros que descreviam os fundamentos da religião, os ritos e as práticas espirituais. Autores como Waldemar L. Bento e João de Freitas se destacaram na divulgação da Umbanda, contribuindo para a formação de um corpo doutrinário e ritualístico mais estruturado. A proliferação de publicações umbandistas, tanto no Rio de Janeiro como em outras regiões do país, como São Paulo, demonstra o crescente interesse pela religião e a necessidade de um material didático para os praticantes. A diversificação da literatura umbandista revela a existência de diferentes tendências e interpretações dentro da religião. No entanto, os livros desempenharam um papel fundamental na unificação e codificação dos conhecimentos religiosos, contribuindo para a construção de uma identidade religiosa mais coesa. Além disso, as publicações

umbandistas serviam como veículo para a divulgação das ideias e aspirações de diversos grupos e federações que compunham o movimento umbandista (Ortiz, 1999, p.43-44).

A partir da década de 1950, a proliferação de federações umbandistas em diferentes níveis (municipal, regional, estadual e nacional) demonstra a crescente organização e institucionalização da religião. Essas federações desempenharam um papel importante na unificação dos praticantes, na padronização dos ritos e na defesa dos direitos religiosos (Ortiz, 1999, p.43-44).

Apesar do esforço de unificação representado pelas federações umbandistas, a realidade é marcada por diversas divergências e disputas internas. Nota-se uma fragmentação do movimento, com diversas entidades reivindicando o mesmo território e disputando o poder de representação. A cidade de Santos, por exemplo, abriga múltiplas federações, cada uma buscando se consolidar como a voz oficial da umbanda no estado. Essas disputas internas não impedem que a umbanda se consolide como uma religião organizada. A existência de uma elite umbandista, composta por profissionais liberais como advogados, jornalistas e médicos, desempenha um papel fundamental nesse processo. Essa elite atuou como intermediária entre os terreiros e as autoridades, oferecendo suporte jurídico e político aos líderes religiosos (Ortiz, 1999, p.45).

A organização de congressos nacionais, como os realizados em 1941, 1961 e 1973, demonstra a tentativa de superar as divergências internas e construir uma identidade religiosa unificada. Esses eventos proporcionam um espaço para o debate de ideias, a troca de experiências e a definição de diretrizes para o futuro da umbanda. Em suma, a umbanda, apesar de suas divisões internas, apresenta um movimento crescente de institucionalização e reconhecimento social. A criação de federações, a produção de literatura especializada e a realização de congressos são exemplos desse processo de consolidação. A meta final é alcançar o reconhecimento pleno da umbanda como religião legítima pelo Estado e pela sociedade brasileira.

A autora Pinto (2022, p.16), em sua obra, *Umbanda Preta: raízes africanas e indígenas*, levanta o seguinte questionamento: “*porque as principais matrizes da Umbanda são os povos indígenas e africanos, que se manifestam nos templos como orixás, pretas-velhas e pretos-velhos, caboclas e caboclos e outras falanges que têm*

*suas respectivas etnias ancestrais, como ciganos, campineiros, cangaceiros, juremeiros, marinheiros etc.”?*

A umbanda, fundamentada nas falanges de pretos-velhos e caboclos, possui raízes profundas nos povos indígenas e africanos. É crucial reconhecer que essa religião não tem origem europeia ou cristã, mas sim nas culturas ancestralmente presentes nas Américas e na África. A imposição da colonização, marcada pela escravidão, genocídio e violência, obscureceu essa verdade por séculos. É urgente desconstruir esse racismo histórico e reconhecer a dívida que a sociedade brasileira tem para com os povos originários e africanos (Pinto, 2022, p.16-17).

As raízes da umbanda, ancoradas nas falanges dos pretos-velhos e caboclos, mergulham em um oceano de sabedoria ancestral que transcende os limites do tempo. Os povos indígenas e africanos, de onde essa sabedoria emana, possuem conhecimentos milenares que floresceram em terras americanas e africanas muito antes da chegada dos europeus. A cura, a filosofia e a organização social eram práticas refinadas por essas civilizações, desafiando a noção de que a história da humanidade se inicia há pouco mais de 2000 anos, com a era cristã (Pinto, 2022, p.16-17).

A umbanda, independentemente de suas vertentes atuais, tem suas raízes nas heranças culturais dos povos indígenas nativos do Brasil e dos povos africanos escravizados pelo europeu, nas terras brasileiras, mas em sua essência, resgata a sabedoria, a ritualística e magia das tribos indígenas e nações africanas que forjaram o Brasil do suor e sangue de seus trabalhos. A umbanda representa os povos mais antigos, a relação sagrada com a natureza e o reconhecimento dos povos que formaram, direta ou indiretamente, a nação brasileira.

A umbanda, em sua essência, é um eco das florestas ancestrais e dos ritmos africanos que moldaram o Brasil. Nascida do encontro entre as almas indígenas e africanas, a Umbanda carrega a sabedoria milenar de seus antepassados que, mesmo diante da opressão, mantiveram viva a chama da espiritualidade. Essa religião é um tributo aos povos originários e um chamado para a reconciliação com a natureza e com a história.

## 1.2. A umbanda sagrada de Rubens Saraceni

Para entender a umbanda sagrada de Rubens Saraceni, vamos voltar algumas décadas. A partir de 1952, a Igreja Católica, preocupada com a perda de fiéis para o protestantismo e o espiritismo, intensificou sua oposição a outras práticas religiosas. No Brasil, a umbanda, com suas raízes no espiritismo kardecista, tornou-se um alvo específico dessas críticas. A então recém-criada CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1953, identificou a umbanda, juntamente com o protestantismo, o comunismo e a maçonaria, como uma ameaça à hegemonia católica. A Igreja Católica considerava o espiritismo a doutrina mais perigosa, alegando que ele corroía a religiosidade popular. Esse posicionamento da Igreja Católica refletia o contexto de disputa religiosa e ideológica da época, marcado pela busca por fiéis e pela defesa da ortodoxia católica (Kloppenborg, 1964, p.17-18; Costa, 2013, p.122-123).

A umbanda, ao adentrar o cenário político, revelou uma profunda divisão interna: a umbanda "branqueada", associada à classe média, e a umbanda de matriz africana, ligada à classe popular. Essa polarização permitiu o fortalecimento de um movimento de resgate dos elementos africanos, liderado por figuras como Tancredo da Silva Pinto, conhecido como Tatá Tancredo, fundador da FEU – Federação Espírita de Umbanda. Ao retomar as favelas, Tatá Tancredo reintroduziu elementos culturais e religiosos africanos que haviam sido marginalizados pela umbanda branca. Paralelamente, Benjamim Figueiredo Gonçalves, fundador da Tenda Espírita Mirim, também contribuiu para a diversificação da umbanda, distanciando-se das ideias de Zélio de Moraes. No Rio Grande do Sul, a partir de 1961, surgiu a linha cruzada, que sintetizou elementos da umbanda branca e da umbanda de matriz africana, promovendo um resgate dos elementos culturais africanos que haviam sido negligenciados. A linha cruzada representa um esforço para conciliar diferentes vertentes da umbanda, valorizando tanto a espiritualidade quanto as raízes africanas (Costa, 2013, p.123).

A década de 1950 foi marcada por uma intensificação da repressão policial às religiões de matriz africana no Rio de Janeiro, com a macumba sendo o principal alvo. Nesse contexto, a umbanda, ao adotar um sincretismo mais acentuado com o espiritismo kardecista e se denominar 'espiritismo de umbanda', conseguiu uma maior

aceitação social e, conseqüentemente, menor perseguição. As religiões que mantiveram uma ligação mais direta com as tradições africanas, por sua vez, foram marginalizadas e rotuladas como macumba. Em resposta a essa situação, surgiram diversas denominações como umbanda mista, umbanda traçada ou cruzada, e umbanda omolocô, que buscavam preservar a identidade africana de suas práticas e resistir à imposição de uma identidade religiosa mais branqueada (Costa, 2013, p.123-124; Cumino, 2022, p.254-255).

A umbanda, desde sua origem em 1908, sofreu transformações significativas, adaptando-se às mudanças sociais e políticas do Brasil. No entanto, ao longo de sua história, a religião passou por um processo de elitização, marcado pela exclusão de elementos africanos mais tradicionais e pela valorização de aspectos considerados mais "espirituais" e "civilizados". Essa dinâmica, influenciada pela classe dominante, resultou em uma hierarquização interna da umbanda, marginalizando as práticas mais ligadas às raízes africanas e fortalecendo aquelas mais próximas do espiritismo kardecista. A busca por uma identidade religiosa mais "branqueada" e aceitável socialmente levou à criação de uma umbanda mais elitizada, distanciando-se das práticas populares e das classes menos favorecidas (Costa, 2013, p.124).

A abertura da Igreja católica para as religiões espíritas foi motivada por fatores internos e externos. Internamente, o Concílio Vaticano II, em 1961, trouxe uma nova perspectiva sobre a diversidade religiosa. Externamente, as transformações sociais e a concorrência com outras religiões impulsionaram a Igreja a se adaptar. Essa mudança não significa uma completa aceitação, mas uma estratégia para manter sua influência em um mundo cada vez mais plural. Sequencialmente, a umbanda, após o golpe militar de 1964, adotou, em sua maioria, um posicionamento político conservador, alinhando-se com os ideais da direita. Líderes umbandistas de esquerda, especialmente no Rio Grande do Sul e em São Paulo, foram perseguidos. No entanto, no Rio de Janeiro, essa perseguição não foi tão intensa. Visando a aproximação com o regime militar, muitos líderes umbandistas adotaram posturas conservadoras (Costa, 2013, p.125).

Esse posicionamento contribui para:

Diferentemente da ditadura anterior, sob Vargas, este novo governo militar não negou aos umbandistas seus direitos políticos enquanto umbandistas nem a liberdade da prática religiosa. Ao contrário, a ditadura apoiou os ganhos políticos e sociais alcançados nos 15 anos anteriores e auxiliou a

institucionalização. Foi sob a ditadura militar que o registro dos centros de Umbanda passou da jurisdição policial para a civil, que a Umbanda foi reconhecida como religião no censo oficial, e que muitos dos seus feriados religiosos foram incorporados aos calendários públicos locais e nacionais, de caráter oficial (Brown, 1985, p.35-36).

A umbanda, após o período de alinhamento com o regime militar, vivenciou um movimento de resgate de suas raízes africanas, liderado por figuras como Tancredo da Silva Pinto. Essa nova abordagem, que valorizava elementos considerados primitivos pela elite, buscava atender aos anseios das camadas populares, que se viam marginalizadas e distanciadas de suas origens culturais. Ao mesmo tempo, a umbanda tradicional, buscando a aceitação da classe dominante, mantinha um sincretismo com o catolicismo e o espiritismo, adaptando-se às mudanças sociais e políticas para garantir sua legitimidade (Costa, 2013, p.126-128).

A década de 1970 marcou um período de grande crescimento para a umbanda, com a realização de grandes eventos e a proliferação de centros religiosos em todo o país. No entanto, a partir dos anos 1980, a religião passou a enfrentar um declínio significativo, impulsionado pelo avanço do protestantismo. A promessa de uma vida melhor e a valorização do sagrado, características marcantes do protestantismo, atraíram, sobretudo, as classes mais populares, que buscavam uma saída para suas dificuldades sociais e econômicas (Costa, 2013, p.126-128).

A umbanda, a partir da década de 1980, enfrentou um declínio significativo em seu número de adeptos, chamado de esvaziamento ou refluxo. Diversos fatores contribuíram para essa situação, como a desorganização interna, a falta de orientação doutrinária e a crescente influência da mídia, que veiculava informações negativas sobre a religião. A ascensão das igrejas neopentecostais, com suas mensagens incisivas e promessas de uma vida melhor, também exerceu um papel crucial nesse processo. A umbanda, por sua vez, encontrava-se fragmentada e sem uma identidade clara, tornando-se um alvo fácil para as investidas dos neopentecostais (Cumino, 2022, p.290-292).

A perda de influência da umbanda pode ser atribuída a diversos fatores, como o fim dos movimentos nacionalistas, a desvalorização da cultura brasileira e a crescente influência da cultura estrangeira. A umbanda, nesse contexto, tornou-se uma contracultura, perdendo o apoio de políticos e artistas e sofrendo com a

discriminação. A falta de uma literatura unificada e consistente sobre a umbanda dificultou a compreensão e a defesa da religião, tanto internamente quanto externamente (Cumino, 2022, p.290-292).

A mídia sensacionalista, por sua vez, contribuiu para a disseminação de estereótipos negativos sobre a umbanda, explorando casos isolados para gerar escândalos. A falta de conhecimento sobre a religião e a influência das pregações neopentecostais, que demonizavam as práticas umbandistas, levaram muitos adeptos a abandonar a religião em busca de outras alternativas, como o espiritismo, o candomblé e o *New Age*. Os neopentecostais, por sua vez, adotaram estratégias eficazes para atrair novos fiéis, como a utilização de elementos da cultura popular e a realização de grandes eventos (Cumino, 2022, p.290-292).

A umbanda, fragilizada e desorganizada, não conseguiu resistir à ofensiva das igrejas neopentecostais, que ofereciam uma estrutura religiosa mais organizada e atrativa. Embora a umbanda tenha perdido muitos adeptos, aqueles que permaneceram na religião demonstram uma fé mais profunda e convicta. No entanto, a umbanda ainda enfrenta desafios significativos para se manter viva e relevante em um contexto religioso cada vez mais competitivo (Cumino, 2022, p.290-292).

O sincretismo religioso, presente na formação da umbanda, apresentou-se de diversas maneiras ao longo do tempo. Inicialmente, serviu como forma de resistência cultural, permitindo que os africanos escravizados mantivessem suas tradições religiosas em um contexto de opressão. Posteriormente, o sincretismo foi utilizado como ferramenta de adaptação e negociação, buscando conciliar diferentes crenças e práticas religiosas. Em alguns casos, o sincretismo foi empregado de forma intencional, com objetivos específicos, como a ampliação do número de seguidores (Costa, 2013, p.131).

No entanto, nas últimas décadas, tem-se observado um movimento contrário ao sincretismo entre alguns grupos afro-brasileiros. Esses grupos buscam resgatar a pureza original de seus cultos, rejeitando as influências de outras religiões e culturas.

Essa postura, conhecida como anti-sincretismo, busca eliminar as sincretizações ocorridas ao longo da história, fechando-se para novas influências e buscando uma identidade religiosa mais homogênea e autêntica. Essa tendência, no entanto, entra em conflito com a própria natureza dinâmica e híbrida das religiões afro-

brasileiras, que se construíram a partir do encontro e da interação de diferentes culturas e tradições (Costa, 2013, p.131). Para Oro (1996, p.142), “recuperar a autoridade sobre uma tradição sagrada que deve ser reintegrada como antídoto contra uma sociedade que se soltou de suas amarras institucionais”.

Diante dessas mudanças sociais, políticas, econômicas e religiosas do século XXI, a umbanda, com sua trajetória centenária, se adaptou a um novo cenário. Em resposta a essas transformações, emergiram três grandes correntes dentro da umbanda: a umbanda sagrada, que busca uma maior espiritualidade e pureza; a umbanda iniciática – também denominada de umbanda esotérica, que valoriza o conhecimento esotérico e os rituais mais complexos; e a umbanda cruzada ou linha cruzada, que busca uma maior aproximação com as culturas africanas e indígenas. É neste contexto que o médium e sacerdote de umbanda, Rubens Saraceni, apresenta a umbanda sagrada:

A Umbanda Sagrada liderada por Rubens Saraceni, e que é a depositária da Umbanda instaurada em 1908, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do médium, Zélio Fernandino de Moraes, possui atualmente uma escola teológica em São Paulo (Costa, 2013, p.131-132).

Nascido em Osvaldo Cruz, São Paulo, em 1951, Rubens Saraceni dedicou sua vida à espiritualidade. Sua jornada iniciou-se no espiritismo, mas foi na umbanda que encontrou seu propósito, tornando-se sacerdote e psicografando inúmeros livros sob a orientação de mestres espirituais. Movido pela vontade de compartilhar o conhecimento transmitido pelos seus Mestres da Luz, Rubens Saraceni criou o curso de Teologia de Umbanda, que visa oferecer aos médiuns umbandistas uma base sólida nos fundamentos da religião. Com o objetivo de espelhar os grandes centros de aprendizado espirituais, segundo Saraceni, seus Mestres da Luz incentivaram a criação do Colégio Pai Benedito de Aruanda. Essa instituição tem como propósito fornecer uma formação completa em umbanda, abrangendo desde a iniciação mediúmica até o estudo profundo da doutrina, dos orixás e da divindade suprema, Olorum (Colégio de Magia, 2024).

Fundado em 13 de maio de 1999, o Terreiro Pai Benedito de Aruanda, de Saraceni, serve como centro irradiador de informações e práticas da umbanda

sagrada e da magia divina<sup>2</sup> (Capelli, 2017, p.30). Além de outras contribuições, Saraceni também é o fundador do Colégio de Magia Divina, instituição que tem como objetivo principal oferecer apoio e orientação aos praticantes de magias, proporcionando um espaço para o desenvolvimento de suas habilidades tanto no mundo material quanto no espiritual (Colégio de Magia, 2024).

Para Saraceni (2019, p.11), a umbanda, como uma religião em formação, enfrentou o desafio de ser mal explicada e mal compreendida por outras crenças. Essa dificuldade se origina da diversidade de interpretações doutrinárias dentro da umbanda e da profunda influência da cultura cristã brasileira, que permeia o inconsciente religioso de grande parte da população.

É no inconsciente religioso brasileiro, além da forte presença da religião cristã, que coexistem valores religiosos originários dos povos indígenas que habitavam o território antes da colonização, assim como dos povos africanos trazidos para cá como escravos a partir do século XVI (Saraceni, 2019, p.11).

A umbanda, com suas raízes nas culturas indígenas e africanas, carrega consigo uma história de perseguição e desvalorização. Seus valores religiosos, que remontam há milhares de anos, foram por muito tempo marginalizados e considerados inferiores em relação ao cristianismo. Mesmo nos dias atuais, a umbanda continua sendo alvo de ataques por parte de algumas correntes evangélicas, que tentam impor sua visão de mundo e desrespeitar a fé de milhões de pessoas (Saraceni, 2019, p.11-12).

Para Saraceni, a umbanda, em sua rica e complexa formação, reúne elementos de diversas tradições religiosas. Seus fundamentos encontram-se nos cultos africanos, nas crenças indígenas, na doutrina espírita kardecista, no catolicismo e, em menor grau, no budismo e hinduísmo. Além disso, a umbanda possui um forte componente mágico, sendo considerada uma religião magística por excelência. Essa

---

<sup>2</sup> O termo magia divina é muito comum nas obras do autor Rubens Saraceni. Para ele a magia divina é um sistema de conhecimento que nos conecta com os poderes divinos e nos permite utilizá-los em nosso benefício e em benefício de todos. É uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento pessoal e espiritual que nos capacita a realizar mudanças positivas em nossas vidas e no mundo ao nosso redor. A magia divina se baseia na crença de que todos nós estamos conectados a uma força superior, um poder criador que permeia todo o universo. Ao praticar a magia, estabelecemos uma conexão mais profunda com essa força, permitindo que ela flua através de nós. Utiliza diversas ferramentas, como cristais, velas, ervas, símbolos e rituais, para amplificar a energia e facilitar a manifestação dos nossos desejos.

característica a distingue, pois dentro de seus templos, a magia negativa é combatida e neutralizada pelos espíritos que se manifestam nos médiuns. (Saraceni, 2019, p.11-12).

Para Saraceni (2019, p.12-16), é possível identificar quatro correntes religiosas interpretadas por ele da seguinte forma:

**1ª corrente – espíritos nativos:** a umbanda, em sua essência, carrega a herança dos povos indígenas que habitavam o Brasil antes da colonização. A tradição xamânica com sua prática da mediunidade e sua crença na imortalidade da alma é um dos pilares da umbanda. A crença na vida após a morte, a comunicação com o mundo espiritual, presente nos rituais indígenas e na influência dos espíritos no mundo dos vivos era parte intrínseca dessas culturas, sendo transmitida para a umbanda. Os povos indígenas, apesar de não possuírem uma crença tão elaborada quanto o espiritismo, já acreditavam há milênios na existência de espíritos e divindades. Essa crença estava profundamente ligada à natureza e aos elementos da criação, sendo parte fundamental de suas cosmovisões. Os povos indígenas possuíam um sistema de crenças centrado em um panteão de divindades ligadas aos elementos da natureza e às forças do universo. Embora não tivessem a mesma concepção de Deus e dos anjos como o cristianismo, eles reverenciavam e temiam essas divindades, buscando sua proteção em momentos de necessidade. Paralelamente, acreditavam na existência de espíritos malignos e de forças demoníacas, sem, no entanto, possuir a mesma elaboração teológica que a religião cristã introduziu na região.

**2ª corrente – nações africanas:** os cultos africanos, em suas tradições milenares, apresentam uma visão complexa do mundo, com um panteão de divindades e uma crença profunda nas forças sobrenaturais. Seus sacerdotes, detentores de um conhecimento profundo dos mistérios do universo, utilizam rituais e magias para restabelecer o equilíbrio cósmico e auxiliar seus seguidores. Carregam consigo a crença na imortalidade dos espíritos e em sua influência sobre o mundo dos vivos. Essa crença se manifesta em cultos elaborados, como o egungun dos povos nigerianos, que honram os ancestrais

e buscam sua proteção e orientação. A veneração dos ancestrais, através de rituais complexos, é um dos pilares mais importantes das religiões de matriz africana, preservada até os dias atuais. Essa prática religiosa precede o cristianismo e está presente em diversas culturas antigas, assim como a crença na imortalidade da alma e na influência dos espíritos sobre os vivos, sendo este um elemento comum a essas e a muitas outras religiões antigas. Os cultos africanos possuem uma rica tradição oral, em que lendas e mitos transmitidos de geração em geração preservam conhecimentos profundos sobre a criação do universo, a origem do homem e eventos cósmicos, similar ao evento cristão do dilúvio. Essas narrativas, elaboradas e complexas, revelam uma cosmovisão sofisticada e merecem ser estudadas com isenção, livre de preconceitos e julgamentos. A umbanda, que herdou dos cultos africanos um vasto panteão de divindades, mantém essa tradição, concebendo os orixás como senhores divinos que protegem seus filhos. Assim como os cristãos creem na existência de anjos da guarda, a umbanda estabelece um vínculo entre o indivíduo e sua divindade regente através de rituais específicos. O fenômeno da incorporação espiritual, presente em diversas culturas africanas, é uma prática ancestral que antecede o cristianismo e o espiritismo kardecista. Os povos africanos trazem consigo rituais complexos e eficazes para facilitar a manifestação de seus orixás, estabelecendo uma conexão profunda entre o médium e sua divindade regente. Essa tradição mediúnica, rica em simbolismos e práticas espirituais, demonstra a sofisticação dos sistemas religiosos africanos, assim como o Ser Supremo era a figura central do panteão divino dos cultos africanos, sendo visto como o criador de todas as coisas. As demais divindades, embora poderosas, atuam como seus emissários, auxiliando-o na criação e na ordem do universo. Essa concepção teológica, presente em diversas culturas africanas, revela uma crença profunda em uma entidade superior e transcendente.

**3ª corrente – influência do espiritismo:** a umbanda branca tem suas raízes no espiritismo kardecista, mas se diferencia deste ao incorporar a manifestação de entidades de origem indígena e afro-brasileira, como caboclos, pretos-velhos e crianças. Essa nova corrente religiosa, que surgiu a partir da experiência mediúnica de seus praticantes, oferece um caminho espiritual que

combina elementos do espiritismo com as tradições ancestrais brasileiras. Ocupa um lugar singular no panorama religioso brasileiro, combinando elementos do espiritismo, do cristianismo e das religiões afro-brasileiras. Essa fusão única se manifesta em seus cultos, que iniciam com orações a Jesus Cristo, mas também incorporam elementos como a incorporação espiritual de entidades de origem indígena e africana. Esse sincretismo religioso demonstra a flexibilidade e a capacidade de adaptação das religiões brasileiras.

**4ª corrente – magia:** A crença em poderes mágicos é uma constante na história da humanidade. As pessoas recorrem à magia como forma de lidar com o medo do desconhecido e de forças sobrenaturais, como espíritos malignos e práticas de magia negra. Essa busca por proteção e controle sobre o mundo espiritual demonstra a profunda necessidade humana de encontrar explicações e soluções para os mistérios da vida. A umbanda incorporou a magia branca de forma tão profunda que os trabalhos religiosos e os trabalhos mágicos se entrelaçam de maneira indissociável, formando um todo coeso e único. Na umbanda, a linha que separava o religioso do mágico se tornou tênue e, por vezes, inexistente. Os guias espirituais atuam tanto em práticas religiosas tradicionais quanto em trabalhos de natureza mágica, revelando a profunda interconexão entre esses dois aspectos do universo espiritual. Essa sinergia demonstra que religião e magia são faces de uma mesma moeda, ambas buscando a conexão com o divino. A distinção entre a magia pura e a magia religiosa é pouco conhecida. A magia religiosa, presente em diversas tradições, nada mais é do que a integração de práticas mágicas dentro de um contexto religioso.

Para Saraceni (2019, p.16-17), o sincretismo com o catolicismo, em particular, foi de suma importância para a consolidação da religião. Ao utilizar as imagens dos santos católicos em seus altares, facilita a transição de muitos que buscavam uma espiritualidade mais profunda e personalizada, sem que se sentissem totalmente deslocados de suas raízes religiosas. A umbanda, uma religião monoteísta, apresenta uma rica teologia que concilia a crença em um Deus único com a veneração aos

orixás. Cada orixá é considerado uma expressão divina, única em suas características e atribuições, mas todos emanam do mesmo princípio criador. A veneração aos orixás é fruto de uma profunda fé em sua existência e poder. Embora os detalhes de suas origens sejam envoltos em mistério, estão conosco desde tempos imemoriais. Assim como Jesus Cristo, os orixás são seres divinos que se manifestam nas vidas dos praticantes de umbanda, guiando-os e protegendo-os. Esses são alguns dos princípios reforçados pela umbanda sagrada.

Para Saraceni (2014, p.21), a umbanda é uma religião nova, fundamentada nos orixás africanos, trazidos pelos negros, assim como nos rituais indígenas, praticados pelos pajés, os nativos das terras brasileiras. Para Saraceni, a umbanda foi idealizada pelo astral superior, fundamentada em experiências religiosas anteriores, positivas e aceleradoras da evolução dos espíritos humanos. Segundo Saraceni:

A palavra "Umbanda" deriva de "m'banda", que em kibundo significa sacerdote ou curador. Isso é Umbanda, onde todos os praticantes são um templo vivo no qual os Sagrados Orixás se manifestam, assim como todos os nossos amados guias espirituais.

[...]

Por isso, quando nos perguntam qual é a origem da Umbanda, simplesmente respondemos isto: a origem da Umbanda está nos Sagrados Orixás que, por amor à humanidade, manifestam-se em locais humildes, desprovidos da pompa e do luxo, pois assim falam mais intimamente com seus amados filhos de Umbanda. (Saraceni, 2014, p.21-22).

A fusão de diferentes culturas africanas no Brasil, cada uma com suas divindades e crenças, deu origem a um panteão rico e complexo. Os orixás, por exemplo, foram cultuados sob diversos nomes devido à diversidade linguística dos escravizados. Com o tempo, essa diversidade se aprofundou, gerando uma infinidade de orixás, cada um com suas características e domínios. Esse sincretismo religioso, aliado à influência de outras culturas, como a indígena e a católica, culminou no surgimento da umbanda. Nessa nova religião, os orixás coexistem com espíritos como caboclos, pretos-velhos, crianças e exus, oferecendo orientação e cura aos seus seguidores (Saraceni, 2014, p.22).

Em tempos passados, a religião era uma experiência íntima com a natureza. Os povos cultuavam um Deus presente em todas as coisas, desde uma fartura na colheita até a beleza de uma árvore. A gratidão era expressa por meio de festividades, oferendas e rituais que celebravam a vida e a harmonia com o mundo natural. Embora as culturas tenham nomeado essas divindades de formas distintas, o princípio

fundamental era o mesmo: a natureza como manifestação do divino (Saraceni, 2019, p.18).

Ao longo da história, a humanidade evoluiu e as religiões acompanharam essa transformação. O que antes era uma conexão simples e direta com o divino, passou a ser regulamentado por doutrinas complexas e leis rígidas. Aqueles que não aderiam a esses preceitos eram marginalizados e perseguidos, classificados como herege, pagão e infiel. O sacerdote, que inicialmente era um guia espiritual próximo do povo, assumiu um papel mais distante e autoritário, impondo normas de conduta e perdendo o contato com as questões cotidianas de seus seguidores (Saraceni, 2019, p.18-19).

A crença de que os sacerdotes eram os únicos capazes de mediar a relação entre os homens e Deus levou a uma profunda transformação na experiência religiosa. As divindades antes presentes em cada elemento da natureza e em cada aspecto da vida passaram a ser relegadas a um plano celestial distante e inacessível. A construção de templos grandiosos e a elaboração de rituais complexos reforçaram a ideia de que a divindade só poderia ser encontrada em locais sagrados e por meio de intermediários religiosos. Essa visão, no entanto, obscureceu a percepção da presença divina no mundo cotidiano, limitando a experiência religiosa a um espaço sagrado e a um tempo ritualizado (Saraceni, 2019, p.19).

A umbanda convida a um retorno à experiência religiosa mais simples e intuitiva, onde Deus é visto como parte integrante da natureza e de cada ser humano. Os médiuns umbandistas, sucessores dos antigos sacerdotes, atuam como canais para a manifestação dos espíritos guias, oferecendo conforto, orientação e cura espiritual. Os templos umbandistas são espaços sagrados destinados a esses encontros, onde todos são bem-vindos, independentemente de suas diferenças. A força da umbanda reside em sua capacidade de conectar as pessoas à espiritualidade de forma simples e acessível, valorizando a conexão com a natureza e com os outros (Saraceni, 2019, p.19).

Quantas vezes somos questionados sobre a nossa fé ao buscarmos a conexão com as forças divinas da natureza? Médiuns, por meio de seus conhecimentos sobre os orixás, compreendem a importância desses locais de poder, presentes desde a criação do mundo. A visita a esses pontos sagrados, muitas vezes, os coloca em uma posição de estranhamento, sendo julgados como tolos ou pagãos. No entanto, essa

busca pela espiritualidade na natureza não é algo irracional, mas sim uma conexão ancestral com as energias que os cercam (Saraceni, 2019, p.20).

Para Saraceni, o culto aos orixás na natureza é o reconhecimento da divindade em todas as suas manifestações, desde os elementos mais simples até as forças cósmicas. Aqueles que julgam os umbandistas como pagãos por essa prática, na verdade, distorcem a essência da espiritualidade, limitando a experiência religiosa a dogmas e rituais pré-estabelecidos. A umbanda, por sua vez, representa um movimento espiritual ancestral e vibrante, que celebra a conexão entre o homem e a natureza, e que sempre esteve presente, mesmo sob diferentes nomes.

A questão das sete linhas da umbanda é um tema que permeia a história da religião. Diversas tentativas foram feitas para classificar e organizar essas linhas, geralmente baseadas nos nomes dos orixás mais conhecidos. No entanto, a falta de um consenso sobre a ordem e a composição dessas linhas demonstra a complexidade e a diversidade da umbanda. A psicografia é um processo mediúnico que permite a conexão com o plano espiritual, com a transmissão de mensagens importantes para a evolução. Através desse dom, Saraceni relata ter tido acesso a conhecimentos profundos sobre as sete linhas da umbanda, descrevendo que a organização das sete linhas da umbanda é um processo dinâmico e em constante evolução. Embora existam muitos orixás, todos eles encontram seu lugar dentro dessas sete linhas fundamentais, defendendo ser importante confiar na sabedoria dos guias espirituais e permitir que o tempo revele a posição de cada orixá (Saraceni, 2014, p.22-23).

Saraceni (2014, p.23), a fim de estabelecer uma ordem clara nas sete linhas da umbanda, reporta que foram escolhidos os nomes dos orixás que mais se identificam com as características de cada linha. Essa escolha permite iniciar uma classificação mais precisa e organizada.

Os orixás na umbanda sagrada são ordenados em sete linhas fundamentais, que Saraceni classifica por tronos:

Cada trono é um mistério em si mesmo por que foi gerado em Deus, numa de suas qualidades, e tornou-se um gerador natural dela a partir de si. Deus é a qualidade em Si e Seus Tronos são geradores naturais das Suas qualidades Divinas. Por isso, eles são denominados divindades naturais e regentes das “naturezas”. Natureza é qualidade de uma coisa. Assim sendo, a natureza da terra é sólida e a sua qualidade é a firmeza. Mas a terra também é seca. Logo a qualidade da terra é seca e firme. E se acrescentarmos água a terra, aí teremos uma substância mista, pois a água é úmida e líquida. Como são dois elementos, então surge uma substância mista que não é água nem

terra, mas sim terra úmida ou água terrosa. Com os tronos acontece o mesmo, pois uns são de um só elemento ou Tronos puros, e outros são Tronos mistos, ou de vários elementos. E isto faz com que suas hierarquias se multipliquem, alcançando todos os níveis da criação, não deixando nada fora de suas regências naturais (Saraceni, 2013, p.52-53).

A ideia dos tronos é uma forma de explicar a ordem e a diversidade do universo a partir de um princípio divino único. Cada trono representa uma qualidade da divindade, de um Deus único e, ao mesmo tempo, uma força ativa na criação e manutenção de todas as coisas. Uma forma de ilustrar seria Deus como uma luz branca, onde os tronos seriam como prismas que, ao receberem essa luz, a dividem em diferentes cores, as qualidades de Deus. Cada cor, trono, ilumina e colore um aspecto diferente do mundo, desde as estrelas no céu até os átomos que compõem a matéria. Ao explorar os tronos, busca-se entender a organização profunda do universo e o papel das forças divinas na criação e manutenção de todas as coisas. Os tronos podem servir como objetos de devoção e meditação, auxiliando na conexão com as diferentes qualidades divinas, podem ser utilizados para explicar fenômenos naturais, como as estações do ano, os ciclos da vida e a interação entre os elementos.

Para Saraceni (2013, p.53), os tronos são ainda estruturados em níveis de criação, como tronos fatorais, tronos essenciais, tronos encantados e tronos naturais. Como exemplo, os tronos fatorais, na sua pureza original, emanam diretamente de Deus, cada um representando uma qualidade divina específica. Essas qualidades primordiais dão origem às ondas vivas que sustentam as irradiações divinas e as correntes eletromagnéticas, formando as faixas vibratórias onde se desenvolve toda a vida. O processo evolutivo tem início com as ondas fatorais absorvendo essências, dando origem às correntes elementais que, por sua vez, geram as correntes energéticas e, finalmente, as irradiações naturais. Em cada uma dessas etapas, os Tronos divinos atuam como a força motriz, impulsionando e sustentando a evolução em níveis vibratórios cada vez mais complexos.

De forma sistemática, Saraceni (2013, p.71; 2014, p.164-165, 393) apresenta a relação de tronos com os orixás, nas sete linhas da umbanda da seguinte forma:

Quadro 01: Relação das 7 linhas da umbanda com os orixás e os tronos propostos por Saraceni na umbanda sagrada.

<b>LINHAS</b>	<b>TRONOS</b>	<b>ESSÊNCIA</b>	<b>SENTIDO</b>	<b>ORIXÁS</b>
<b>1<sup>a</sup></b>	Fé	Cristalina	Fé ou Religiosidade	Oxalá Logunã
<b>2<sup>a</sup></b>	Amor	Mineral	Amor ou Concepção	Oxum Oxumaré
<b>3<sup>a</sup></b>	Conhecimento	Vegetal	Conhecimento ou Raciocínio	Oxóssi Obá
<b>4<sup>a</sup></b>	Justiça	Ígnea	Justiça ou Razão	Xangô Iansã
<b>5<sup>a</sup></b>	Lei	Eólica	Lei ou Equilíbrio	Ogum Egunitá
<b>6<sup>a</sup></b>	Evolução	Telúrica	Evolução ou Saber	Obaluaiê Naná
<b>7<sup>a</sup></b>	Geração	Aquática	Geração ou Vida	Iemanjá Omolu

Fonte: Saraceni, 2013, p.71; 2014, p.164-165, 393.

Ainda sobre os tronos, Saraceni (2013, p.53-55) apresenta a seguinte organização:

- Os seres que vivem, totalmente inconscientes, no nível dos Tronos Fatorais são centelhas vivas.
- Os seres que vivem, ainda inconscientes, no nível dos Tronos Essenciais são seres originais.
- Os seres que vivem no nível dos Tronos Elementais são intuitivos.
- Os seres que vivem no nível dos Tronos Duais são instintivos.
- Os seres que vivem no nível dos Tronos Encantados são sensitivos ou semiconscientes.
- Os seres que vivem no nível dos Tronos Naturais são conscientes.
- Os seres que vivem no nível dos Tronos Estrelados são hiperconscientes.
- Os seres que vivem no nível dos Tronos Celestiais são mentais.
- Os seres que vivem no nível dos Tronos Solares são seres celestiais mentais irradiadores de energias fatoradas, às quais geram em seus mentais e as irradiam por vibrações puras.

Os Tronos de Deus começa nos Tronos Fatorais e vai-se desdobrando e se multiplicando nos muitos níveis da criação, onde cada nível se mostra mais

dotado de recursos, porque se presta a sustentar um estágio da evolução já superior ao seu anterior. Mas o início desta classe de divindades está no nível dos Tronos Fatorais, pois, anterior a eles, só Deus. Com isto entendido, saibam que, para nós, os Tronos são as divindades mais importantes, fundamentais mesmo, pois nunca deixaremos de estar sob a irradiação de um deles, que é nosso regente, e do meio em que estagiamos e evoluímos. Nós, hoje seres humanos, fomos gerados por Deus em uma de suas ondas vivas, onde fomos imantados com um de seus fatores Divinos, o qual nos deu uma qualidade ou dom natural e nos magnetizou com um sentimento Divino que formará nossa natureza íntima direcionadora de nossa evolução. Essa nossa natureza íntima é uma individualização da natureza Divina de um Trono Essencial. Por isso a natureza de um ser é a sua essência, e vice-versa.

Se hoje somos seres humanos, é porque em nossa origem fomos gerados numa onda viva, cujo fator do Trono que a rege é ígneo ou eólico ou telúrico, etc., mas o do Trono Essencial que nos passou a sua qualidade e natureza é humano. Saibam que a qualidade e natureza humana é sétupla, e só somos como somos porque o "sopro" essencial que nos qualificou foi o sopro humano, que é um amálgama essencial formado por sete essências. Este sopro ou fluxo essencial é diferente dos outros, e os seres qualificados por ele já trazem desde seu estágio essencial essa natureza e qualidade "humana", que aflorará no estágio encantado da evolução, e se consolidará no nosso estágio humano da evolução. Então, a partir desse estágio, somos afastados da evolução natural e somos conduzidos à dimensão humana da vida, que é dupla, pois tem uma parte ou lado etérico (espiritual) e outra parte ou lado material ou denso. Um ser que recebeu esse sopro sétuplo não consegue seguir adiante na sua evolução natural, pois sua natureza humana tornará a dimensão humana da vida tão atrativa e tão desejada que o magnetismo dela começará a desviá-lo da dimensão natural onde vive e atraí-lo para a dimensão humana, onde será adormecido e iniciará seu ciclo encarnacionista e seu estágio humano da evolução, ao qual só concluirá quando o mundo" já não atraí-lo mais e o único desejo que estará vibrando será o de retornar à morada do "pai". Na Bíblia isto está bem descrito na história do filho pródigo. Leiam-na, não como uma história comum, mas sim como a viagem metafísica e evolutiva de um ser humano durante seu estágio evolutivo, e temos certeza de que entenderão que o estágio humano é fundamental a nós, pois nos concede o livre-arbítrio, mas nos cobra uma conscientização excepcional (Saraceni, 2013, p.53-55).

Os Tronos Fatorais são a fonte primária de toda a criação, emanando diretamente de Deus. Cada Trono representa uma qualidade divina específica e dá origem a diferentes níveis de existência, cada qual com suas próprias características e complexidades. A humanidade, em sua origem, foi gerada em uma dessas ondas vivas, recebendo um sopro essencial de um trono essencial. Esse sopro conferiu aos seres humanos uma natureza única, composta por sete essências, e os direcionou para a dimensão humana da existência. A umbanda sagrada de Saraceni apresenta uma visão cosmogônica que coloca os tronos fatorais como a base de toda a criação e a humanidade como resultado de um processo evolutivo complexo, marcado pela busca da consciência espiritual e pelo retorno à origem divina.

Analisando esse trecho, podemos notar que a referência aos tronos fatorais e às ondas vivas, assim como a ideia de um sopro essencial que dá origem aos seres, evoca cosmologias africanas, em que a natureza e os elementos são vistos como manifestações de forças divinas e onde a ancestralidade desempenha um papel fundamental. A noção de um sopro vital também é comum em diversas culturas africanas. A conexão profunda com a natureza, a importância dos elementos (fogo, ar, terra, água) e a ideia de uma força vital presente em todas as coisas são elementos comuns em muitas cosmologias indígenas. A referência à Bíblia, à história do filho pródigo e à ideia de um retorno à morada do "pai" são claramente influências católicas. A noção de pecado original e a busca pela redenção também estão presentes de forma implícita no texto. E por fim, a ideia de evolução espiritual, a existência de diferentes planos vibratórios e a comunicação com o mundo espiritual são elementos comuns no espiritismo. A noção de que a alma reencarna diversas vezes para evoluir também está presente.

Em se falando em vibração divina, refere-se a um fluxo contínuo de energias emanadas por Deus e suas divindades. Esse fluxo, composto por sete vibrações fundamentais, permeia toda a criação, sustentando e energizando todos os seres e coisas. Cada uma dessas sete vibrações ocupa uma faixa vibratória ampla e infinita, criando um espectro vibracional complexo e diversificado. Embora todas essas vibrações estejam presentes em tudo o que existe, elas não se misturam, cada uma formando uma tela vibratória individual e emanando um fator energético específico (Saraceni, 2012, p.37).

Cada onda vibracional emite um fator específico, responsável por uma função particular. Esses fatores, organizados em famílias com funções complementares, compõem as sete vibrações divinas. Cada vibração forma um espectro frequencial distinto, e juntos, constituem as sete faixas vibracionais. Essas faixas, ao serem absorvidas e condensadas em elementos e substâncias, revelam a ordem e a complexidade da criação divina (Saraceni, 2012, p.37).

Os fatores divinos são os componentes mais básicos de toda a existência, presentes desde o início de tudo. A agregação, que consiste na união de elementos semelhantes, a ordenação, que estabelece padrões e hierarquias, e a evolução, que permite o surgimento de novas formas e funções, são processos fundamentais que atuam em conjunto para dar origem a toda a diversidade do universo. No entanto,

esses três fatores - agregador, ordenador e evolutivo - são apenas uma pequena parte da complexa genética divina que governa a criação, existindo muitos outros elementos igualmente importantes que contribuem para a formação e a evolução de todas as coisas. Saraceni aponta, ainda, outros fatores divinos que estão na origem ou gênese (Saraceni, 2013, p.70):

- Fator agregador;
- Fator ordenador;
- Fator evolutivo ou transmutador;
- Fator conceptivo;
- Fator gerador;
- Fator equilibrador;
- Fator racionalizador;
- Fator diluidor;
- Fator magnetizador;
- Fator paralisador;
- Fator criacionista;
- Fator transformador;
- Fator energizador;
- Fator desenergizador;
- Fator concentrador;
- Fator expensor.

Os fatores divinos, denominados também de irradiações divinas, são forças que atuam na criação de todas as coisas, desde a menor partícula até os seres mais complexos. Sua presença é universal, permeando tudo e todos. Ao entrarem em ação, essas irradiações desencadeiam uma série de transformações, desfazendo o que já existe para dar lugar a novas formas de vida; elas moldam a realidade, desfazendo o velho para dar lugar ao novo. Essa influência constante molda a experiência dos

seres, estimulando os aspectos positivos e desafiando aqueles que precisam ser transformados, elevando os espíritos quando em sintonia com o universo e desafiando quando se desviam do caminho (Saraceni, 2013, p.70-71).

Essas irradiações divinas atuam sobre os seres de forma ativa ou passiva, positiva ou negativa. Aquelas que impulsionam à ação e à transformação os levam a desconstruir antigas crenças e a buscar novas perspectivas, alinhadas com os seus anseios mais profundos. Os sentimentos e desejos mais profundos funcionam como um ímã, atraindo as forças que vibram em harmonia com eles. Se os anseios são puros e elevados, são impulsionados para a frente por fatores divinos ativos e positivos. Se, por outro lado, são negativos e viciados, são levados a experiências que visam a transformar a consciência e os fatores divinos atuam em um campo negativo, muitas vezes de forma passiva. Quando um fator entra em ação, ele provoca uma série de mudanças interconectadas. A criação de algo novo requer a desestruturação do que já está estabelecido. Para Saraceni, um anterior estado das coisas tem de ser paralisado, desenergizado, desmagnetizado e desagregado, senão deformará o que vier a ser criado (Saraceni, 2013, p.70-71).

De maneira mais simplificada, pode-se fazer a seguinte alusão em relação às irradiações divinas: elas se assemelham às marés, que sobem e descem, conduzindo os indivíduos de um lado para o outro, ora elevando-os a novas alturas, ora arrastando-os para as profundezas. Os pensamentos e sentimentos funcionam como faróis, guiando essas forças e atraindo aquelas que vibram em harmonia com a essência de cada um.

Cada um dos indivíduos recebeu, como herança divina, uma das inúmeras qualidades de Deus. Essa característica única molda a sua existência, influenciando todos os aspectos de sua vida. Para Saraceni, podem ser identificadas sete dessas qualidades divinas, que se manifestam nos sete sentidos, são elas (Saraceni, 2013, p.71):

- Fé;
- Amor;
- Conhecimento;
- Justiça;

- Ordem;
- Evolução;
- Geração.

Observe aqui que Saraceni relaciona os fatores divinos às qualidades divinas, associando, também, aos tronos divinos, ou seja, as hierarquias divinas geradoras dos fatores que imantam essas qualidades divinas com a hierarquia dos tronos de Deus (Saraceni, 2013, p.71):

- Trono da Fé ou Orixás da Fé;
- Trono do Amor ou Orixás do Amor;
- Trono do Conhecimento ou Orixás do Conhecimento;
- Trono da Justiça ou Orixás da Justiça.
- Trono da Ordem ou Orixás da Lei;
- Trono da Evolução ou Orixás da Evolução.
- Trono da Geração ou Orixás da Geração.

Os sete tronos constituem um grupo de governança que se encontra em torno do trono planetário, o qual simboliza a presença individualizada do próprio Criador Divino (Saraceni, 2013, p.71). Cada trono está relacionado a uma linha vibratória da umbanda. As sete vibrações são, ainda, associadas a elementos, padrões energéticos, chacras, cores, entre outras associações, que são relacionadas aos tronos e também aos rituais da umbanda sagrada (Saraceni, 2012, p.37-39):

A 1ª vibração associada a elementos, padrões energéticos, chacras, cores, etc:

- a) nos elementos, associamos os cristais a ela.
- b) nos padrões energéticos, é associada à energia cristalina.
- c) nos chacras, é associada ao coronal.
- d) nas cores, é associada ao translúcido.
- e) nos sentidos, é associada à fé.
- f) nos sentimentos, é associada à religiosidade, à fraternidade, à esperança, à paciência, à perseverança, à resignação, à tolerância, à humildade.
- e) nos sentidos, é associada à fé.

A 2ª vibração faz esta associação:

- a) nos elementos, é associada aos minerais.

- b) nos padrões energéticos, é associada à energia mineral.
- c) nos chacras, é associada ao cardíaco.
- d) nas cores, é associada ao dourado e ao rosa.
- e) nos sentidos, é associada à concepção.
- f) nos sentimentos, é associada ao amor, à união, à caridade, à bondade, à prosperidade, à concepção, etc.

A 3ª vibração faz esta associação:

- a) nos elementos, é associada aos vegetais.
- b) nos padrões energéticos, é associada aos florais.
- c) nos chacras, é associada ao frontal.
- d) nas cores, é associada ao verde e ao magenta.
- e) nos sentidos, é associada ao conhecimento.
- f) nos sentimentos, é associada à especulação, à curiosidade, à busca ao aprendizado, à criatividade, à inventividade, à versatilidade, etc.

A 4ª vibração faz esta associação:

- a) nos elementos, é associada ao fogo.
- b) nos padrões energéticos, é associada à energia ígnea.
- c) nos chacras, é associada ao umbilical.
- d) nas cores, é associada ao vermelho e ao laranja.
- e) nos sentidos, é associada à justiça.
- f) nos sentimentos, é associada à imparcialidade, à reflexão, à moralidade, ao equilíbrio, etc.

A 5ª vibração faz esta associação:

- a) nos elementos, é associada ao ar.
- b) nos padrões energéticos, é associada à energia eólica.
- c) nos chacras, é associada ao laríngeo.
- d) nas cores, é associada ao azul e ao amarelo.
- e) nos sentidos, é associada à lei.
- f) nos sentimentos, é associada à lealdade, à retidão, ao caráter, à tenacidade, à rigidez, ao rigor, à combatividade, ao senso de direção e de ordem.

A 6ª vibração faz esta associação:

- a) nos elementos, é bielemental (terra-água).
- b) nos padrões energéticos, é associada à energia telúrica-aguática.
- c) nos chacras, é associada ao esplênico.
- d) nas cores, é associada ao violeta e ao lilás.
- e) nos sentidos, é associada à evolução.
- f) nos sentimentos, é associada à flexibilidade, à transmutabilidade, à maturidade, ao racionalismo, à persistência, à sapiência, etc.

A 7ª vibração faz esta associação:

- a) nos elementos, é associada à água.
- b) nos padrões energéticos, é associada à energia aquática.
- c) nos chacras, é associada ao básico.
- d) nas cores, é associada ao azul e ao roxo.
- e) nos sentidos, é associada à geração.
- f) nos sentimentos, é associada à maternidade, ao amparo, à estabilidade, à fartura, à maleabilidade, à criatividade, à preservação, à multiplicação, etc (Saraceni, 2012, p.37-39).

Na umbanda sagrada, a proposta das sete vibrações representa diferentes aspectos da energia cósmica, também classificadas como qualidades divinas e se manifestam de forma única em cada indivíduo. Cada vibração é associada a uma série

de elementos simbólicos que ajudam a compreender sua natureza e significado. Os símbolos associados às sete vibrações são utilizados nos rituais da umbanda sagrada para facilitar a conexão com as energias correspondentes. Através de oferendas, cânticos, cores e outros elementos, os praticantes buscam ativar e equilibrar essas energias em si mesmos e nos outros.

Nesse contexto, a compreensão das sete vibrações, seus símbolos e associações é fundamental para aqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre a umbanda. Essa rica simbologia oferece uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento, a evolução espiritual e a conexão com o sagrado.

É importante reforçar que essa relação entre vibrações, elementos, cores e sentimentos, como evidenciada nas obras de Rubens Saraceni referente à umbanda sagrada, é um tema fascinante que transcende as fronteiras de uma única religião. Na verdade, encontram-se paralelos e similaridades em diversas culturas e tradições espirituais ao redor do mundo. Como exemplo, as religiões indianas conceituam o universo como uma vibração cósmica fundamental, o Brahman, onde os cinco elementos (terra, água, fogo, ar e espaço) são considerados as manifestações básicas dessa energia. Além disso, os chakras, centros de energia no corpo sutil, são relacionados à umbanda e associados a cores e qualidades específicas.

A associação entre vibrações, elementos, cores e sentimentos é um tema recorrente em religiões e culturas pelo mundo, que reflete a busca humana por compreender a natureza da realidade e encontrar um sentido para a vida. Embora as expressões específicas variem de uma cultura para outra, a essência dessas conexões permanece a mesma: a crença em uma ordem cósmica interconectada e a busca por harmonia entre o indivíduo e o universo.

A umbanda, como muitas outras religiões e tradições espirituais, utiliza elementos e símbolos de diversas culturas para construir suas próprias associações e cosmologias. Essa prática, conhecida como sincretismo, é comum em religiões que surgem em contextos multiculturais. Saraceni, com o intuito de sistematizar essa rica diversidade, propõe uma organização das associações e correspondências presentes na umbanda, oferecendo um guia estruturado para a prática ritualística e a formação religiosa.

Segundo as obras de Saraceni, é possível relacionar os tronos com os orixás, com as sete linhas da umbanda e os fatores divinos segundo suas atribuições, da seguinte forma (Saraceni, 2014, p.393, 399-400, 402):

**Quadro 02:** Relação das 7 linhas da umbanda com os tronos divinos e os orixás às atribuições da vibrações energéticas dos fatores divinos propostos por Saraceni na umbanda sagrada.

LINHAS	TRONOS	ESSÊNCIA	SENTIDO	ORIXÁS	Atribuições dos fatores divinos
1 <sup>a</sup>	Fé	Cristalina	Fé ou Religiosidade	<b>Oxalá</b> (Universal) (Polo +)	Irradia a religiosidade e estimula a fé
				Logunã (Cósmicos) (Polo -)	Colhe os religiosamente frágeis
2 <sup>a</sup>	Amor	Mineral	Amor ou Concepção	<b>Oxum</b> (Universal) (Polo +)	Irradia amor e estimula a concepção
				<b>Oxumaré</b> (Cósmicos) (Polo -)	Paralisa a sexualidade e diluí vícios sexuais
3 <sup>a</sup>	Conhecimento	Vegetal	Conhecimento ou Raciocínio	<b>Oxóssi</b> (Universal) (Polo +)	Expande o conhecimento e estimula o raciocínio
				<b>Obá</b> (Cósmicos) (Polo -)	Concentra as buscas e aquieta o raciocínio
4 <sup>a</sup>	Justiça	Ígnea	Justiça ou Razão	<b>Xangô</b> (Universal) (Polo +)	Irradia a justiça e estimula a razão
				<b>Iansã</b> (Cósmicos) (Polo -)	Paralisa as injustiças e diluí acúmulos emocionais
5 <sup>a</sup>	Lei	Eólica	Lei ou Equilíbrio	<b>Ogum</b> (Universal) (Polo +)	Irradia a lei e estimula a ordenação

				<b>Egunitá</b> (Cósmicos) (Polo -)	Consome excessos e paralisa desordem emocionais
6 <sup>a</sup>	Evolução	Telúrica	Evolução ou Saber	<b>Obaluaiê</b> (Universal) (Polo +)	Irradia o saber e estimula a evolução
				<b>Naná</b> (Cósmicos) (Polo -)	Decanta os excessos (vícios) e concentra os seres
7 <sup>a</sup>	Geração	Aquática	Geração ou Vida	<b>Iemanjá</b> (Universal) (Polo +)	Irradia a criatividade e estimula a irradiação
				<b>Omolu</b> (Cósmicos) (Polo -)	Paralisa e esgota o criativismo e a geração viciada

**Orixás Universais:** regentes dos polos positivos das linhas das forças.

**Orixás Cósmicos:** regentes dos polos negativos das linhas das forças.

Fonte: Saraceni, 2014, p.393, 399-400, 402.

É comum encontrar nas obras de Saraceni referências aos mistérios. Para o próprio Saraceni:

Definir o que é mistério não é fácil. Mas, sinteticamente, "mistério é algo que em si mesmo traz as condições de realizar-se, assim como está em tudo e em todos como uma faculdade e poder ativos ou em estado potencial". Um mistério está no princípio, no meio e no fim de tudo e de todos. Em algumas coisas, está como qualidade intrínseca. Em outras está como qualidade extrínseca. Mas em todas as coisas está presente, ainda que em nível material não possamos identificar a sua presença, ou melhor, a sua onipresença (Saraceni, 2012, p.35).

Para Saraceni (2012, p. 35), o mistério é a própria essência da criação divina. É a força que impulsiona a evolução de todas as coisas, guiando-as em direção a um propósito superior. Em Deus, o mistério é a fonte de toda a ordem e harmonia, e na criação, ele se manifesta como a busca incessante pela perfeição. Em Deus, tudo é movimento e direção, e a criação reflete essa dinâmica divina. A compreensão do mistério é a chave para desvendar os enigmas da existência e encontrar o lugar do indivíduo no universo.

Saraceni exemplifica esse conceito de direção da seguinte forma:

Uma pedra, quando completa seu ciclo de formação e cristaliza-se, já percorreu um longo trajeto, e que não começou no magma no interior do planeta, mas sim começou em outros planos da vida onde micropartículas passaram a unir-se até formarem partículas atômicas e, já como átomos, a formarem moléculas que formaram o magma, que formou as pedras quando foi expelido para a crosta e resfriou, gerando então várias espécies de rochas e minérios. Enfim, havia um sentido em todas as micropartículas e há um, ainda que não esteja visível, em cada pedra encontrada na natureza. (Saraceni, 2012, p.35).

Assim como a pedra, os indivíduos também passam por um processo constante de transformação. Desde a concepção, são moldados por experiências, aprendizados e desafios, buscando um estado de completude e harmonia. A cristalização espiritual, nesse contexto, simboliza o ápice desse processo, quando se alcança a forma mais autêntica e uma conexão com algo maior que si mesmo. A jornada da pedra ensina que a beleza e a perfeição resultam da paciência, da resistência e da capacidade de adaptação às mudanças. Ao observar a natureza, pode-se encontrar inspiração e força para superar os desafios da vida e atingir o pleno potencial.

Ainda nas palavras de Rubens Saraceni:

A nada e a ninguém é revelado como será quando alcançar seu processo de cristalização. E apenas suposições não ajudam muito, já que cada um pode supor aquilo que achar mais plausível e ainda assim não terá certeza se está certo.

Sabemos que estamos trilhando um caminho evolucionista. Mas para onde ele nos conduzirá só o nosso divino Criador sabe exatamente.

A humanidade tem discutido, desde seu início, o seu futuro e até agora ninguém conseguiu decifrar o enigma humano, embora muitas hipóteses já tenham sido formuladas e tenham empolgado milhões de pessoas porque foram bem elaboradas. E, de hipótese em hipótese, a vida humana tem fluído do mesmo jeito sem que ninguém em sã consciência tenha descoberto o fim último da nossa jornada evolutiva.

Com certeza aqui nunca teremos a resposta certa, porque ela não se encontra no nosso atual estágio evolutivo, e teremos de alcançar outros planos da vida e outras realidades de Deus para obtê-la, ou para conjecturarmos novas hipóteses ou teorias. Mas que há um direcionamento em nossa evolução, isto há, e que ninguém duvide pois ele está em nós mesmos e a nossa consciência tem nos indicado quando estamos trilhando o caminho certo ou o errado.

Nós temos consciência de que acertamos ou erramos; do que é bom ou ruim; do que é nobre e do que é desprezível. Enfim, a nossa consciência está nos direcionando e temos em nós o senso de direção no atual estágio evolutivo em que nos encontramos.

- Resumidamente, mistério é isso (Saraceni, 2012, p.36).

De forma sintética, para Saraceni, o mistério é a energia que move o universo, impulsionando tudo em direção a um propósito superior. É a força que molda a criação e guia a evolução humana. Embora sua natureza seja um enigma, a busca pela compreensão do mistério é uma jornada essencial para o desenvolvimento espiritual e intelectual do ser humano.

Os espíritos seguem caminhos evolutivos que mais se alinham com suas naturezas e aspirações. Muitas dessas vias, por sua atratividade, se manifestam como religiões no plano material. A umbanda sagrada é um caminho evolutivo muito procurado, atraindo um grande número de espíritos. Para organizar essa demanda, organizam-se linhas espirituais, hierarquizadas e simbolizadas por elementos da natureza, vegetais, animais, cores, entre outros símbolos, para facilitar a manifestação mediúnica (Saraceni, 2019, p.133).

### **1.3. As origens dos guias espirituais na interpretação da umbanda sagrada de Rubens Saraceni**

Os guias<sup>3</sup> de lei ocupam um lugar especial dentro da hierarquia espiritual da umbanda. Assentados aos pés dos orixás, esses espíritos possuem um alto grau de evolução e domínio de forças espirituais. Sua missão é auxiliar na evolução de todos os seres, tanto encarnados quanto desencarnados, utilizando seus conhecimentos e poderes para o bem comum (Saraceni, 2019, p.133).

Os guias de lei constituem uma força espiritual seleta, comprometida com a evolução. Independentemente do local de manifestação, eles encontram em seus médiuns o espaço sagrado para suas atividades religiosas e mágicas. Graças à sua evolução, podem transitar por diversas dimensões vibracionais, abrangendo toda a

---

<sup>3</sup> No presente trabalho, serão apresentados os guias espirituais e os orixás, com base na perspectiva desenvolvida por Rubens Saraceni. Ao longo de suas obras, Saraceni fundamenta a existência dessas entidades espirituais como forças ativas e fundamentais na cosmologia umbandista e na prática da magia divina. Para ele, os orixás representam arquétipos de energias cósmicas e divinas que regem a natureza e os aspectos essenciais da existência, enquanto os guias espirituais, como caboclos, pretos-velhos e crianças, atuam como intermediários entre o mundo espiritual e o material, orientando, protegendo e auxiliando na jornada evolutiva dos seres humanos. Dessa forma, o trabalho parte do pressuposto de que essas forças e entidades, visão espiritualista de Saraceni, possuem papel crucial para quem busca a conexão espiritual e o desenvolvimento pessoal.

escala energética existente. Dispõem de inúmeras faculdades espirituais, que se manifestam como canais diretos da energia dos orixás. Além de serem agentes da lei maior e da justiça divina, eles atuam na transmutação de energias negativas, na neutralização de magias e na orientação de espíritos menos evoluídos, contribuindo para a evolução espiritual de todos (Saraceni, 2019, p.134).

O campo de atuação dos guias de lei é amplo, estendendo-se até os limites estabelecidos pelos orixás que eles servem. Muitos desses guias trabalham em dimensões mais densas, auxiliando espíritos em estágios iniciais de evolução, que ainda não possuem a proteção necessária para lidar com as diversas energias presentes no planeta multidimensional (Saraceni, 2019, p.134).

Uma figura central em religiões como a umbanda, o candomblé, a jurema e outras, o caboclo pode ser categorizado em duas linhas principais: a indígena (caboclo de pena) e a mestiça (caboclo de couro). Embora não tenham uma mitologia tão elaborada quanto os orixás, suas características e histórias são transmitidas através de cantos e relatos, enriquecendo o universo espiritual dessas religiões. As características atribuídas ao caboclo o aproximam do arquétipo do herói combatente, que simboliza a resistência dos povos indígenas à dominação colonial. Os caboclos, com nomes como Urubatão, Jurema e Itapuaré, possuem uma forte ligação com a cultura indígena, tanto em seus nomes quanto em suas práticas. A utilização de fumo e incensos nos rituais umbandistas, uma herança da pajelança, reforça essa conexão. Os caboclos representam a primeira parcela de excluídos a serem elevados à condição de divindades (Zacharias, 2023, p.230).

Para Saraceni (2019, p.156), a umbanda possui uma vasta linha de trabalho espiritual dedicada aos caboclos. Nas florestas espirituais da umbanda, os caboclos, guardiões da natureza e da sabedoria ancestral, são uma linha formada por milhões de espíritos, organizados em hierarquias sob a orientação dos orixás. É importante ressaltar que esses espíritos provêm de diversas culturas e religiões, unindo-se em prol da caridade e do desenvolvimento espiritual. Através de seus trabalhos, os caboclos auxiliam seus afins encarnados em suas jornadas evolutivas.

Sob a regência dos sete tronos planetários, antigas divindades encontram na umbanda um canal direto para o plano material. Através da incorporação em médiuns, essas entidades espirituais realizam um trabalho de resgate, auxiliando seus afins a

superarem obstáculos em seus processos evolutivos. Sejam eles espíritos paralisados em ciclos reencarnacionistas ou aprisionados em dimensões de menor vibração, a ação dos caboclos proporciona a eles a oportunidade de renascimento espiritual (Saraceni, 2019. p.156). Para Saraceni:

O Ritual de Umbanda Sagrada é uma congregação religiosa em que está presente a maioria das religiões que já existiram na face da terra. E cada uma dessas religiões recebeu uma ou várias linhas de trabalhos espirituais dentro da religião de Umbanda, cuja característica marcante é a incorporação de espíritos.

Saibam que cada divindade é um mistério em si, e os nomes simbólicos das linhas de trabalhos da Umbanda estão ligados às divindades, muitas das quais já tiveram seus nomes esquecidos ou recolhidos aos livros de lendas e mitologias.

Para que entendamos que estamos comentando, imaginem isso: Dois mil anos atrás estava se encerrando uma era religiosa e se iniciando outra. A descida à carne e a espiritualização do Trono da Fé e do Amor, na pessoa de Jesus, já fez parte desse novo ciclo, assim como a do Buda já fazia, e Maomé, o profeta, também fez.

Esses três mensageiros divinos, semeadores de novas doutrinas religiosas, tinham por missão substituir as antigas doutrinas e fechar no plano material a atuação das antigas divindades, cujas mensagens religiosas já estavam defasadas no tempo, e não seriam renováveis e adaptáveis às futuras transformações na crosta terrestre.

Antes havia religiões nacionais, ou de nações mesmo!

-Gregos, romanos, egípcios fenícios, assírios hindus, judeus, todos tinham suas respectivas divindades.

Enfim, cada povo possuía seu panteão religioso, muitas copiado de outros povos mais antigos. Mas, assim mesmo, cada possuía suas divindades e suas religiões nacionais.

Na África, o mesmo acontecia e cada nação africana possuía suas divindades e seu culto próprio. E por isso os adeptos do Candomblé praticam o culto de "nação; ou o culto herdado da mãe África, trazido para o Brasil pelas correntes de escravos que aqui vieram, tais como: povos Angola, Cambinda, Mujolos, Bantus, Mussurumis ou Muçulmanos, Ketos, Jêjes, Haúças, Nagôs, Minas, Congos, etc. Ainda que as diferenças fossem insignificantes, havia a questão das línguas e culturas a separá-los (Saraceni, 2019, p.157-158).

A história das religiões é marcada por um constante movimento de expansão e substituição. À medida que novas crenças emergem, outras podem perder adeptos e, conseqüentemente, diminuir sua influência. As religiões que desaparecem do plano físico encontram eco no plano espiritual, onde seus seguidores continuam existindo. No entanto, a diminuição de seus seguidores encarnados limita suas possibilidades de atuação, dificultando o trabalho de auxílio aos menos evoluídos. A umbanda, por sua vez, oferece um espaço de encontro para espíritos de diversas origens, especialmente nas linhas de caboclos, que acolhem e integram diferentes crenças em um mesmo propósito (Saraceni, 2019, p.158-159).

A ancestralidade de um caboclo determina sua ligação com um orixá específico. Se o elemento fogo predominar em sua linhagem, Xangô será seu principal amparo espiritual. Da mesma forma, a presença marcante de elementos minerais o conectará a Oxum. Essa relação define a linha de trabalho do caboclo, delimitando o campo de atuação espiritual em que ele atuará. A diversidade de linhas de trabalho dos caboclos é vasta e cada uma delas possui características únicas, revelando a complexidade e a riqueza desse mistério. Para exemplificar, seguem algumas relações de nomes com o campo de atuação do guia espiritual (Saraceni, 2019, p.159-160):

- Linha de Caboclos Sete-Montanhas, regidos por Xangô.
- Linha de Caboclos Sete-Espadas, regidos por Ogum.
- Linha de Caboclos Cruzeiro, regidos por Obaluaiê.
- Linha de Caboclos Sete-Pedras, regidos por Oxum.
- Linha de Caboclos das Matas, regidos por Oxóssi.

Mas também há linhas mistas ou regidas por mais de um orixá (Saraceni, 2019, p.160):

- Linha de Caboclos Sete-Flechas, regidos por Oxóssi e Iansã.
- Linha de Caboclos Sete-Pedreiras, regidos por Xangô e Iansã.
- Linha dos Caboclos Cobra-Coral, regidos por Ogum, Xangô, Iansã, Oxóssi.

As linhas de trabalho da umbanda acolhem uma diversidade de espíritos, incluindo aqueles oriundos de religiões distintas das iorubá e indígenas. Cada entidade possui uma forma particular de manifestação, o que facilita sua identificação durante as giras. É importante ressaltar que, na umbanda, a crença em um Deus único e nos orixás é fundamental. Assim, os espíritos incorporados, independentemente de sua origem, reverenciam os orixás, adaptando seus cultos às tradições umbandistas. Essa universalidade dos orixás demonstra que a divindade suprema e seus representantes são forças cósmicas que transcendem as particularidades de cada religião (Saraceni, 2019, p.160).

Na umbanda, os pretos-velhos são entidades que se manifestam como antigos escravos, marcadas pelas dificuldades e sofrimentos da escravidão. Através da fé e da resiliência, desenvolveram grande sabedoria e compaixão, tornando-se guias espirituais para aqueles que buscam conforto e orientação. Os pretos-velhos, com sua sabedoria ancestral, oferecem conselhos e orientação aos seus consulentes. Sua conexão com as tradições africanas, manifestada através de mandingas e encantamentos, aliada à devoção católica a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, cria uma rica espiritualidade. O uso do café em seus rituais simboliza a história da escravidão e a força da resistência. Os nomes dos pretos-velhos, como José, Joaquim e Maria Conga, são um reflexo da imposição da fé católica aos escravizados. Nomes como Francisco de Angola e Joana da Guiné remetem à origem africana desses indivíduos. A representação simbólica dos pretos-velhos como velhos e velhas sábios evoca a sabedoria ancestral e a experiência de vida, marcada pelas adversidades da escravidão (Zacharias, 2023, p.230-231).

As figuras do boiadeiro e do marinheiro na umbanda simbolizam a força e a determinação humanas em lidar com situações adversas. Seus trabalhos, em ambientes desafiadores como o sertão e o mar, exigem grande resistência e coragem. Na religião, essas entidades representam a proteção divina e oferecem apoio aos consulentes, especialmente em momentos de crise. Sua associação com deusas como Nossa Senhora da Guia e Iemanjá reforça sua ligação com o mar e a proteção divina (Zacharias, 2023, p.231).

A origem dos boiadeiros na umbanda é um mistério que fascina muitos estudiosos da religião. Uma das teorias mais comuns sugere que esses espíritos, em algum momento de sua evolução espiritual, estiveram ligados à linha de exu. Embora alguns tenham raízes na linha de exu, muitos estão diretamente ligados aos orixás Ogum e Oyá (Iansã). Ogum confere aos boiadeiros a força e a determinação necessárias para enfrentar os desafios espirituais, enquanto Oyá (Iansã) os conecta ao tempo e aos ciclos da natureza. Com seus laços e chicotes como armas, os boiadeiros atuam como verdadeiros guerreiros espirituais, combatendo as forças das trevas e protegendo os filhos de fé. Essa linha de trabalho é uma das mais poderosas e numerosas da umbanda, com representantes em todas as suas sete linhas (Saraceni, 2019, p.195-196).

Já os marinheiros, para Saraceni (2019, p.199), constituem uma linha de trabalho vibrante na umbanda. Esses espíritos, em suas vidas passadas, navegaram pelos oceanos, experimentando as alegrias e as dificuldades da vida marítima. Sua conexão com o mar é tão forte que, mesmo incorporados, sentem a sensação de estar balançando, como se estivessem em um navio. Essa característica marcante é resultado de seus magnetismos aquáticos, que os ligam profundamente aos elementos da natureza.

A linha dos marinheiros na umbanda é bastante versátil, recebendo influências de diversos orixás, como Iemanjá, Oxalá, Iansã, Oxum e Obaluaiê. Sua conexão com o mar os leva a apreciar bebidas como o rum, mas é fundamental moderar esse consumo para garantir que possam atender os consulentes de forma clara e precisa. Os marinheiros são conhecidos por seus trabalhos em questões de saúde, quebra de demandas e limpeza de ambientes (Saraceni, 2019, p.199).

Na umbanda, ciganos e baianos representam grupos marginalizados, como os imigrantes e os nordestinos, que foram estigmatizados pela sociedade. Associados à sensualidade, à alegria e à desinibição, esses espíritos desafiam as normas sociais impostas pela elite. A figura de Lampião e Maria Bonita, por exemplo, simboliza a resistência e a luta por liberdade, sendo reverenciados como guias espirituais. Os ciganos na umbanda representam aqueles que vivem à margem da sociedade, explorando o lado sombrio e os desejos reprimidos. Sua habilidade em adivinhação e magia os torna especialistas em desvendar mistérios e revelar verdades ocultas. Os ciganos utilizam o humor e a ironia para desafiar as convenções sociais e expor a hipocrisia. Assim como outros grupos marginalizados, os ciganos encontram na umbanda um refúgio e uma oportunidade de transformação (Zacharias, 2023, p.231-232).

Para Saraceni (2019, p.190), a linha dos ciganos na umbanda é uma das mais antigas, porém menos estudadas. Suas origens são diversas e debatidas, com teorias que apontam para o Egito, a Europa e a Índia. Independentemente de sua procedência, os espíritos ciganos trouxeram consigo uma rica tradição espiritual que foi adaptada aos preceitos da umbanda. A linha cigana possui rituais e fundamentos próprios, que a diferenciam das demais e a tornam uma corrente espiritual singular, com um papel importante no plano material.

Os rituais ciganos na umbanda são conhecidos por sua vivacidade e foco em questões terrenas, atraindo muitos consulentes. Embora a origem dos ciganos umbandistas seja complexa, eles veneram Santa Sara Kali como sua padroeira. A ligação dos ciganos com os orixás, principalmente aqueles relacionados ao tempo, como Oyá, Iansã e Oxalá, é evidente em seus trabalhos (Saraceni, 2019, p.190).

A linha dos baianos é um dos mistérios mais fascinantes da umbanda. A crença de que esses espíritos já eram devotos dos orixás em suas vidas passadas confere a essa linha um caráter ancestral e profundo. A versatilidade dos baianos, que atuam em todas as sete linhas da umbanda, demonstra a riqueza e a complexidade dessa tradição. A formação de uma corrente espiritual, como a dos baianos, é um processo gradual e envolve a reunião de espíritos afins em torno de um líder espiritual.

A criação da linha dos baianos está intrinsecamente ligada à figura de um babalorixá que, após sua desencarnação, continuou sua jornada espiritual como guia e mentor. Sua influência foi tão poderosa que inspirou outros espíritos a se conectarem com a cultura e a tradição baiana, dando origem a uma linha de trabalho única dentro da umbanda. A forte identificação com a Bahia e os costumes locais, como a linguagem e os hábitos, é uma marca registrada dos baianos, que se espalharam por diversas linhas da umbanda, sempre carregando consigo a essência de sua origem (Saraceni, 2019, p.188).

Para Saraceni (2019, p.189), são espíritos alegres, brincalhões, descontraídos e chegados a trabalhos de desmanches e de magia, que parecem dominar com facilidade e aos quais estão familiarizados. São muito conselheiros, orientadores, aguerridos e chegados à macumba (dança ritual), durante a qual trabalham enquanto giram com seus passos próprios. Apreciam as festas que lhes fazem, onde bebem batida de coco e comem comidas típicas da cozinha baiana. Suas oferendas devem ser feitas próximas de pés de coqueiros ou nos pontos de forças dos orixás que os regem.

Os exus, pombagiras e Zé Pelintra são os guardiões dos mistérios da noite, conectando os praticantes aos aspectos mais profundos e obscuros da sua psique. Como habitantes do inconsciente coletivo, eles possuem um conhecimento profundo sobre as paixões, os desejos e os medos que moldam a experiência humana. Ao trabalhar com essas entidades, o consulente tem a oportunidade de explorar os

recônditos de sua alma, confrontando seus próprios demônios e liberando-se de padrões de comportamento destrutivos. Essa jornada interior é fundamental para o autoconhecimento e para a evolução espiritual (Zacharias, 2023, p.232).

Na umbanda, a figura do exu se manifesta em diversas formas, sendo as mais conhecidas os exus de lei e os pagãos (ou quiumbas). Os exus de lei, alinhados com os princípios da caridade e da justiça, atuam como verdadeiros mensageiros, auxiliando nos trabalhos espirituais e resolvendo questões complexas. Apesar de lidarem com energias mais densas, como a obsessão e a inveja, sempre buscam o bem maior. Já os exus pagãos, ainda presos a sentimentos de revolta, ódio e vingança, podem causar desequilíbrios energéticos e até mesmo doenças físicas nos encarnados (Zacharias, 2023, p.232-233).

A associação dos exus com temas como a morte e os cemitérios é evidente em seus nomes e simbologias. Figuras como Tranca Ruas e Sete Catacumbas representam os aspectos mais sombrios da existência humana. No entanto, na umbanda, os exus desempenham um papel fundamental na elaboração do inconsciente, auxiliando os consulentes a lidar com questões relacionadas à violência, à morte e a outros temas tabus. Através de seus rituais e de seus comentários incisivos, os exus ajudam a transformar o sofrimento em aprendizado e a encontrar um novo significado para a vida (Zacharias, 2023, p.233).

A umbanda é rica em sua diversidade de linhas de trabalho, que incluem caboclo, preto-velho, baianos e, também, exu. A figura de exu, embora muitas vezes associada a aspectos negativos, desempenha um papel crucial na umbanda. Suas origens africanas revelam uma divindade poderosa e complexa, reverenciada e temida em igual medida. Nos rituais, exu é honrado com oferendas e saudações, demonstrando sua importância como guardião dos caminhos espirituais (Saraceni, 2019, p.161).

A importância de Exu na umbanda é inegável. Todo terreiro possui um assentamento desse poderoso orixá, que geralmente está ligado ao orixá regente do sacerdote. Essa prática é fundamental para o equilíbrio espiritual do terreiro. Exu, além de ser o mensageiro dos orixás, interpretando os mistérios revelados nos búzios, também atua como um poderoso agente mágico. Seus trabalhos, como oferendas em encruzilhadas, são utilizados para alcançar diversos objetivos, incluindo a cura de

doenças. Exu, nesse caso, atua como um guia, indicando o caminho a ser seguido para a resolução de problemas (Saraceni, 2019, p.162).

Para Saraceni (2019, p.171):

Portanto, se alguém disser que Exu é sinônimo de "demônio" ensinem isto: Deus tem toda uma dimensão da vida, toda habitada por seres naturais muito parecidos conosco, e nela nenhum deles tem chifre e rabo, não soltam fogo pela boca nem vivem atormentando-se uns aos outros, mas, sim, convivem entre si muito melhor que nós, os humanos. Agora, como elemento mágico e agente cármico, Exu é mais um dos muitos mistérios da religião de Umbanda Sagrada, que congrega em suas linhas de trabalhos seres de muitas dimensões da vida.

Ainda, tem-se Zé Pelintra, figura emblemática da umbanda, que tem suas raízes no Catimbó pernambucano. Ele representa o estereótipo do malandro urbano dos anos 20, um homem esperto, charmoso e um tanto desonesto. Sua imagem, marcada por um terno branco, chapéu panamá e sapatos coloridos, tornou-se um ícone da cultura popular brasileira. Seu nome, com conotações de esperteza e travessura, reflete sua personalidade carismática e oportunista. Inspirado no malandro carioca, Zé Pelintra é representado como um homem elegante e charmoso, que utiliza sua astúcia para superar desafios e alcançar seus objetivos. Ao lado das pombagiras, ele representa a inclusão dos marginalizados na espiritualidade umbandista, mostrando que a umbanda acolhe todas as faces da alma humana (Zacharias, 2023, p.234).

Nas profundezas da umbanda, a pombagira emerge como a deusa da liberdade, desafiando os padrões e quebrando tabus. Nascida da corruptela de Bombonjila, ela encarna a força feminina em sua plenitude, celebrando a sensualidade e a vida. Com seus risos e seus passos de dança, ela convida todos a libertarem seus desejos mais profundos. A pombagira é a voz das mulheres marginalizadas, um símbolo de resistência e empoderamento (Zacharias, 2023, p.233).

A figura da pombagira na umbanda representa uma rica diversidade feminina, desde as mulheres negras até as europeias, como Maria Padilha. Associada à Afrodite, ela é invocada para questões relacionadas ao amor, à sexualidade e à paixão. Apesar de sua ligação com a morte, especialmente a morte por amor, como no caso de Rosa Caveira, a pombagira atua como uma guia espiritual, oferecendo conforto e aconselhamento aos seus devotos. Seu objetivo é promover o bem-estar

dos outros e, através da caridade, alcançar sua própria evolução espiritual (Zacharias, 2023, p.233-234).

Ao lado esquerdo da Umbanda, encontramos exu, o agente mágico e cármico, e pombagira, regida pela energia do desejo. A interação entre essas duas forças é essencial para a dinâmica espiritual da religião, proporcionando os recursos mágicos e cármicos necessários para os trabalhos espirituais. É importante destacar que exu e pombagira possuem uma trajetória evolutiva própria, distinta dos demais espíritos, o que os torna entidades únicas e complexas (Saraceni, 2019, p.172).

Ao serem humanizados, exu e pombagira se tornaram agentes ativos nos mistérios divinos, atuando como canais para a manifestação do vigor e do desejo. Essa dinâmica permite que os orixás utilizem esses elementos para realizar seus propósitos. É importante ressaltar que a liberdade de ação de exu e pombagira está condicionada à lei maior. A pombagira natural, em particular, é a personificação do desejo, não apenas no sentido sexual, mas como força motriz para todas as ações humanas. Para um melhor entendimento, pombagira natural, de forma similar ao exu natural, seria uma entidade espiritual feminina que também está conectada diretamente às forças naturais. Assim como o exu natural, ela não teria passado pelo ciclo reencarnatório humano e atua de forma mais direta na regência das energias primordiais (Saraceni, 2019, p.172).

O prana, energia vital que permeia o cosmos, é o canal através do qual fluem todos os fatores divinos, como o desejo. Nossos chacras, ao absorverem essa energia, despertam em nós uma variedade de sentimentos, dentre eles o desejo de conquistar e alcançar nossos objetivos. Essa força motriz é fundamental para superarmos obstáculos e persistirmos em nossos propósitos. O desejo, presente em todos nós, é uma força divina que nos impulsiona a buscar novas experiências e a evoluir. Através dos chakras, absorvemos essa energia que nos conecta com o universo. Infelizmente, muitas religiões associam o desejo, especialmente o sexual, a algo negativo, condenando-o como pecado. No entanto, o desejo é um aspecto natural da vida humana e se manifesta em diversas áreas, além da sexualidade, como a busca por conhecimento, prazer e realização pessoal (Saraceni, 2019, p.173).

Sendo o desejo a força que impulsiona a evolução humana, na umbanda, a pombagira personifica essa energia, atuando como um catalisador para a mudança e

a transformação. Seja em sua forma incorporada ou em sua essência natural, a pombagira é um elemento mágico poderoso que pode ser ativado em rituais específicos. Sua energia está ligada a Oxum, mas também a uma força cósmica superior, que a influencia e direciona. Assim como exu, a pombagira é uma força neutra. Enquanto Oxum irradia o amor em todos os sentidos da vida, essa divindade irradia o desejo. E com isso complementa a manifestação agregadora do amor, dando-lhe fluidez e expansão, pois amar, todos amam. Mas amar algo, só sentindo desejo de amá-lo nos apegaremos a este algo amado, seja ele uma divindade, uma religião, um conhecimento, uma pessoa ou mesmo o próprio Deus (Saraceni, 2019, p.173).

Na tradição da umbanda sagrada, conforme sistematizada por Saraceni, os guias de trabalho são entidades espirituais que atuam na condução dos trabalhos espirituais, sendo bastante variados em termos de hierarquia, características e funções. Na visão de Saraceni, a umbanda se organiza em torno de uma estrutura mística e simbólica, em que as entidades são vistas como expressões da lei maior e do amor divino.

Na visão de Saraceni, as entidades trabalham sob a égide de orixás regentes e atuam de forma organizada. Cada grupo de entidades se especializa em áreas distintas da vida e da espiritualidade, com foco na caridade e na evolução espiritual dos consulentes.

Saraceni também introduz na umbanda sagrada uma visão metafísica mais elaborada, em que os guias atuam como forças da natureza, ligadas diretamente aos orixás, operando dentro de um conjunto de leis espirituais universais. Eles são manifestações dessas energias superiores. Cada orixá coordena e rege uma linha de trabalho específica, e as entidades que atuam sob essa regência manifestam aspectos e virtudes do orixá correspondente.

A existência dos guias espirituais na umbanda sagrada reforça fortemente a origem histórica negra e indígena dessa religião. Na umbanda, figuras como os pretos-velhos e os caboclos, como já apresentando, são guias espirituais que simbolizam o respeito e a valorização das culturas africanas e indígenas, ancestrais fundamentais na formação da identidade umbandista. Os pretos-velhos representam os antigos escravizados africanos, com sua sabedoria, humildade e força espiritual, simbolizando

resistência, resiliência e o conhecimento transmitido através de gerações. Já os caboclos, associados aos povos indígenas brasileiros, expressam uma ligação profunda com a natureza e a espiritualidade nativa, trazendo ensinamentos de coragem, simplicidade e harmonia com o ambiente.

A presença desses e outros guias espirituais na umbanda não apenas homenageia essas raízes culturais, mas também ressalta o sincretismo e a diversidade da religião, que nasce da mistura de tradições africanas, indígenas e católicas. Saraceni, em sua obra, valoriza esses arquétipos como pontes de conexão entre a dimensão espiritual e a realidade cotidiana dos praticantes, o que consolida o papel dos ancestrais negros e indígenas como pilares da espiritualidade umbandista e de sua estrutura de valores e crenças.

Assim, na umbanda sagrada, a magia tem um papel central nos trabalhos espirituais realizados pelos guias. A magia é entendida como a manipulação consciente de energias espirituais e forças da natureza para transformar, curar, proteger ou abrir caminhos. Na prática da umbanda, os guias utilizam a magia como um instrumento divino, operando de acordo com as leis espirituais, para trazer equilíbrio, harmonia e evolução aos consulentes. A magia, nesse contexto, não é um fim em si mesma. Ela é um meio para se atingir um objetivo maior, que é a evolução espiritual dos envolvidos. Cada trabalho mágico é uma oportunidade de crescimento para o consulente, o médium e até mesmo para o guia que o realiza, pois todos estão inseridos num processo de aprendizado e desenvolvimento espiritual contínuo.

## CAPÍTULO II. MAGIA NA UMBANDA

O objeto magia é frequentemente subestimado ou até mesmo ignorado dentro do campo da Ciência da Religião; seus estudos específicos são escassos, e em muitos casos, é contraposto à religião. Não é válido afirmar que há uma essência intrínseca à magia. No senso comum, a magia recorrentemente está ligada à prática do mal ou à tentativa de provocar algum malefício; por outro lado, ela também tem uma relação dual na sociedade, pois pode estar ligada à prática do mal, mas também à prática do bem. Em outras situações, a magia é associada à ideia de causar danos, enquanto a religião é vista como ligada ao bem. De qualquer forma, o conceito de magia é, como todo conceito, resultado de uma construção histórica, assim como o conceito de religião (Guerriero, 2022, p.626).

Em muitas sociedades não existe uma definição formal nem mesmo uma terminologia específica para o conceito de magia. O que comumente compreendemos como magia está intrinsecamente enraizado na cultura e vida cotidiana dos povos, não se diferenciando dos aspectos comuns e, às vezes, nem mesmo dos elementos associados a esferas sagradas, que são tipicamente reservadas às religiões. É fundamental compreender que, para entender o conceito de magia e, conseqüentemente, para conduzir estudos científicos sobre o tema, é imprescindível contextualizar historicamente essa noção. Da mesma forma, é necessário empreender um esforço equivalente para distinguir as análises sobre magia realizadas pela Ciência da Religião daquelas conduzidas por praticantes e estudiosos profundamente envolvidos na prática (Guerriero, 2022, p.626).

Do ponto de vista da Ciência da Religião, não existe uma razão intrínseca para separar magia de religião. Ambas são componentes de um único domínio no campo das crenças e dos comportamentos que delas decorrem. Na realidade, a distinção entre magia e religião ganha relevância principalmente para os crentes e praticantes, pois delinea os limites e as fronteiras entre essas esferas. No entanto, é importante observar que essa distinção não é imune a influências de ideologias e preconceitos. Apesar disso, é comum que os estudos de religião, a antropologia e até mesmo a filosofia abordem frequentemente magia e religião como fenômenos separados, o que contribui para a consolidação desses conceitos distintos (Guerriero, 2022, p.626).

A interação entre magia e religião tem se entrelaçado e se distanciado de várias maneiras, moldando crenças, práticas e visões de mundo. Na relação íntima de magia e religião, há um vasto território em que rituais, crenças e práticas se entrelaçam harmoniosamente. Civilizações antigas, como o Egito, mesclavam elementos de magia em suas práticas religiosas, acreditando na influência mágica sobre os deuses e o mundo natural. As tradições indígenas ao redor do mundo também têm sido marcadas pela fusão de magia e religião, em que curandeiros e xamãs desempenham papéis centrais na comunicação com os espíritos e na cura.

Assim como ocorre com a religião, qualquer tentativa de oferecer uma definição conclusiva para o que é magia se torna não apenas impraticável, mas também inadequada. Essas definições surgiram em contraposição à religião, onde esta se relaciona com a devoção aos seres divinos na esperança de que eles resolvam as questões que afetam os seres humanos, enquanto a magia envolve a manipulação das forças da natureza, sejam elas ocultas ou visíveis, por parte do praticante mágico para solucionar esses mesmos problemas. Uma distinção adicional que frequentemente surge é a de que a religião é vista como algo público, coletivo e social, enquanto a magia é concebida como algo íntimo e individual (Guerriero, 2022, p.626).

A relação que frequentemente se estabelece entre magia e ciência é notável, muitas vezes se aproximando sem reservas do âmbito do natural, enquanto relega a religião para o território de uma crença ingênua e sobrenatural, ou até mesmo atribuindo à magia um status de uma ciência ainda por ser plenamente reconhecida (Guerriero, 2022, p.626).

A ideia de que a magia tem uma relação mais próxima com a ciência do que a religião pode ser interpretada de várias maneiras. Em certos casos, a prática da magia envolve experimentação e observação sistemática dos resultados, de maneira semelhante à abordagem científica, como por exemplo, os alquimistas que realizavam experimentos em busca da transmutação de metais, que poderiam ser considerados antecessores das práticas científicas modernas. Além disso, muitas práticas de magia são baseadas em conhecimentos empíricos sobre plantas, minerais, fenômenos naturais, assemelhando-se ao processo de investigação científica.

Em contraposição, a religião, embora muitas vezes compartilhe alguns aspectos com a magia, geralmente é mais focada na fé, na adoração e na busca de

significado espiritual, sendo que as crenças religiosas frequentemente envolvem conceitos que estão além da esfera da experiência física e, dificilmente, podem ser testadas empiricamente da mesma forma que os fenômenos estudados pela ciência.

No entanto, é importante ressaltar que essa distinção nem sempre é clara e muitas vezes há sobreposição e interação entre magia, religião e ciência. Além disso, a percepção da relação entre magia, religião e ciência pode variar amplamente entre diferentes culturas e tradições, refletindo diferentes entendimentos do mundo e da natureza da realidade.

Para John Middleton (1967, p.ix), “o reino da magia é aquele em que os seres humanos acreditam que podem afetar diretamente a natureza e uns aos outros, para o bem ou para o mal, por seus próprios esforços (mesmo através do mecanismo preciso pode não ser compreendido por eles), diferentemente de apelar aos poderes divinos por meio de sacrifício ou oração”.

Para Guerriero (2022, p.626), “não é possível determinar o surgimento da magia, visto esta encontrar-se intimamente relacionada ao cotidiano dos povos. Destarte, pode-se dizer que a magia existe desde que o ser humano se constitui como tal”.

## **2.1. A noção de magia em alguns autores**

O antropólogo Edward Burnett Tylor (1832-1917) formulou uma definição de religião como sendo a crença em seres espirituais, sugerindo que essa crença teve origem como uma maneira de explicar fenômenos naturais. A crença em espíritos surgiu como uma tentativa de compreender a vida e a morte, sendo que povos primitivos utilizaram sonhos nos quais espíritos apareciam como evidência de que a mente humana poderia existir independentemente do corpo. Essa concepção foi, então, extrapolada para explicar a existência de vida após a morte. Tylor utilizou a ideia de mitos e divindades para explicar fenômenos através de analogias e extensões dessas explicações. Sua teoria pressupunha que a psique de todas as pessoas, em todas as culturas e em todos os tempos, era mais ou menos semelhante e que as

explicações nas culturas e religiões tendiam a se tornar mais complexas com o tempo, eventualmente evoluindo para religiões monoteístas, como o cristianismo e, por fim, para a ciência. Identificou, também, práticas e crenças em sociedades modernas que compartilhavam semelhanças com as das sociedades primitivas, as considerando como remanescentes desse estágio anterior. Em sua tentativa de explicar a religião, Tylor introduziu o conceito de "animismo", argumentando que a crença religiosa teve origem em um erro primordial, que consistiu em atribuir vida, alma ou espírito a objetos inanimados. A teoria do animismo baseava-se na dificuldade primária de distinção entre sonhos e estados de consciência desperta. Quando os antepassados considerados "primitivos" tinham sonhos envolvendo parentes ou amigos falecidos, eles presumiam que os mortos ainda estavam vivos de alguma forma espiritual. A partir desses sonhos, desenvolveu-se a doutrina das almas e de outros seres espirituais em geral. Embora essa doutrina fosse fundamentada em alguma racionalidade, era vista como uma filosofia infantil envolta em profunda ignorância (Abalogu; Okolo, 2020, p.52-55).

A crença no animismo incluía a concepção de uma multiplicidade de seres espirituais que se interessavam pelos assuntos humanos e detinham o poder de influenciar os destinos humanos. Tylor acreditava que a religião estava presente em todas as culturas, embora se manifestasse de formas diversas. Ele também explorou a ideia de um estágio pré-religioso na evolução das culturas, sugerindo a possibilidade de encontrar uma tribo nesse estágio. Para abordar de maneira sistemática esse problema, ele propunha uma definição mínima de religião, encontrando-a na crença em seres espirituais. Se fosse possível demonstrar que nenhuma cultura estava completamente desprovida dessa crença mínima, então seria razoável concluir que toda a humanidade havia atravessado o limiar do estado religioso na cultura. Essa crença simples em seres espirituais, independentemente da natureza de seus corpos, acabaria se desenvolvendo para incluir doutrinas religiosas mais elaboradas, acompanhadas de rituais destinados a influenciar espíritos poderosos e a controlar eventos naturais de importância significativa. Embora Tylor não tenha oferecido uma explicação detalhada sobre como essa expansão ocorreu, ele argumentava que as culturas evoluíam, embora não necessariamente seguindo um único caminho, passando de formas mais simples para formas mais complexas ao longo do tempo. A relevância do animismo para a religião está no fato de que esse termo não se limita a

um único credo ou doutrina, mas sim representa uma visão de mundo que é compatível com diversas crenças religiosas e práticas. Essas crenças frequentemente persistem em ambientes mais complexos e em religiões hierárquicas. Contudo, os estudiosos contemporâneos consideram a perspectiva de Tylor sobre o animismo como baseada em premissas equivocadas. Desde, pelo menos, meados do século XX, os antropólogos passaram a enxergar todas as culturas e religiões contemporâneas como comparáveis, refletindo uma inteligência humana plenamente desenvolvida, capaz de adotar as complexas artes da sociedade mais avançada (Abalogu e Okolo, 2020, p.52-55).

James George Frazer (1854-1941) foi um influente antropólogo social e folclorista escocês que desempenhou um papel significativo nos primeiros estágios dos estudos modernos de mitologia e religião comparada. Sua obra mais renomada, *A Golden Bough* (1890), é um documento detalhado que explora e destaca as semelhanças entre crenças mágicas e religiosas em todo o mundo. Frazer postulou que a crença humana evoluiu por meio de três estágios: magia primitiva, que foi substituída pela religião e esta, por sua vez, cedeu lugar à ciência. Em grande parte, compartilhou as teorias de Edward Burnett Tylor em seu livro *The Golden Bough*, mas estabeleceu uma distinção entre magia e religião. Para Frazer, a magia era usada pelos seres humanos primitivos para influenciar o mundo natural em sua luta pela sobrevivência. Frazer argumentou que a magia era sustentada pela crença acrítica, das sociedades primitivas, em uma relação entre contato e imitação, como por exemplo, na invocação de chuva pelo ato de borrifar água no chão. Em sua perspectiva, a magia operava de acordo com leis específicas. Em contraste, a religião era vista como a crença de que o mundo natural era regido por uma ou mais divindades com características pessoais, às quais se podia fazer preces, em vez de ser regido por leis. Tylor e Frazer adotaram um método que envolvia a busca por crenças e práticas semelhantes em todas as sociedades, particularmente nas mais primitivas, independentemente do tempo e do local. Eles basearam-se amplamente em relatos fornecidos por missionários, exploradores e funcionários coloniais (Abalogu e Okolo, 2020, p.56-57).

A teoria da evolução cultural de Frazer procurou amplamente descrever três estágios pelos quais as culturas, em sua visão, evoluíam ao longo do tempo, começando pela magia, seguindo para a religião e, finalmente, alcançando a ciência.

A classificação de Frazer divergiu notavelmente das descrições anteriores da evolução cultural na antropologia, incluindo a de Auguste Comte, pois ele argumentava que a magia era inicialmente separada da religião e invariavelmente precedia a religião, enquanto que Frazer definiu a magia de forma distinta da crença no sobrenatural e da superstição, apresentando uma visão em última análise ambivalente de seu papel na cultura. Ele também via semelhanças entre magia e ciência, pois ambas enfatizavam a experimentação e a praticidade. De fato, sua ênfase nessa relação era tão ampla que quase qualquer hipótese científica refutada tecnicamente poderia ser considerada magia em seu sistema (Abalogu e Okolo, 2020, p.56-57).

Em contraste com a magia e a ciência, Frazer definiu a religião em termos de crença em entidades pessoais, forças sobrenaturais e tentativas de apaziguá-las. Frazer considerou a religião como um fenômeno temporário dentro da ampla trajetória do pensamento humano. Isso o levou a promover uma narrativa de secularização, representando uma das primeiras expressões científicas sociais de um processo de desencantamento. Ao mesmo tempo, Frazer estava consciente de que tanto a magia quanto a religião poderiam persistir ou ressurgir. Ele observou que, por vezes, a magia retornava para se transformar em ciência, como aconteceu quando a alquimia passou por um renascimento na Europa Moderna e evoluiu para a química. Por outro lado, Frazer manifestava uma profunda preocupação em relação ao potencial de uma crença generalizada na magia para capacitar as massas, revelando assim receios e preconceitos em relação às pessoas de classes sociais mais baixas em seu pensamento (Abalogu e Okolo, 2020, p.56-57).

David Émile Durkheim (1858-1917), foi considerado o pai da sociologia e entende por religião primitiva:

Dizemos de um sistema religioso que ele é o mais primitivo que nos é dado observar, quando ele preenche as duas condições seguintes: em primeiro lugar, que se encontra em sociedades cuja organização não é ultrapassada por nenhuma outra em simplicidade; é preciso, além disso, que seja possível explicá-lo sem fazer intervir nenhum modelo tomado de uma religião anterior (Durkheim, 2003, p. V).

Os ritos, enquanto uma forma de ação religiosa, são concebidos como regras que determinam como as pessoas devem se comportar em relação às coisas

sagradas. Em última análise, o rito e a crença são fenômenos religiosos que, quando articulados de maneira sistemática, constituem uma religião. Isso resulta em uma unidade coesa e singular que não faz parte de nenhum outro sistema de crenças e, portanto, opera de acordo com sua própria lógica. Com sua abordagem, Durkheim argumentava que os elementos fundamentais que compõem a religião, como crenças e mitos que estabelecem uma relação entre o sagrado e o profano, são universais e podem ser encontrados em todas as religiões ao redor do mundo. Ele procurava destacar a natureza essencialmente social da religião, enfatizando como ela desempenha um papel crucial na coesão e na estruturação das sociedades humanas. Essa visão permitiu a Durkheim explorar as características comuns a todas as religiões, independentemente de suas particularidades culturais ou históricas, e contribuiu para o estudo comparativo das religiões e da vida religiosa (Weiss, 2012, p.100-108).

Enquanto a religião frequentemente envolve uma igreja ou estrutura organizacional semelhante que administra as crenças e práticas religiosas, a magia geralmente carece desse elemento institucionalizado. Em vez disso, a magia tende a ser mais individual ou realizada por pequenos grupos não institucionalizados, muitas vezes com ênfase no segredo e na prática pessoal (Weiss, 2012, p.100-108).

Portanto, a presença de uma igreja ou estrutura organizacional que supervisiona e regulamenta as crenças e práticas religiosas é o elemento distintivo que separa a religião da magia, na abordagem de Durkheim. Isso ajuda a delinear a especificidade do fenômeno religioso em relação a outros aspectos da vida social. De acordo com sua análise, a vida religiosa sempre está intrinsecamente ligada a uma igreja ou grupo definido, pois onde quer que se observe uma vida religiosa, ela tem como base um conjunto de indivíduos claramente identificados (Weiss, 2012, p.100-108).

No que diz respeito à magia, a situação é diferente. Embora as práticas mágicas sejam amplamente praticadas dentro de um grupo social, elas diferem fundamentalmente da religião porque não têm a finalidade de promover a unidade e a identidade entre os membros desse grupo; enquanto a religião só surge quando seus membros coesos formam uma igreja, uma comunidade moral coesa, a magia não serve como base para a criação de tal coletividade, levando Durkheim (2003, p. 29) a declarar que "não existe uma 'igreja mágica'" (Weiss, 2012, p.100-108).

Marcel Mauss (1872-1950) aborda o conceito de magia ao compará-lo e contrastá-lo com a religião, estabelecendo uma fronteira imaginária entre ambas. Ele demonstra que essas duas esferas, em determinados momentos, se confundem, enquanto, em outros, se distinguem dentro do mesmo domínio do sagrado. Mauss enfatiza a importância de lidar com esses elementos aparentemente opostos e paradoxais para aqueles que estudam a religião como um fenômeno social. Esses elementos estão interligados e coexistem de maneira intrínseca em um único espaço. A proposta de Mauss, ao confrontar dois temas aparentemente opostos, como prece e encantamento, sacrifício e oferenda, mito e lenda, é desenvolver uma teoria do rito e uma compreensão do sagrado. O rito possui uma natureza de imposição, ou seja, ele impõe certas ações com o objetivo de alcançar um resultado específico. Marcel Mauss busca demonstrar que tanto a prática da magia quanto da religião somente tem significado quando relacionadas à vida social. Ambas ocorrem por meio de rituais, sendo que a importância e o significado desses rituais não residem na prática individual, mas sim na dimensão social. Portanto, magia e religião são fenômenos sociais que ocorrem intermitentemente. Pode-se dizer, então, que a análise de Mauss sobre a magia serve como uma espécie de introdução à noção de sagrado (Pereira, 2007, p.141-142).

Segundo o pensamento de Mauss, todo rito é definido pela sua eficácia. Se um rito não é eficaz, então não pode ser considerado um rito. Além disso, o rito ocorre em um espaço específico, dentro de um determinado período de tempo e está inserido na história. Portanto, um dos objetivos de Mauss não é explicar a história à qual a magia pertence, nem a história da magia em si, mas sim compreender a magia como um fenômeno social dentro da história por meio do estudo do rito. No contexto histórico, Mauss sugere de forma implícita uma crítica à maneira como a magia vinha sendo estudada até então. Autores que estudaram a magia até aquele momento a consideravam uma espécie de precursora da ciência. Inicialmente, a magia não envolvia deuses e demônios e esse aspecto foi emprestado das religiões ou, na pior das hipóteses, foi "contaminado" ou influenciado pela religião. Diferentemente de Frazer, que acreditava que a magia precedia a religião, Mauss não concordava com essa ideia e, para ele, a religião era resultado dos fracassos e erros da magia. Para Mauss, é possível discutir a magia somente a partir da religião ou, ainda, discuti-la em

contraponto com a religião, pois ambas são duas faces da mesma moeda (Pereira, 2007, p.141-142).

Para Marcel Mauss, a magia compreende um conjunto de elementos que incluem agentes, ações e representações, bem como uma série de rituais e mitos que definem seus limites. O agente da magia é chamado de mágico, ou seja, é o indivíduo que realiza atos mágicos, mesmo que não seja um profissional nesse campo. Isso difere do agente da religião, que geralmente é um profissional do sagrado. O ato mágico se destaca de todos esses outros atos, embora compartilhe alguns pontos em comum com eles. O que caracteriza o ato mágico é a sua repetição. Os atos mágicos são repetidos e, para serem considerados como tal, devem seguir esse padrão de repetição. No entanto, a repetição não é a única característica, pois nem tudo o que se repete é mágico. Além disso, é necessário que haja uma crença coletiva, todo o grupo deve acreditar na eficácia desse ato para que ele seja, de fato, classificado como mágico. A essência da magia está em sua capacidade de produzir resultados concretos e eficazes. Portanto, um ato só se enquadra na categoria de ato mágico se puder produzir resultados palpáveis e desejados (Pereira, 2007, p.143-144).

Diferentemente da abordagem proposta por Durkheim, Marcel Mauss considera a magia como uma ideia que pertence ao coletivo e é reconhecida pela coletividade, em vez de ser vista como um ato ou uma ideia individual. Mauss enfatiza repetidamente a natureza coletiva da magia. É precisamente por ser uma crença coletiva que a magia é considerada um fato social. Nesse ponto, ela se assemelha à religião, confundindo as fronteiras, pois ambas são consideradas fatos sociais e envolvem práticas tradicionais. A principal diferença entre magia e religião, de acordo com Mauss, está na aparência inicial de que a magia lida com o polo do malefício, enquanto a religião lida com o polo do benefício, simbolizado no sacrifício. No entanto, ambas ainda manifestam representações coletivas e desempenham papéis importantes na vida social das comunidades em que são praticadas (Pereira, 2007, p.141-142).

Marcel Mauss procura demonstrar que a magia e a religião ocorrem simultaneamente, muitas vezes sendo difíceis de distinguir, embora seu esforço principal seja distingui-las. Ele reconhece que atos religiosos podem ocorrer na magia e atos mágicos podem estar presentes na religião. Para desenvolver um esboço de

sua teoria geral da magia, Mauss inicia sua análise com a investigação dos ritos e realiza classificações desses rituais (Pereira, 2007, p.142).

Enquanto os atos religiosos são realizados em espaços públicos e são legitimados, os atos mágicos ocorrem em segredo, em espaços ocultos permeados de mistério, sendo que a força da magia reside no segredo, no não dito, que está envolto no mistério do interdito. Se a palavra tem poder na magia, o silêncio também o possui. O silêncio, o não compreendido, é fundamental para a eficácia da magia. O ato mágico depende da legitimidade coletiva, mas deve preservar o mistério que o cerca, o que é proibido. O ato mágico emana do proibido. O próprio rito mágico assume-se como anti-religioso e as pessoas desejam que assim seja (Pereira, 2007, p.145-146).

Percebemos que as distinções entre práticas religiosas e práticas mágicas são bem estabelecidas, embora, para Mauss, ambas pertençam ao universo do sagrado. Enquanto a religião está relacionada ao aspecto moral, a magia está ligada à necessidade. Um dos propósitos que parece perpassar todo o texto de Mauss é entender a relevância de distinguir a magia da religião. Portanto, na definição provisória de Mauss, o rito mágico é aquele que não faz parte de um culto organizado. É um rito privado, secreto e misterioso, tendendo a permanecer no limite do proibido, enquanto o rito religioso possui uma organização pré-estabelecida e reconhecida como tal (Pereira, 2007, p.147-148).

Para Guerriero (2022, p.631-632), Mauss e Durkheim destacam a incompatibilidade entre a religião e a magia, com o ato mágico sendo inerentemente contrário à religião, para Mauss, e a ausência de uma comunidade mágica – igreja mágica, conforme Durkheim. Em contraste com a primeira abordagem intelectualista, a ênfase principal nesta segunda corrente teórica reside na análise da função social que a magia desempenha, em oposição à religião.

Quanto aos três elementos da magia, Mauss e Hubert (2003, p.55), apresentam:

“chamamos mágico o indivíduo que efetua atos mágicos, mesmo quando não é um profissional; chamamos representações mágicas as ideias e as crenças que correspondem aos atos mágicos; quanto aos atos, em relação aos quais definimos os outros elementos da magia, chamamo-los ritos mágicos.” (Mauss e Hubert, 2003, p.55).

Desta forma, a concepção de magia pressupõe atos mágicos, representações mágicas e ritos mágicos, como uma ideia que pertence ao coletivo e é reconhecida pela coletividade, mas há a ausência de uma comunidade mágica.

Para Bronislaw Malinowski (1884-1942) (1948, p.3), não há grupos humanos, independentemente de quão primitivos possam ser, que não possuam crenças religiosas ou práticas mágicas e não existe nenhuma “cultura selvagem” que desconheça completamente a abordagem científica ou a ciência, embora essa ausência tenha sido erroneamente atribuída a algumas delas no passado. Em todas as comunidades primitivas investigadas por observadores competentes e confiáveis, é possível identificar claramente duas esferas distintas: o sagrado e o profano. Isso significa que há um domínio para a magia e a religião, bem como um domínio para a ciência.

Em 1925, o antropólogo Bronislaw Malinowski elaborou o ensaio intitulado *Magic, Science and Religion*. Naquela época, os três conceitos, magia, ciência e religião, pareciam possuir fronteiras nítidas e independentes. Essa perspectiva não era universal naquele momento, assim como não o é nos dias atuais. A demarcação entre ciência e religião, bem como entre ciência e magia, parece ser amplamente aceita na era moderna. Enquanto a ciência concentra-se nas leis do mundo físico e natural, os outros dois termos envolvem-se com aspectos metafísicos e sobrenaturais. No entanto, é importante reconhecer que essa clara distinção é uma ocorrência relativamente recente na trajetória humana (Silva, 2010, p.2-3).

Para Malinowski (2023, p.3-4), não existem povos sem religião e sem magia, por mais primitivos que possam ser. Encontram-se, nas sociedades primitivas, os atos e práticas tradicionais, consideradas sagradas pelos nativos, normalmente realizadas com temor e reverência, circunscritas de normas de comportamentos e proibições, geralmente associados a crenças em forças sobrenaturais, relacionadas à magia ou a divindades e espíritos antepassados. Malinowski aponta que na obra de James Frazer, *The Golden Bough*, o homem primitivo busca o controle do curso da natureza, com objetivos práticos, como o controle da atmosfera, colheitas e animais, e para isso utiliza de ritos e práticas mágicas. Somente mais tarde, o homem primitivo tem consciência de suas limitações e de seu poder mágico, agindo em súplica as divindades e espíritos antepassados, movidos por medo ou esperança. É nesta relação entre controle direto e súplica que Frazer relaciona magia e religião. A magia

se assenta na confiança humana sobre o controle da natureza; ao conhecer as leis que a regem, a magia se aproxima da ciência, ao passo que a religião pressupõe o reconhecimento humano de sua impotência em determinados aspectos, eleva a humanidade acima do nível mágico e equipara, em independência, a religião e ciência.

Esta relação teórica entre magia e religião, segundo Malinowski (2023, p.4), é ponto de partida para estudos mais modernos, como os conduzidos pelo professor Preuss, na Alemanha, pelo Dr. Marett, na Inglaterra e Hubert e Mauss, na França. De forma geral, para eles há um contraponto na teoria de Frazer: a ciência é fruto da experiência e norteada pela razão corrigida pela observação; já a magia tem sua construção na tradição e é saturada de misticismo. A ciência é assentada na concessão de forças naturais e aberta a todos, enquanto a magia é oculta, transmitida de forma hereditária ou seletiva e considera um poder místico e impessoal.

Tanto a magia quanto a religião surgem e desempenham papéis significativos em momentos carregados de emoção, como crises de vida, fracassos em empreendimentos importantes, morte e iniciação nos rituais tribais, bem como experiências de amor não correspondido ou ódio insatisfeito. Ambas oferecem soluções para essas situações e dilemas, não por meio de abordagens puramente racionais, mas sim por meio de rituais e da fé no poder do sobrenatural. Esse domínio inclui, na religião, a crença em divindades, espíritos e concepções primitivas de providência, bem como guardiões dos segredos tribais. Na magia, envolve a crença em suas forças e poderes primordiais. Tanto a magia quanto a religião têm suas raízes na tradição mitológica e ambas existem no contexto do extraordinário, revelando constantemente seu potencial como agentes de eventos miraculosos. Além disso, ambas são cercadas por tabus e cerimônias que as distinguem das ações realizadas no mundo secular (Malinowski, 1948, p.23-24).

Segundo Malinowski (1948, p.23-24), define-se magia como parte do domínio do sagrado, uma arte prática composta de ações que servem apenas como meios para alcançar um fim específico planejado para o futuro. A religião, por outro lado, assume a forma de um conjunto de ações autossuficientes, que por si só cumprem seu propósito. Agora, é possível explorar essa distinção até suas implicações mais profundas. A prática da magia tem uma técnica limitada e bem definida; o feitiço, o ritual e o estado do praticante compõem sua tríade repetida. A religião, com sua complexidade e objetivos diversos, não se limita a uma técnica tão simples e sua

unidade não reside apenas na forma de suas ações ou no conteúdo de seus temas, mas sim na função que desempenha e no valor de seu credo e rituais. Além disso, a crença na magia, devido à sua natureza simples e prática, é bastante direta. Sempre se baseia na afirmação do poder humano de causar efeitos definidos por meio de feitiços e rituais igualmente definidos. Por outro lado, na religião, há um vasto mundo sobrenatural de fé: o panteão de espíritos e demônios, os poderes benevolentes do totem, o espírito guardião, o Pai tribal de todas as coisas, visões da vida após a morte - todos esses elementos criam uma segunda realidade sobrenatural para os indivíduos primitivos. A mitologia religiosa é mais complexa e variada, permitindo maior espaço para a criatividade. Gira, frequentemente, em torno dos diferentes dogmas de sua fé e os expande em cosmogonias, lendas de heróis culturais e narrativas de feitos de deuses e semideuses. Em contraste, a mitologia da magia, embora relevante, consiste principalmente em repetir conquistas iniciais da humanidade (Malinowski, 1948, p.23-24).

A magia, uma prática com propósitos específicos, foi, em todas as suas formas, transmitida ao longo das gerações por meio de uma linhagem direta e sempre permaneceu sob a esfera de especialistas. Assim, desde tempos imemoriais, esse conhecimento esteve nas mãos de praticantes especializados, sendo a primeira profissão da humanidade a de feiticeiro ou bruxa. Em contraste, a religião, em contextos primitivos, é um assunto de interesse geral, em que cada indivíduo desempenha um papel ativo e equivalente. Todos os membros da tribo participam de ritos de iniciação e, posteriormente, iniciam outros membros. Todos compartilham do luto, das lamentações, da escavação das covas e das celebrações e, com o tempo, cada um terá a oportunidade de ser lamentado e celebrado. Os espíritos são acessíveis a todos e todos eventualmente se tornarão espíritos. A única especialização na religião é a do médium espiritual, mas isso não é considerado uma profissão; trata-se, em vez disso, de um dom pessoal. Uma distinção adicional entre magia e religião reside na abordagem dualista na magia, caracterizada por uma ênfase no contraste entre o bem e o mal, enquanto a religião, em suas formas primitivas, aborda essa dualidade de forma mais limitada, com menos foco nos poderes malignos e benéficos. Essa diferença também é influenciada pela natureza prática da magia, que busca resultados diretos e mensuráveis, enquanto a religião primitiva, embora essencialmente orientada pela moral, lida com eventos que são

frequentemente inevitáveis e irreversíveis, envolvendo forças e seres sobrenaturais. Assim, as destruições causadas por ações humanas não se encaixam em seu domínio. É importante observar que a afirmação de que o medo gerou os deuses não é sustentada pela antropologia (Malinowski, 1948, p.27-28).

A magia não é uma força universal que permeia tudo e flui livremente onde quer que seja desejada ou invocada. Ela é um poder único e específico, exclusivo do ser humano, que só é liberado através de sua habilidade mágica. Este poder emana de sua própria voz e é convocado através da celebração do ritual (Malinowski, 1948, p.28).

Para o pensamento mágico, o corpo humano, ao servir como recipiente e condutor da magia, está sujeito a diversas condições. Isso significa que a magia está profundamente enraizada nele, podendo ser transmitida de uma pessoa para outra por meio de rigorosas regras de afiliação, iniciação e instruções mágicas. Portanto, ela não é vista como uma força natural que reside nas coisas, agindo independentemente do ser humano, exige que ele a busque e aprenda por meio dos procedimentos usados para adquirir conhecimento da natureza em geral (Malinowski, 1948, p.28).

Para Malinowski (1948, p.28), a magia não surge da concepção abstrata de um poder universal, aplicado posteriormente a casos específicos; surge de forma independente em situações concretas e reais. Cada forma de magia, emergindo de sua própria situação e da tensão emocional envolvida, é resultado do fluxo espontâneo de ideias e da reação instintiva do ser humano. A consistência do processo mental em cada caso resultou em características universais da magia e em conceitos gerais que fundamentam o pensamento e o comportamento mágico humano.

A magia oferece ao ser humano primitivo uma série de atos e crenças já estabelecidos, uma técnica mental definida e conhecimentos práticos específicos. Esses elementos são essenciais para atravessar os abismos perigosos que surgem em cada desejo ou situação crítica importante. A magia capacita o indivíduo a enfrentar suas tarefas cruciais com confiança, a manter sua serenidade mental em meio à raiva, lidar com a dor do amor não correspondido, enfrentar o desespero e a angústia. Sua função principal reside em ritualizar o otimismo humano, fortalecendo a

fé na vitória da esperança sobre o medo. A magia se torna a expressão suprema do valor que o ser humano atribui à confiança em momentos de dúvida, à resolução diante da hesitação e ao otimismo em contraposição ao pessimismo (Malinowski, 1948, p.27-28).

Quando observamos a magia a partir de uma perspectiva distante e elevada, dos lugares seguros de nossa civilização evoluída, é fácil perceber seus aspectos grosseiros e fúteis. No entanto, devemos reconhecer que, sem o poder e a orientação proporcionados pela magia, o primeiro ser humano não teria conseguido superar suas dificuldades práticas nem elevar a raça humana aos patamares mais elevados da cultura. Isso explica a presença universal da magia nas sociedades primitivas e seu imenso poder. A magia se tornou um componente essencial em todas as atividades significativas, representando a incorporação da esperança sublime que tem servido como uma das melhores influências na formação do caráter humano (Malinowski, 1948, p.27-28).

A magia e a ciência compartilham semelhanças significativas. Ambas têm um propósito definido, profundamente conectado aos instintos, necessidades e desejos humanos. A prática da magia, assim como a ciência, busca resultados práticos e é guiada por teorias e princípios que determinam sua eficácia. Ao examinar feitiços, rituais e substâncias mágicas, encontramos princípios gerais que os governam, de forma semelhante ao método científico. Além disso, tanto na magia quanto na ciência, os praticantes desenvolvem técnicas especializadas; na magia, eles podem desfazer ou corrigir danos causados, com uma precisão que parece ser mais rigorosa do que em outras formas de arte ou atividade prática. Dessa maneira, magia e ciência compartilham certas semelhanças, levando à consideração de que a magia pode ser vista como uma pseudociência, conforme sugerido por Sir James Frazer (Malinowski, 1948, p.32).

Para Malinowski (1948, p.32), não é difícil perceber a natureza questionável de tal pseudociência, pois, enquanto a ciência, mesmo sendo o conhecimento inicial da humanidade, deriva da experiência comum e universal da vida diária, na qual o homem interage com a natureza em busca de sobrevivência e segurança, e é fundamentada na observação e no raciocínio lógico, a magia tem suas raízes em experiências emocionais particulares. Nestas experiências, o homem não está observando a natureza, mas sim a si mesmo, e a verdade não é revelada pelo

raciocínio lógico, mas sim pelo jogo das emoções em seu interior. Enquanto as teorias científicas são governadas pela lógica, as da magia são moldadas pela associação de ideias e desejos. Empiricamente, é notável que tanto o conhecimento científico quanto o conhecimento mágico estão imersos em distintas tradições, contextos sociais e práticas diversas, sendo todas essas variações amplamente reconhecidas pelas sociedades. Enquanto um pertence ao domínio profano, o outro, permeado por cerimônias, mistérios e tabus, constitui parte do âmbito sagrado.

A relação entre magia e ciência é complexa e multifacetada, abrangendo tanto suas semelhanças quanto suas diferenças. Ambas buscam compreender e interagir com o mundo ao nosso redor, embora por meio de abordagens distintas. Enquanto a ciência se baseia em métodos empíricos, observação e raciocínio lógico para explicar fenômenos naturais, a magia muitas vezes recorre a rituais, símbolos e crenças para influenciar o curso dos eventos. No entanto, ambas compartilham a busca pelo conhecimento e pela compreensão do desconhecido. Nos tempos modernos, vemos uma crescente convergência entre magia e ciência, à medida que novas áreas de pesquisa, como a neurociência e a psicologia, exploram os efeitos da mente sobre o corpo e o ambiente. Essa intersecção desafia nossas concepções tradicionais de magia e ciência, promovendo um diálogo rico e interdisciplinar entre esses campos aparentemente opostos.

Além das semelhanças e diferenças, magia e ciência também têm influenciado o desenvolvimento de um ao outro ao longo da história. Muitos conceitos e práticas mágicas foram investigados e explicados por meio da ciência, enquanto a magia, por sua vez, inspirou estudos sobre o potencial da mente humana e as forças da natureza, contribuindo para o desenvolvimento de novas tecnologias e abordagens científicas. A compreensão contemporânea da física quântica, por exemplo, desafia conceitos tradicionais de causalidade e realidade, sugerindo uma ligação entre mente e matéria que ressoa com ideias mágicas difundidas acerca de intenção e manifestação. Da mesma forma, avanços na neurociência têm lançado luz sobre os mecanismos subjacentes às práticas mágicas, revelando como estados de consciência alterados podem afetar percepções e experiências pessoais. A ciência também pode oferecer métodos mais precisos de medição e análise para validar ou refutar a eficácia de certas práticas mágicas, ajudando a separar tradições autênticas de superstições infundadas. Portanto, enquanto magia e ciência continuam a seguir caminhos

distintos, sua interação dinâmica continua a enriquecer nosso entendimento do mundo e do nosso lugar nele, e pode levar a uma compreensão mais profunda e holística da natureza, da realidade e da mente humana.

Para Malinowski (1948, p.32), tanto a magia quanto a religião emergem e operam em momentos de intensidade emocional: crises pessoais, fracassos significativos, ritos de passagem como iniciação tribal, amores não correspondidos ou ódios profundos. Ambas fornecem respostas para essas situações e dilemas, oferecendo não soluções empíricas, mas sim rituais e crença no transcendente como meios de superação. Esse domínio transcendente abrange, na religião, a fé em fantasmas, espíritos e crenças primordiais na providência divina; na magia, a convicção em sua força e poder primordiais. Tanto a magia quanto a religião, cercados por tabus e cerimônias que os diferenciam das atividades do mundo profano, têm suas origens profundamente enraizadas na tradição mitológica e compartilham o domínio do extraordinário, demonstrando continuamente sua capacidade como catalisadores de eventos miraculosos e milagrosos.

Uma distinção clara e tangível de magia e religião consiste na magia como parte do domínio sagrado, uma prática composta por atos que são meios para um fim específico esperado posteriormente; enquanto a religião se transforma em um conjunto de atos autossuficientes que, por si só, cumprem seu propósito. A religião, com sua complexidade e objetivos multifacetados, não se define por uma técnica tão direta e sua unidade não se revela apenas na forma de suas práticas ou temas, mas sim na função que desempenha e no valor de seus credos e rituais; por outro lado, a prática da magia é definida por uma técnica restrita e delimitada; o feitiço, o ritual e o estado do praticante compõem sua tríade repetida, o que, devido à sua natureza simples e prática, é extremamente simples, tratando-se, basicamente, da demonstração do poder humano de causar efeitos específicos por meio de feitiços e rituais igualmente específicos (Malinowski, 1948, p.32).

Por outro lado, a mitologia religiosa é mais complexa, variada e também mais criativa, havendo na religião uma segunda realidade sobrenatural para o indivíduo, todo um mundo sobrenatural da fé: a crença em espíritos e demônios, os poderes benéficos do totem, o espírito guardião, e visões da vida após a morte. Normalmente, a religião orbita em torno dos diversos dogmas de sua fé e os expande em cosmogonias, lendas de heróis e narrativas de feitos de divindades. Por outro lado, a

mitologia da magia, embora significativa, é uma exibição constantemente reiterada dos primeiros sucessos do homem (Malinowski, 1948, p.32).

Para Malinowski (1948, p.33), a magia, uma prática direcionada para propósitos específicos, uma vez que tenha surgido em suas várias formas, permaneceu dentro do domínio humano e era transmitida de geração em geração através de uma linhagem direta. Por outro lado, a religião, em suas formas primitivas, era um assunto de interesse geral, no qual cada indivíduo desempenhava um papel ativo e equivalente.

Para compreender a distinção entre religião e magia, e para ter uma visão clara dessa tríade, composta por religião, magia e ciência, é essencial entender brevemente a função cultural de cada uma. A ciência, na sua essência como um conhecimento ancestral, proporciona ao homem uma compreensão do seu ambiente, capacitando-o a manipular as forças naturais. Essa habilidade confere-lhe uma vantagem biológica marcante, posicionando-o acima do restante da criação. Já a religião estabelece, fortalece e aprofunda todas as disposições mentais valorizadas, como o respeito pela tradição, a harmonia com o meio ambiente, a coragem e a confiança ao enfrentar dificuldades e encarar a perspectiva da morte, de forma integrada e sustentada por meio de rituais e adoração (Malinowski, 1948, p.33).

A magia oferece ao homem primitivo práticas e crenças já estabelecidas, uma técnica mental e um conhecimento prático específicos, que o auxiliam a enfrentar os profundos abismos que surgem em cada desejo ou situação de extrema importância. Isso possibilita a execução de tarefas vitais com confiança, contribuindo para a preservação da serenidade e da integridade mental diante de momentos de raiva, dor, desespero e angústia. A função da magia é transformar o otimismo humano em ritual, fortalecendo a crença na vitória da esperança sobre o medo, sendo a ação e resolução diante da hesitação (Malinowski, 1948, p.33).

A relação entre magia e religião é complexa, permeando diversas culturas e épocas ao longo da história da humanidade. Ambos os sistemas de crenças compartilham elementos semelhantes, como rituais, símbolos e a crença no sobrenatural, embora suas abordagens e propósitos possam diferir. Na religião, os praticantes muitas vezes buscam uma conexão com uma divindade ou entidade

transcendente, enquanto na magia, o foco pode estar na manipulação das forças ocultas para alcançar objetivos específicos.

Além disso, ambas desempenham papéis importantes na estruturação da sociedade e na organização da vida cotidiana das pessoas. A religião muitas vezes serve como um sistema moral e ético, orientando as ações e comportamentos dos fiéis, enquanto a magia pode oferecer uma sensação de controle sobre eventos ou situações consideradas além do domínio humano. Apesar das diferenças e até mesmo de tensões entre esses dois domínios, é evidente que ambos desempenham um papel vital na vida das pessoas, fornecendo significado, consolo e orientação em face do desconhecido e do inexplicável.

Como já apresentado, na modernidade, observamos um ressurgimento e uma reinterpretção da magia, muitas vezes em contraste com as estruturas religiosas estabelecidas. Esse resgate da magia na era contemporânea pode ser atribuído, em parte, ao desejo de autonomia individual e à busca por uma espiritualidade mais flexível e personalizada. Enquanto a religião pode ser vista como vinculada a tradições e dogmas, a magia moderna frequentemente enfatiza a experimentação pessoal, a exploração do potencial humano e a conexão com a natureza e o cosmos.

No entanto, apesar das distinções entre magia e religião na era moderna, ainda existem sobreposições e interseções significativas entre os dois. Muitos praticantes combinam elementos de ambas as tradições em suas práticas espirituais, buscando uma abordagem integrativa que atenda às suas necessidades e crenças individuais. Além disso, tanto a magia quanto a religião continuam a desempenhar papéis importantes na formação da identidade cultural e na expressão da espiritualidade humana, refletindo a constante busca do ser humano por significado e transcendência.

Para Malinowski (1948, p.33), visto de uma perspectiva distante e superior, dos altos patamares de segurança da nossa civilização na era moderna, é muito simplista discernir os elementos rudimentares e fúteis da magia. Contudo, sem o seu poder e orientação, os primeiros homens, os mais primitivos, não teriam sido capazes de superar suas dificuldades práticas, talvez a humanidade não teria alcançado os patamares mais elevados da cultura. A presença universal da magia nas sociedades primitivas e seu imenso poder, torna-a um componente invariável em todas as atividades cruciais. Isso pode ser interpretado como a incorporação daquela sublime

loucura de esperança que tem sido a mais valiosa escola para a formação do caráter humano.

Na era moderna, o estudo da magia nas religiões tem sido objeto de interesse e pesquisa por parte de estudiosos das ciências sociais e religiosas. Com o avanço da academia e a mudança de perspectivas culturais, há uma crescente compreensão da magia como um fenômeno multifacetado presente em diversas tradições religiosas ao redor do mundo. Em vez de serem vistas como categorias distintas e opostas, a magia e a religião são frequentemente analisadas como partes integrantes de sistemas de crenças mais amplos, muitas vezes compartilhando elementos comuns, como rituais, símbolos e práticas místicas. Nesse contexto, a magia é frequentemente estudada como uma forma de busca por poder, controle e conexão com o divino, manifestando-se em diferentes contextos religiosos de maneiras variadas e complexas.

Um exemplo significativo dessa relação entre magia e religião pode ser encontrado na prática espiritual da umbanda, uma religião sincrética que combina elementos do catolicismo, do espiritismo e de tradições indígenas africanas. Na umbanda, a magia desempenha um papel fundamental como meio de comunicação com os espíritos e entidades espirituais, conhecidos como guias ou orixás. Os praticantes da umbanda frequentemente realizam rituais de cura, proteção e desenvolvimento espiritual, nos quais a magia é empregada para influenciar os eventos e obter assistência espiritual. Assim, a relação entre magia e religião na umbanda reflete a busca por transcendência espiritual e a interação com o mundo espiritual por meio de práticas rituais e místicas.

Segundo Guerriero (2003, p.84), na umbanda os rituais são muito visíveis e ornamentados, assim como as demais religiões de matriz de tradição africana, que atendem pessoas com problemas relacionados a doenças, feitiços ou obsessões, sem exigir a conversão para utilização destes serviços de atendimentos, comumente relacionados às práticas mágicas.

A natureza humana é tal que o desejo de um indivíduo muitas vezes é mais satisfatório quando os outros são frustrados do que quando ele próprio alcança sucesso. Nesse jogo sociológico de desejo e antagonismo, ambição e ressentimento,

sucesso e inveja, manifesta-se o jogo da magia e da contramagia, também conhecidos como magia branca e magia negra (Malinowski, 1948, p.31).

Na umbanda, a magia é compreendida como uma ferramenta para alcançar objetivos espirituais, como cura, proteção e desenvolvimento pessoal. A chamada magia branca, nada mais é que a relação de práticas mágicas associadas ao bem, sendo frequentemente utilizada para promover o equilíbrio, a harmonia e a cura espiritual.

Por outro lado, a magia negra é vista como o uso de práticas mágicas para fins egoístas, prejudiciais ou destrutivos. Na umbanda, a magia negra é desencorajada, pois vai contra os princípios de amor, caridade e respeito à vida.

Já contramagia na umbanda refere-se às práticas utilizadas para neutralizar ou reverter influências negativas ou ataques espirituais. Isso pode incluir rituais de limpeza espiritual, proteção contra energias negativas e o uso de amuletos e talismãs para repelir influências indesejadas. A contramagia é vista como uma forma de defender-se contra forças negativas e preservar o equilíbrio espiritual e a harmonia na vida do praticante.

Em última análise, a interação entre magia e religião nos desafia a explorar os limites da nossa compreensão do divino e do sobrenatural. Enquanto alguns buscam separar esses domínios, outros encontram significado e poder na fusão de ambos. Os rituais de magia incorporados aos cultos religiosos agem como forma de estabelecer uma conexão mais profunda com o mundo espiritual e invocar a ajuda e a orientação do divino. Podem incluir a utilização de elementos simbólicos, como velas, ervas, amuletos e símbolos sagrados, que são empregados para canalizar energias espirituais e criar um ambiente propício para a comunicação com o sagrado. Além disso, práticas como a invocação de cânticos e orações específicas são realizadas para estabelecer uma conexão espiritual e abrir canais de comunicação com os planos espirituais superiores.

A umbanda, assim como as religiões de tradição africana, representa um número relativamente pequeno de adeptos, mas tem uma representatividade social, marcada pela diversidade religiosa, riqueza simbólica e pelos serviços e atendimentos práticos ofertados e realizados, sendo clara a relação entre magia e religião nas práticas sociais, presente de forma visível e constante (Guerriero, 2003, p.84-85).

Essa jornada contínua de exploração espiritual é um lembrete da riqueza e da complexidade da experiência humana em busca de significado e conexão com o além, com o divino e com o sagrado.

## **2.2. Magia ao longo da história – de sua origem incerta ao amálgama com a umbanda**

A palavra "magia" tem origem na língua grega antiga, onde era escrita como "μαγεία" (mageia), parte do termo mago (μάγος), seu agente, termo emprestado do persa *magua*. Inicialmente, estava em oposição ao pensamento religioso predominante da época. (Guerriero, 2022, p.626). Para Guerriero (2003, p.12), “em termos bastante amplos, podemos entender por magia o controle exercido por parte do mago com a finalidade de intervir na ordem geral da natureza”. Mas há também a presença da magia em pequenos gestos e em atitudes cotidianas, que realizamos sem perceber (Guerriero, 2003, p.13).

Já entre os séculos VI e V a.C., começou a surgir a ideia de magia associada às práticas e crenças tidas como supersticiosas, desacordadas das práticas religiosas da época. Já na Roma antiga, a magia estava associada aos grupos cristãos, que após serem reconhecidos e consolidarem o cristianismo, a magia passou a ser considerada uma prática pagã, relacionada principalmente, mas não exclusivamente, às forças demoníacas. Durante a ascensão do cristianismo, as práticas consideradas mágicas foram suprimidas e rotuladas como heréticas pela Igreja, especialmente durante a Idade Média e a Inquisição. Essa separação muitas vezes refletia o desejo de impor uma ortodoxia religiosa e consolidar o poder institucional (Guerriero, 2022, p.626).

Após a Reforma Protestante, os católicos foram frequentemente rotulados como seguidores de uma religião considerada falsa, principalmente devido à sua devoção aos santos. As chamadas "ciências ocultas", que começaram a surgir por volta do século XVI, também encontraram forte oposição por parte dos protestantes, que viam nelas a ressurgência de elementos pagãos. A ascensão da ciência moderna contribuiu para marginalizar as ciências ocultas, incluindo a magia, rotulando-as como

obscurantismo antinatural. Na sequência, o racionalismo do Iluminismo rejeitava qualquer forma de pensamento considerada irracional ou supersticiosa. Foi nesse contexto histórico e social, simultâneo ao processo de colonização europeia, principalmente quanto às Américas, que houve a associação direta da magia com as práticas descritas como "selvagens" pelos povos considerados "primitivos", habitantes de terras exóticas e distantes, sendo eles frequentemente estigmatizados como incivilizados e portadores de um pensamento irracional. Nesse cenário, a religião passou a ser vista como derivada de um alto grau de racionalidade e civilização, enquanto que a sociedade primitiva era associada à ideia de selvageria e até mesmo a sua condição de ser humano era questionada (Guerriero, 2022, p.627).

Diante desse contexto histórico, a prática da magia no Brasil colônia foi marcada por uma rica mistura de influências culturais e religiosas que se entrelaçaram em um contexto de colonização, escravidão e catequização. Desde o início da colonização portuguesa, a magia popular - como um conjunto de práticas ligadas ao uso de elementos naturais, encantamentos, rituais e invocações de forças espirituais - coexistia com o catolicismo oficial, apesar da tentativa de imposição religiosa por parte da Igreja e do Estado colonial.

No Brasil colônia, três grandes correntes culturais e religiosas se misturaram: africana, indígena e europeia. Esse sincretismo resultou em práticas mágicas híbridas que foram adaptadas às necessidades cotidianas dos colonos, escravos e nativos.

Os aldeamentos jesuítas eram organizados em torno da capela, que desempenhava um papel central na vida da comunidade indígena. A catequese, realizada nesse espaço sagrado, era uma ferramenta de controle social, permitindo à Igreja moldar as crenças e comportamentos dos índios. Essa estratégia, aliada ao poder do Estado, visava garantir a obediência e a submissão dos povos nativos, facilitando assim o processo de colonização, marcada pela intensa atividade missionária, com religiosos de diversas ordens buscando converter os povos indígenas ao cristianismo. Os jesuítas, em particular, desempenharam um papel central nesse processo, criando missões e reduções onde os índios eram catequizados, educados e organizados em comunidades de trabalho. Embora a intenção inicial fosse proteger os indígenas da escravidão, a imposição da cultura europeia e a subordinação da igreja ao Estado resultaram na desestruturação das sociedades indígenas e na perda de suas tradições (Martins, 2006, p.10).

Para Martins (2006, p.11), os preceitos bíblicos confrontavam as práticas xamânicas dos guaranis, como a evocação de espíritos, festas e cerimônias mágico-religiosas que guiavam sua vida social e agrícola. Compreender profundamente o outro, a ponto de oferecer algo eficaz e significativo dentro de sua cultura, ia além de simplesmente apresentar quem eram os europeus. Sem dúvida, os povos indígenas exerceram influência sobre os jesuítas que chegaram às Américas e a ação mágica permeava a vida social desses aldeamentos.

A magia desempenhava um papel fundamental na organização social das comunidades indígenas, servindo como um sistema de símbolos que expressava valores e crenças coletivas. Os jesuítas, ao entrarem em contato com essas culturas, reconheceram a importância da magia, mas a interpretaram através de lentes eurocêntricas. Ao associar os rituais indígenas ao catolicismo, os missionários buscavam desconstruir as crenças nativas e substituí-las pela fé cristã. Essa abordagem, que desconsiderava a complexidade das cosmovisões indígenas, contribuiu para a perda de conhecimentos ancestrais e para a desestruturação das comunidades. A figura do xamã, por exemplo, foi apropriada pelos jesuítas e reinterpretada à luz de seus próprios dogmas, perdendo assim seu significado original (Martins, 2006, p.11-12).

Por outro ângulo, a Inquisição portuguesa, estabelecida tardiamente no século XVI, era um tribunal eclesiástico que tinha como objetivo garantir a pureza da fé católica. No entanto, suas funções transcendiam o âmbito religioso, servindo também como instrumento de controle social e político. A burguesia emergente, que desafiava o poder tradicional da nobreza e do clero, encontrou na Inquisição um aliado para reprimir seus opositores. Ao submeter a Inquisição ao controle real, D. João III transformou o tribunal em uma ferramenta de consolidação do poder monárquico. A estrutura inquisitorial, com seus tribunais locais e o poderoso inquisidor-mor, garantia a eficácia da repressão em todo o território português. O inquisidor-mor era assessorado por um conselho geral e tinha a função de aprovar as sentenças dos tribunais locais. Em Portugal, havia três tribunais principais: o de Lisboa (no centro do país), o de Évora (no sul) e o de Coimbra (no norte) (Silva, 2011, p.78).

Os alvos da Inquisição portuguesa eram diversos, incluindo judeus, protestantes e indivíduos acusados de crimes sexuais e práticas consideradas heréticas. A feitiçaria, o pacto com o demônio e as práticas supersticiosas eram

associadas à influência demoníaca e consideradas uma grave ameaça à ordem divina. A Inquisição estabelecia uma distinção entre a heresia dos não católicos, considerada mais grave, e a heresia dos católicos, que era vista como uma possibilidade de redenção (Silva, 2011, p.78).

Embora o Brasil não tivesse um tribunal inquisitorial próprio, a Inquisição portuguesa exercia controle sobre a colônia através de visitas periódicas. As acusações de heresia eram encaminhadas a Portugal, onde os acusados eram julgados. A heterogeneidade cultural da colônia, aliada aos interesses dos senhores de escravos em manter seus trabalhadores, contribuiu para uma maior tolerância religiosa. O medo de revoltas populares também influenciou a postura da igreja e do Estado, que optaram por um controle mais sutil, evitando medidas repressivas que pudessem desestabilizar a colônia (Silva, 2011, p.78-79).

O conceito de demonolatria, que vinculava práticas mágicas ao culto ao diabo, surgiu como uma ferramenta da igreja católica para combater as antigas tradições pagãs. Essa associação permitiu que a igreja demonizasse deuses e rituais pagãos, facilitando a conversão de populações não cristãs. No Brasil colonial, essa lógica foi aplicada para justificar a catequização dos povos indígenas e a imposição da cultura europeia (Silva, 2011, p.79).

A história das religiões é marcada por processos de sincretismo, como a incorporação de elementos de diferentes crenças. Na Europa medieval, divindades pagãs foram associadas a santos católicos, enquanto no Brasil, divindades indígenas e africanas se misturaram ao cristianismo, gerando uma rica diversidade religiosa. As divindades pagãs que não foram sincretizadas foram frequentemente demonizadas para justificar a dominação cultural e religiosa. A representação do Diabo, por exemplo, foi influenciada por divindades pagãs como Yule, o deus celta dos chifres, e por deidades africanas e ameríndias, associadas a características físicas e culturais dessas populações (Silva, 2011, p.79).

As diferenças entre Portugal e o Brasil colonial, em termos de ambiente, sociedade e cultura, fizeram com que a Inquisição atuasse de forma distinta nas duas regiões. A adaptação do regime inquisitorial à realidade colonial era complexa e poderia prejudicar a estrutura da colônia. A punição do degredo, frequentemente utilizada contra feiticeiros, revelava essa dinâmica: enquanto em Portugal muitos

condenados permaneciam no país, no Brasil, muitos feitiçeiros continuavam praticando seus rituais, difundindo seus conhecimentos entre a população local (Silva, 2011, p.79).

Neste contexto, a especificidade da colonização brasileira proporcionou um ambiente propício para o desenvolvimento de práticas mágicas distintas das encontradas em outras partes do império português. O sincretismo religioso, resultado da interação entre culturas europeia, indígena e africana, moldou uma espiritualidade híbrida, refletindo a complexidade da sociedade colonial (Silva, 2011, p.85).

Na cosmovisão africana, o universo é um sistema coeso e interligado, onde o sagrado permeia todas as esferas da vida. Qualquer desvio dessa harmonia é interpretado como resultado de forças sobrenaturais, como a feitiçaria. A espiritualidade está presente em todos os aspectos do cotidiano, tornando difícil estabelecer uma separação clara entre o mundo material e o espiritual (Caldas, 2007, p.132).

Para Caldas (2007, p.133), a magia africana possuía um caráter ambivalente. As mesmas forças que permitiam a cura e a adivinhação podiam ser utilizadas para causar danos. Essa dualidade era inerente à crença de que o poder mágico podia ser empregado tanto para restabelecer a harmonia quanto para perturbá-la. Essa característica, aliás, não é exclusiva das religiões africanas, estando presente também no catolicismo.

A escravização, ao transformar práticas religiosas africanas em feitiçaria, inverteu a lógica de poder, tornando os colonizadores os verdadeiros praticantes de uma magia negra. Os africanos, diante dessa violência, recorreram a seus saberes ancestrais para resistir e se proteger, o que foi interpretado pelos europeus como uma confirmação de suas crenças sobre a feitiçaria africana. Essa dinâmica demonstra como o discurso sobre a feitiçaria foi utilizado como ferramenta de dominação e controle. A resposta dos africanos escravizados aos “feitiços” dos senhores era complexa e estratégica. Utilizando os mesmos elementos da natureza, como ervas e venenos, que eram usados em rituais de cura, os africanos criavam contrafeitiços. Essa prática, ao invés de ser vista como mera superstição, era uma forma de resistência cultural e espiritual, na qual o sagrado era invocado para desafiar o poder colonial. Ao atribuírem o resultado dos feitiços às divindades, os africanos legitimavam

suas práticas e reforçavam a crença no poder do sobrenatural (Caldas, 2007, p.135, 138).

A prática da feitiçaria entre os africanos escravizados transcendia a esfera individual. Ao direcionar seus poderes mágicos contra os senhores, eles visavam não apenas causar mal, mas também sabotar economicamente seus opressores, afetando suas propriedades e status social. Essa forma de resistência, que se tornou mais sofisticada no Brasil, aterrorizava os senhores, que temiam a perda de seus investimentos humanos (Caldas, 2007, p.138). As práticas mágicas foram cruciais para a resistência negra à escravidão. Através de ritos e crenças, os negros não apenas preservaram sua cultura, mas também desafiaram o poder colonial, resistiram ativamente à opressão através de diversas estratégias, incluindo as práticas mágicas, preservando assim sua identidade cultural e ancestral (Silva, 2011, p.85).

A relação entre senhores e adivinhos africanos era complexa. Ao procurarem os serviços desses adivinhos, os senhores, paradoxalmente, legitimavam o poder espiritual africano. Os adivinhos, por sua vez, aproveitavam essa oportunidade para fortalecer suas posições nas comunidades escravizadas e expandir sua influência. Ao consultarem os adivinhos, os senhores abriam uma brecha no sistema colonial, reconhecendo, mesmo que implicitamente, a força e a validade das cosmologias africanas (Caldas, 2007, p.142-143).

A herança do período colonial se manifesta em diversas práticas populares, como o uso de patuás, benzeduras e simpatias. Essas práticas, que remontam ao passado, são utilizadas até hoje para buscar soluções para problemas relacionados à saúde, vida amorosa e prosperidade financeira (Silva, 2011, p.85).

Pode-se notar que recorrentemente a magia é associada à prática, religiosa ou não, do outro, sendo estigmatizada e associada a pensamentos e práticas inaceitáveis e errôneas. Com o avanço da ciência moderna e o com o movimento do renascimento, surgem alguns movimentos que buscam por outras fontes de conhecimento, às margens do cristianismo - religião estabelecida no momento -, estendendo seus olhares inclusive para forças não empíricas, como as forças da natureza, de modo a inaugurar um novo pensamento mágico (Guerriero, 2022, p.627). Nesse cenário, o objetivo comum de influenciar o mundo físico pela magia pode ser visto como uma semelhança à ciência, que busca entender e controlar os fenômenos naturais.

Ao final do século XVIII e durante o século XIX tem-se um intenso discurso sobre esses estudos, como Franz Anton Mesmer (1784-1815), criador da proposta terapêutica do magnetismo animal ou mesmerismo; como Eliphas Levi (1810-1885), que viveu na França, escreveu inúmeros livros sobre esoterismo e deixou seguidores pelo mundo todo; como Madame Blavatsky (Helena Petrovna Blavatsky - 1831-1891) que publicou sua principal obra, *A Doutrina Secreta*, o livro mais importante para os teosofistas e publicado pela primeira vez em 1888, sendo considerado a obra fundamental do movimento teosófico, com influência significativa na espiritualidade alternativa e no ocultismo. Outro representante foi o espiritismo de Allan Kardec (1804-1869), originado na França, no século XIX, como doutrina que postula a imortalidade da alma, a possibilidade da comunicação com os mortos (os espíritos) e a continuidade da via espiritual e material por meio do processo reencarnatório, a reencarnação. É uma doutrina que foi codificada pelo pedagogo francês Hippolyte-Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo Allan Kardec, fruto de suas observações de um fenômeno que estava sendo destaque na Europa do século XIX, as mesas girantes – um fenômeno onde as mesas se erguiam do chão, movimentavam-se e sofriam batidas em respostas a indagações direcionadas a elas (Neubern, 2007, p.349-353; Fernandes, 2008, p.799-800; FEB, 2019; Oliveira, 2011, p.40; Forostecki e Santin Filho, 2014, p.187).

No entanto, segundo Ortiz (1999, p.46-47), a tensão entre o kardecismo e a umbanda se manifesta em uma clara oposição de valores e práticas. Os kardecistas, buscando uma espiritualidade racional e elevada, tendem a desvalorizar as manifestações religiosas afro-brasileiras, associando-as ao primitivismo e à superstição. Essa visão, que se expressa na rejeição de entidades como exu e na crítica a rituais considerados "bárbaros", reforça uma hierarquia religiosa que coloca o kardecismo em um patamar superior. A relação com as tradições mágicas diferencia o kardecismo das religiões afro-brasileiras. O candomblé, por exemplo, busca preservar sua identidade cultural, mas enfrenta desafios diante da necessidade de se adaptar à sociedade brasileira. A pressão por tempo e dinheiro, a visão negativa sobre os sacrifícios e a busca por individualidade entram em conflito com as práticas tradicionais. Essa tensão gera debates internos e leva a uma reinterpretação dos rituais, buscando conciliar a fé ancestral com as demandas da vida moderna.

A umbanda emerge como um fenômeno religioso híbrido, resultado da interação entre as práticas mágicas africanas e a ideologia espírita. Sua formação é marcada pela ausência de um local de origem preciso, refletindo o caráter sincrético e adaptativo da religião. A umbanda reinterpreta os valores tradicionais, ajustando-os às novas demandas da sociedade urbana e industrial, sem perder suas raízes africanas (Ortiz, 1999, p.47).

É verdade que muitos desses movimentos, como a teosofia, o ocultismo e a própria nova era, enfrentaram fortes críticas por parte das igrejas cristãs. Esses movimentos frequentemente desafiavam as doutrinas e crenças tradicionais do cristianismo e promoviam perspectivas espirituais alternativas, pois, muitas vezes, envolviam a exploração de práticas espirituais e esotéricas, incluindo aquelas rotuladas como "magia". A wicca, por exemplo, é uma religião neopagã que enfatiza a prática da magia como parte integrante de suas crenças e rituais. Esses grupos e movimentos que promovem a elevação do eu através de práticas espiritualizadas muitas vezes adotam abertamente a magia como uma ferramenta para alcançar seus objetivos espirituais e pessoais (Oliveira, 2011, p.33; Cordivil, 2015, p.431-432).

As raízes do neopaganismo remontam ao século XIX e ao início do século XX, quando movimentos como o espiritualismo e o ocultismo começaram a resgatar e reinterpretar tradições esotéricas e místicas. O neopaganismo descreve uma variedade de movimentos espirituais contemporâneos que buscam resgatar e reinterpretar tradições religiosas e espirituais antigas, muitas vezes pré-cristãs. Esses movimentos são caracterizados por uma ampla diversidade de crenças, práticas e tradições e não constituem uma única religião organizada; abrangem uma variedade de tradições e abordagens que compartilham uma rejeição do monoteísmo abraâmico (judaísmo, cristianismo e islamismo) e uma busca por uma espiritualidade que se conecte mais diretamente com a natureza e as antigas tradições pagãs (Castro, 2016, p.125-127).

No entanto, o neopaganismo moderno como o conhecemos hoje começou a tomar forma na década de 1960, com o ressurgimento do movimento pagão na Grã-Bretanha, exemplificado pelo surgimento da wicca, uma das tradições neopagãs mais proeminentes e influentes. É caracterizada por uma adoração da Deusa Tríplice e do Deus Cornífero, crença na magia, reverência à natureza e práticas rituais sazonais, reverenciando o movimento solar ao longo do ano e realizadas nas mudanças de

estação climática. Desde então, a wicca se espalhou pelo mundo e se ramificou em diversas tradições e linhagens (Castro, 2016, p.125-126).

O neopaganismo é uma religião inclusiva e descentralizada, com ênfase na liberdade individual, na criatividade espiritual e na conexão pessoal com o divino e com a natureza, celebrando a diversidade de crenças e práticas (Castro, 2016, p.125-126).

É nesse cenário que a relação entre neopaganismo e magia se apresenta bastante íntima e fundamental para muitas tradições dentro do neopaganismo. A magia é frequentemente vista como uma ferramenta espiritual poderosa para influenciar a realidade, manifestar intenções e buscar crescimento pessoal. No entanto, a magia no neopaganismo não se limita apenas à manipulação dos eventos externos, mas também é vista como uma ferramenta para explorar a consciência humana, expandir a percepção espiritual e alcançar estados alterados de consciência. Isso pode ser feito por meio de práticas como meditação e viagens xamânicas.

Em síntese, para muitos neopagãos, a magia é uma parte essencial de sua prática espiritual, oferecendo uma maneira de se conectar com o divino, com a natureza e com o próprio eu em um nível mais profundo e significativo.

No século XXI, pode-se reconhecer um cenário espiritual diversificado e em constante evolução, em que o neopaganismo e a nova era resgatam a magia como prática espiritual, reconectando-a às práticas religiosas, marcando uma crescente busca por significado, conexão espiritual e uma abordagem mais pessoal e inclusiva em relação à espiritualidade.

A magia, tanto na forma tradicional quanto na moderna, desempenha um papel importante no cenário espiritual do século XXI. Tanto dentro do neopaganismo quanto da nova era, a magia é frequentemente vista como uma ferramenta poderosa para manifestar intenções, explorar a consciência e promover a transformação pessoal. Práticas mágicas que incluem rituais, feitiços, trabalho com símbolos, visualização criativa e diversas técnicas de magia energética resgatam a magia na sua forma tradicional associando a uma abordagem moderna de adoração divina e culto ao sagrado, sejam elas por representações divinas ou naturais.

As religiões tradicionais continuam a desempenhar um papel significativo na vida espiritual de muitas pessoas, mas enfrentam desafios em um mundo cada vez

mais diversificado e secularizado, com um aumento na pluralidade religiosa e na busca por formas mais inclusivas e adaptáveis de religião. Algumas religiões tradicionais estão incorporando elementos da espiritualidade contemporânea, como práticas de cura alternativa e meditação, enquanto outras estão enfrentando questões de relevância e mudança cultural. Inegável, assim, a existência de um cenário espiritual, no século XXI, que apresenta uma coexistência e interação dinâmica entre a magia e as religiões tradicionais. Esses diferentes movimentos e práticas oferecem uma variedade de abordagens para a busca de significado, conexão espiritual e transformação pessoal, refletindo a diversidade e a complexidade da experiência humana na era moderna.

A dinâmica entre os senhores coloniais e os adivinhos africanos, onde os senhores, ao buscarem os serviços espirituais dos adivinhos, acabavam legitimando o poder espiritual africano, é interessante, pois pode ser comparada com a prática da magia na umbanda nos dias atuais, sendo que ambas envolvem a valorização e reconhecimento de cosmologias espirituais não ocidentais. Na umbanda contemporânea, as entidades espirituais, os guias, que muitas vezes são associados às tradições africanas, indígenas e espíritos de antigos escravizados, são consultados por pessoas em busca de orientação, cura e soluções para problemas cotidianos. Da mesma forma que os senhores coloniais recorriam aos adivinhos, muitos praticantes e consulentes da umbanda hoje buscam auxílio espiritual em suas dificuldades, legitimando as forças espirituais e a sabedoria das tradições ancestrais. Dessa forma, na umbanda, os guias espirituais e os orixás desempenham um papel semelhante, ajudando os indivíduos a fortalecerem sua conexão com o espiritual e com suas raízes culturais. Esse papel de consultores espirituais, de guias que transcendem as hierarquias sociais e operam no campo do sagrado, é uma função central na umbanda, assim como era entre os adivinhos africanos.

Além disso, o fato de os senhores procurarem os adivinhos africanos reflete um reconhecimento, mesmo que implícito, da eficácia e poder dessas práticas espirituais. Esse reconhecimento, na umbanda, ocorre, hoje, por meio da crescente procura por rituais, oferendas e consultas com as entidades espirituais, em que a magia continua a ser vista como uma forma legítima de intervenção e cura, reconhecendo e validando o poder espiritual e magístico ancestral que faz parte dessa tradição. Portanto, a relação entre o poder espiritual africano legitimado pelos senhores coloniais e a

prática da magia na umbanda, hoje, revela como as tradições espirituais não apenas persistiram, mas também evoluíram para se tornar parte fundamental da busca por conexão, orientação e transformação na vida cotidiana de muitas pessoas.

A incorporação de elementos de várias tradições e sistemas espirituais integra uma visão metafísica que vai além das divisões tradicionais, reconhecendo a magia como uma ferramenta que opera dentro das leis universais. Isso reflete o movimento espiritual contemporâneo, no qual as pessoas estão cada vez mais interessadas em práticas que ofereçam autonomia e empoderamento pessoal. A magia umbandista, ao ser aplicada com ética e de forma consciente, proporciona ao indivíduo a oportunidade de interagir com forças espirituais e naturais de maneira ativa, em vez de apenas passiva, o que está em perfeito alinhamento com o pensamento contemporâneo.

Assim, a umbanda sagrada se posiciona como uma religião que não apenas mantém suas raízes tradicionais, mas também se transforma e se adapta à modernidade. O uso da magia, dentro desse contexto, responde à demanda por uma espiritualidade viva, que dialogue com as questões da vida contemporânea, oferecendo ao praticante uma forma de transformação pessoal e de conexão com o sagrado, de maneira direta e acessível. Em um mundo onde as fronteiras entre o espiritual e o secular estão cada vez mais fluídas, a umbanda sagrada e sua prática mágica se destacam como uma expressão dinâmica da espiritualidade no século XXI.

Nesse cenário, está a umbanda sagrada, sistematizada por Rubens Saraceni, utilizando a magia como um de seus pilares para a transformação pessoal e a busca por equilíbrio espiritual. Na umbanda sagrada, a magia envolve a manipulação de energias espirituais e naturais para promover cura, proteção, abertura de caminhos e transformação pessoal, alinhada às necessidades da modernidade. Essas práticas seculares, realizadas pelos guias de trabalho, como caboclos, pretos velhos, exus e pombagiras, agora sistematizadas pela umbanda sagrada, permitem uma abordagem direta e prática às questões contemporâneas, oferecendo uma solução espiritual para problemas concretos.

### 2.3. A noção de magia no pensamento de Saraceni

Rubens Saraceni considera quatro elementos formadores da umbanda, os quais ele denomina de corrente, sendo a magia, para ele, a quarta corrente. Para Saraceni (2019, p.15), a crença na magia é universal e surge como uma resposta a medos e incertezas, especialmente diante do desconhecido e de forças sobrenaturais consideradas maléficas. Na umbanda, a magia branca, ou positiva, está profundamente enraizada nas práticas religiosas, tornando-se indistinguível dos rituais espirituais puros. Essa integração entre o sagrado e o mágico é uma característica marcante da religião.

A umbanda transcende a dicotomia entre o religioso e o mágico, integrando ambas as dimensões em suas práticas. Os guias espirituais atuam tanto no plano religioso quanto no mágico, revelando a unidade subjacente a esses aspectos da espiritualidade. A magia religiosa, presente na umbanda, é resultado da fusão entre a fé e a prática mágica, oferecendo um caminho espiritual holístico. O sincretismo com o catolicismo, ao utilizar imagens e símbolos familiares, facilitou a adesão de novos adeptos, criando um espaço de transição suave entre as diferentes crenças (Saraceni, 2019, p.15).

Para Saraceni (2013, p.226), a magia é a arte de invocar e canalizar os poderes ocultos do Universo, colocando-os a serviço da vida e do bem comum. Seja nas influências celestes dos astros, na força da natureza ou nos mistérios do espírito, a magia se manifesta em infinitas formas, cada qual com sua própria beleza e poder. Suas origens se perdem no tempo, um legado ancestral transmitido através das gerações. Assim como para Guerriero (2022, p.626), “não é possível determinar o surgimento da magia, visto que esta encontra-se intimamente relacionada ao cotidiano dos povos. Destarte, pode-se dizer que a magia existe desde que o ser humano se constitui como tal”, Saraceni reconhece que a origem da magia é incerta e sua existência está condicionada à transmissão de geração para geração.

Grandes iniciados, como figuras históricas de destaque nas tradições religiosas e esotéricas, são considerados os transmissores e guardiões desses conhecimentos. Ao longo da história, esses indivíduos, portadores de dons e *insights* divinos, compartilharam seus saberes com a humanidade, beneficiando inúmeras gerações.

Os grandes iniciados são almas anciãs, preparadas desde tempos imemoriais para sua missão. Sua conexão com o divino é tão profunda que os rituais e práticas tradicionais se tornam desnecessários. Eles são fontes de inspiração e guias espirituais, capazes de despertar o potencial divino em outros. A prática da magia, no entanto, exige um reconhecimento formal por parte das divindades, obtido através de um processo de iniciação tradicional (Saraceni, 2013, p.226).

Segundo Saraceni (2013, p.226):

- Magia é o ato de ativar ou desativar mistérios de Deus;
- Magia é a "manipulação" mental, energética, elemental e natural de mistérios e poderes Divinos;
- Magia é o ato de, a partir de um ritual evocatório específico, ativar energias e mistérios que, só assim, são colocados em ação;
- Magia é um procedimento paralelo aos religiosos ou, mesmo, parte deles.

Como já foi apontado, para Saraceni o mistério é um conceito complexo e abrangente. É a força que impulsiona a criação e a evolução de todas as coisas, desde a menor partícula até o universo como um todo. O mistério é a própria essência divina, a fonte de toda a ordem e harmonia. Ele está presente em tudo, como uma semente que contém em si o potencial para se desenvolver e florescer. Compreender o mistério é, portanto, desvendar os enigmas da existência e encontrar nosso lugar no grande plano cósmico (Saraceni, 2012, p.35).

Ao analisar o postulado de Saraceni, percebemos que o conceito de magia está intimamente relacionado com a manipulação consciente e ritualística dos mistérios divinos, que são forças essenciais e invisíveis que regem a criação e a evolução do universo. Magia, nesse contexto, não é apenas um conjunto de práticas esotéricas, mas sim um meio de interagir diretamente com os mistérios de Deus, ou seja, com as forças que constituem a ordem e a harmonia cósmica.

Ele define a magia como a ativação ou desativação desses mistérios divinos, implicando que o praticante da magia tem a capacidade de manipular essas forças por meio de um ritual evocatório específico. Isso significa que a magia é uma prática que requer uma intenção clara e um conhecimento profundo de como convocar e direcionar energias, sejam elas mentais, energéticas, elementais ou naturais.

A magia, conforme Saraceni, é também uma manipulação dos poderes divinos, o que indica que o ser humano, ao realizar um ritual mágico, não está criando ou gerando essas energias, mas sim trabalhando com forças preexistentes, divinas e universais. Essas forças precisam ser ativadas por um ato consciente e ritualístico, sendo que, sem tal ato, elas permanecem inativas ou latentes.

Outro ponto relevante é que Saraceni vê a magia como um procedimento que pode ser paralelo ou parte dos sistemas religiosos, sugerindo que a magia e a religião estão conectadas, mas que a magia pode operar tanto dentro quanto fora dos rituais religiosos tradicionais.

Além disso, o conceito de "mistério" é central na visão de Saraceni, sendo descrito como a força fundamental que impulsiona a criação e a evolução de todas as coisas. O mistério é a própria essência divina, presente em tudo no universo, desde as menores partículas até as mais grandiosas estruturas cósmicas. Ele é comparado a uma semente com potencial para crescer e florescer, contendo em si todas as possibilidades da existência.

Então, na umbanda sagrada, com base no conceito exposto por Saraceni, a magia ocupa uma posição estrutural e profundamente espiritual, sendo vista como uma prática sagrada que lida diretamente com os mistérios divinos. A magia, nesse contexto, não é apenas um conjunto de atos ou rituais isolados, mas um meio pelo qual os praticantes podem ativar, manipular e direcionar as energias fundamentais que constituem a essência da criação e a harmonia cósmica.

Na umbanda sagrada, esses mistérios divinos são entendidos como forças primordiais que regem o universo e a magia é o canal através do qual o ser humano pode se conectar e interagir com essas forças. Essa interação permite ao praticante alinhar-se com os desígnios divinos, promover cura, evolução espiritual e equilíbrio energético tanto para si mesmo quanto para outros.

Ao compreender e trabalhar com esses mistérios, o praticante de umbanda se coloca como um intermediário entre o plano material e o espiritual, utilizando a magia como um meio de transformar, harmonizar e evoluir a realidade ao seu redor. A magia na umbanda, portanto, não é algo separado da religião, mas uma expressão direta do conhecimento e da manipulação consciente dos princípios espirituais e cósmicos, inseridos em uma prática que visa o bem maior e o alinhamento com a vontade divina.

Dessa forma, compreender o mistério, segundo o conceito de Saraceni, é desvendar os enigmas da vida, revelando o propósito oculto de cada ser e fenômeno, encontrando o seu lugar no grande plano cósmico e divino. Assim, a magia, ao lidar diretamente com esses mistérios, torna-se uma prática sagrada e profunda, conectando o praticante ao próprio fluxo da criação e à harmonia universal.

Assim, Saraceni (2013, p.227) afirma que a mediunidade é um processo ativo que envolve a movimentação de energias sutis e a ativação de mecanismos mágicos, permitindo a conexão com outras dimensões, conforme aponta em sua obra:

As práticas mediúnicas são fundamentadas na movimentação de elementos mágicos ou magísticos.

Mágico = movimentação de energias.

Magístico = ativação de processos mágicos (Saraceni, 2013, p.227).

Na umbanda sagrada, as práticas mediúnicas são profundamente ligadas à movimentação de elementos mágicos e magísticos, que possuem funções distintas, mas complementares.

O mágico, segundo Saraceni (2013, p.227), refere-se à movimentação de energias sutis, sejam elas mentais, espirituais, elementares ou naturais. Ou seja, a magia envolve o direcionamento e a manipulação dessas energias no ambiente espiritual e etérico. O magístico, por outro lado, está relacionado à ativação de processos mágicos, que ocorrem quando certas energias são dinamizadas por meio de rituais ou oferendas, desencadeando forças específicas com finalidades espirituais ou energéticas.

De uma forma simplificada, o mágico estaria, então, relacionado ao médium ou ao praticante da umbanda, pois é o agente que realiza a movimentação de energias, utilizando sua sensibilidade e capacidade espiritual para canalizar e direcionar essas forças. O médium, em seu papel, trabalha com as energias espirituais, elementares e sutis, atuando como um condutor ou intermediário entre os planos material e espiritual. Ele movimenta essas energias de forma consciente, seja em um trabalho de incorporação, passe energético, cura ou em outras práticas mediúnicas.

Já o magístico, por sua vez, está mais ligado ao ritual, que é a estrutura organizada e simbólica através da qual se ativam os processos mágicos. O ritual envolve a utilização de elementos materiais, como frutas, velas, flores e outros

objetos; e segue uma ordem precisa que tem o propósito de desencadear certas energias e forças espirituais. O ritual, portanto, é a chave para ativar esses processos mágicos e direcionar as energias movidas pelo médium de maneira adequada e eficaz.

Em resumo, o médium movimenta e canaliza as energias mágicas, ou seja, o mágico; e o ritual organiza e ativa os processos que direcionam essas energias para um objetivo específico, ou seja, o magístico. Essa distinção mostra como a prática mediúnica e os rituais, em conjunto, possibilitam a interação com o mundo espiritual, com objetivos como cura, equilíbrio e auxílio espiritual.

Nesse contexto, magia e religião estão profundamente conectadas na umbanda sagrada. A magia, entendida como a manipulação consciente de energias e mistérios divinos, é uma expressão prática e ritualística da espiritualidade e dos princípios religiosos. Enquanto a religião oferece a estrutura filosófica e espiritual, a magia atua como o mecanismo que permite a interação direta com as forças divinas e espirituais.

Saraceni (2013, p.227) exemplifica essa relação nas oferendas, muitas vezes compostas por frutas, velas, bebidas, flores, perfumes, fitas e comidas, que obedecem a uma ordem precisa e fundamentada, mesmo que, à primeira vista, os elementos pareçam simples ou sem um propósito claro. Cada item presente na oferenda possui uma função específica, de acordo com o objetivo ritualístico.

Por exemplo, as frutas são fontes concentradas de energia e têm diversas aplicações no campo etérico. Cada tipo de fruta é uma condensação de energias naturais que, quando corretamente manipuladas pelos espíritos, podem ser transformadas em plasma astral — uma substância energética que os guias espirituais utilizam, tanto como reserva energética durante suas atividades socorristas, quanto para sustentar suas próprias formas etéricas durante suas missões. Além disso, as frutas servem para sutilar o corpo energético dos espíritos, ou seja, ajudam a refinar e fortalecer suas estruturas energéticas, especialmente quando estão desempenhando trabalhos em níveis etéricos que exigem grande esforço. Ao mesmo tempo, essas energias podem também densificar os corpos elementares dos seres encantados regidos pelos orixás, seres que atuam no campo espiritual e que, ao estarem fora de sua dimensão natural, sofrem desgaste energético. Assim, as frutas

e outros elementos das oferendas servem como fontes de reposição e fortalecimento energético para esses seres (Saraceni, 2013, p.227).

Saraceni postula que as energias mágicas são mobilizadas no plano material por meio da ação dos médiuns e dos elementos da natureza. No entanto, essas energias só se tornam magísticas, ou seja, espiritualmente ativas, quando são inseridas em um ritual adequado, que segue a ordem e o conhecimento dos mistérios divinos. Dessa forma, as práticas mediúnicas, ao movimentar energias mágicas e magísticas, visam harmonizar o plano espiritual, sustentar os trabalhos dos espíritos e orixás, bem como alcançar os objetivos a que se destinam, seja em processos de cura, equilíbrio ou proteção espiritual.

Rubens Saraceni sistematiza a umbanda sagrada de forma a integrar diversos elementos espirituais, ritualísticos e energéticos em uma estrutura organizada e coerente. Ele oferece um modelo de prática religiosa que não se baseia apenas na intuição ou espontaneidade, mas que segue um entendimento mais profundo dos mistérios divinos, do uso de energias e da função de cada rito, oferenda e trabalho espiritual. Ele sistematiza o uso dessas energias dentro de um contexto religioso, em que o mágico, movimentação de energias naturais, e o magístico, ativação espiritual e divina, trabalham em conjunto para a realização dos propósitos espirituais. Essa abordagem permite que as práticas da umbanda sagrada sejam compreendidas de maneira ordenada, com um propósito claro e fundamentado no entendimento dos mistérios divinos.

Edward Burnett Tylor, considerado um dos fundadores da antropologia, definiu o animismo como a crença na existência de espíritos e entidades não visíveis que influenciam o mundo. Ele argumentou que as práticas religiosas primordiais surgem do desejo humano de compreender e influenciar essas forças espirituais. Na umbanda sagrada de Rubens Saraceni, a crença em espíritos é central. Os praticantes reconhecem a presença de guias espirituais, orixás e outras entidades que atuam no mundo espiritual e influenciam a vida cotidiana. A prática mágica, que envolve rituais e oferendas, visa interagir com essas forças espirituais, buscando a proteção, a cura e a orientação. Assim, a umbanda pode ser vista como uma expressão de uma forma de animismo que Tylor descreveu, na qual a compreensão das forças espirituais molda a prática religiosa.

Tylor observou que a magia, muitas vezes, se baseia em um conjunto de crenças e práticas que buscam manipular as forças da natureza e do sobrenatural. Para ele, a magia é um meio de controlar as circunstâncias por meio de rituais, símbolos e ações. Na umbanda sagrada, os rituais mágicos são elaborados e simbólicos, envolvendo a utilização de elementos como frutas, ervas, velas e outros objetos. Esses rituais têm a intenção de ativar energias espirituais e promover resultados específicos, como cura ou proteção. A prática mágica é vista como uma maneira de influenciar as forças espirituais, o que se alinha com a ideia de Tylor de que a magia busca o controle sobre o sobrenatural.

Tylor propôs uma evolução cultural em que as crenças mágicas se desenvolveriam para formas mais complexas de religião. Ele acreditava que a religião, ao contrário da magia, envolve uma compreensão mais profunda e simbólica do sagrado. Na umbanda sagrada, a magia não é separada da religião; pelo contrário, é uma parte integral da prática religiosa. Os rituais mágicos são considerados expressões de fé e conexão com o divino, nos quais os praticantes buscam não apenas resultados práticos, mas também um relacionamento espiritual com os orixás e guias. Isso reflete uma evolução cultural em que a magia e a religião coexistem e se complementam, em vez de serem vistas como opostas.

Tylor argumentou que as crenças religiosas são reflexos das experiências coletivas de uma sociedade. Ele enfatizou a importância do contexto cultural na formação de crenças e práticas religiosas. Na umbanda, a magia e os rituais são profundamente enraizados na cultura e nas tradições do povo brasileiro, bem como de suas origens africanas e indígenas. As práticas mágicas, assim como as crenças associadas aos orixás e entidades, são transmitidas e moldadas pela experiência coletiva da comunidade. A prática da magia na umbanda não é apenas individual, mas um fenômeno social que envolve a participação da coletividade, reforçando a identidade cultural e espiritual do grupo.

Tylor observou que os símbolos e os atos rituais carregam significados que são culturalmente construídos e interpretados. Esses símbolos são fundamentais para a prática mágica, pois ajudam a conectar os praticantes com as forças que buscam invocar ou manipular. Na umbanda, os elementos utilizados nos rituais mágicos são carregados de simbolismo e significado. Cada item tem um papel específico na ativação das energias espirituais e os praticantes acreditam que a compreensão e a

utilização adequada desses símbolos são essenciais para o sucesso dos rituais. A simbologia na umbanda reflete a interconexão entre magia, espiritualidade e cultura.

A relação entre os postulados de Edward Burnett Tylor e a magia na umbanda sagrada pode ser vista na intersecção entre crenças espirituais, práticas mágicas e o contexto cultural. Enquanto Tylor oferece uma perspectiva sobre o desenvolvimento das crenças religiosas e a magia como um reflexo da cultura, a umbanda apresenta a magia como uma prática espiritual que busca interagir com as forças do mundo espiritual. Ambas as visões reconhecem a importância dos rituais e do simbolismo, enfatizando como as práticas mágicas são moldadas por experiências coletivas e crenças culturais.

Embora os postulados de James George Frazer tenham abordado a magia a partir de uma perspectiva mais comparativa e antropológica, alguns dos seus conceitos podem ser relacionados às práticas mágicas e espirituais da umbanda. Frazer propõe que a magia é uma forma primitiva de pensar que busca controlar a natureza e os eventos através de rituais e símbolos. Ele distingue magia, religião e ciência, sugerindo que a magia é baseada em uma compreensão simbólica e muitas vezes errônea das forças naturais e sobrenaturais.

Na umbanda sagrada, a magia é vista como uma prática que opera dentro de um contexto espiritual e religioso. Embora os rituais mágicos busquem resultados práticos, como cura e proteção, eles são fundamentados em uma compreensão mais ampla e sagrada das energias espirituais e divinas. A prática mágica na umbanda não se limita ao controle da natureza, mas busca a colaboração e a harmonia com as forças espirituais, como os orixás e guias.

Frazer enfatiza a importância dos rituais e do simbolismo na prática mágica. Ele argumenta que os rituais são essenciais para a eficácia da magia e que certos símbolos e atos são carregados de significados que podem influenciar o resultado desejado. Na umbanda, os rituais mágicos, como as oferendas e as incorporações, também são carregados de simbolismo. Cada elemento, como as frutas, velas, ervas, possui um significado específico e uma função energética que, quando combinada em um ritual, busca ativar as forças espirituais para alcançar objetivos como cura, proteção ou equilíbrio. O simbolismo é uma parte fundamental das práticas umbandistas, refletindo a inter-relação entre o material e o espiritual.

Frazer descreve a magia como um processo prático que busca resultados em situações de incerteza, com a ideia de que "semelhante atrai semelhante" (a lei da similaridade) e que ações específicas podem influenciar eventos. Na umbanda sagrada, a magia é vista como uma prática que, através da manipulação de energias e da realização de rituais, busca resultados concretos. Os médiuns e praticantes utilizam a magia para influenciar a realidade ao seu redor, colaborando com as forças espirituais para promover cura e proteção. Essa visão está alinhada com a ideia frazeriana de que a magia é um meio de lidar com incertezas e buscar controle sobre eventos.

Frazer também discute a relação entre magia e natureza, observando como os rituais mágicos muitas vezes se baseiam na observação das forças naturais e na tentativa de controlá-las. Ele descreve a magia como uma tentativa de manipular os poderes da natureza para benefício humano. Na umbanda, a natureza desempenha um papel central. Elementos naturais, como ervas, frutas e água são utilizados nas práticas mágicas e espirituais. Os orixás, que são forças da natureza, estão intimamente ligados às práticas umbandistas. A magia é entendida como uma forma de se alinhar e harmonizar com essas forças naturais, em vez de simplesmente controlá-las. Assim, a prática mágica na umbanda pode ser vista como uma interação respeitosa com as forças da natureza.

Frazer argumenta que a magia é uma forma primitiva de pensamento que pode eventualmente evoluir para a religião. Em sua visão, a religião, ao contrário da magia, é caracterizada por um relacionamento mais complexo e simbólico com o sagrado, envolvendo rituais que reconhecem e reverenciam deidades. Na umbanda sagrada, a magia não é separada da religião; pelo contrário, é uma parte integral dela. Os rituais mágicos estão profundamente enraizados nas crenças religiosas que cercam os orixás e as entidades espirituais. Assim, a prática mágica é uma expressão da religiosidade, na qual o mágico e o religioso se entrelaçam, refletindo uma evolução de práticas que, em vez de serem vistas como opostas, se complementam e enriquecem mutuamente.

A relação entre os postulados de James George Frazer e a magia na umbanda sagrada é complexa e multifacetada. Enquanto Frazer fornece uma análise sobre a magia como uma forma primitiva de interação com o mundo natural, Saraceni e a umbanda sagrada integram a magia em um contexto mais amplo e espiritual, em que

as práticas mágicas são vistas como parte de uma relação respeitosa e colaborativa com as forças espirituais e divinas. Ambos os contextos reconhecem a importância dos rituais, do simbolismo e da busca por resultados, mas a umbanda sagrada adiciona uma dimensão espiritual que vai além do controle da natureza, enfatizando a conexão com o sagrado e os mistérios divinos.

Há também relação entre os postulados de David Émile Durkheim e a magia na umbanda sagrada de Rubens Saraceni, especialmente em como ambos entendem a função social da religião e a importância dos rituais dentro de uma coletividade. Durkheim argumenta que a religião tem uma função essencial na coesão social. Ele vê a religião como um sistema de crenças e práticas que reúne os indivíduos em uma comunidade, promovendo a solidariedade e o senso de pertencimento. Para Durkheim, os rituais são uma forma de expressar e reforçar as crenças coletivas e os valores da sociedade.

Na umbanda sagrada, a magia é parte integrante da prática religiosa e dos rituais que unem os praticantes. Os rituais mágicos, como as oferendas, defumações e incorporações, têm um papel fundamental em criar um espaço sagrado onde a comunidade se reúne para buscar cura, proteção e conexão espiritual. Essa prática não só reflete as crenças individuais, mas também serve para solidificar a identidade coletiva dos membros da comunidade umbandista.

Durkheim enfatiza que os rituais são manifestações do que ele chama de "sagrado" e "profano". Para ele, o sagrado representa os aspectos da vida que são elevados, respeitados e reverenciados, enquanto o profano abrange o cotidiano. Os rituais religiosos ajudam a distinguir entre esses dois mundos e a reafirmar a importância do sagrado na vida da sociedade. Na magia da umbanda sagrada, os rituais, como as cerimônias de incorporação e as oferendas aos orixás, são considerados sagrados. Esses atos mágicos não são apenas práticas individuais, mas também eventos coletivos que reafirmam a conexão com o divino e com os mistérios postulados por Saraceni. A atuação dos médiuns e a manipulação das energias durante esses rituais são vistas como uma maneira de conectar o profano ao sagrado, estabelecendo uma ponte entre os mundos material e espiritual.

Durkheim acredita que a religião fornece uma identidade coletiva aos seus membros, ajudando a criar um senso de pertencimento e unidade dentro da

sociedade. A religião não é apenas um conjunto de crenças pessoais, mas um fenômeno social que molda a cultura e as interações humanas. Na umbanda sagrada, a prática da magia e dos rituais ajuda a definir a identidade do grupo, fortalecendo os laços entre os membros da comunidade. As experiências coletivas durante os rituais, como a cura espiritual ou a realização de oferendas, criam um senso de comunidade e pertencimento, essencial para a vida religiosa e social dos praticantes. A magia, então, não é apenas uma ferramenta individual, mas um elemento que reforça a identidade coletiva e cultural umbandista.

Durkheim sugere que a religião cria representações coletivas que são fundamentais para a compreensão e organização da vida social. Essas representações ajudam as sociedades a estruturar sua compreensão do mundo, da moralidade e do que é considerado sagrado. Na umbanda sagrada, as práticas mágicas e os rituais são parte das representações coletivas que ajudam a moldar a visão de mundo dos praticantes. As histórias dos orixás, as energias associadas a cada elemento e a função dos guias espirituais formam um sistema simbólico que é compartilhado e reconhecido por toda a comunidade umbandista. Esses elementos ajudam a criar uma narrativa comum que dá sentido à vida e à espiritualidade dos praticantes.

Durkheim também enfatiza a função da religião na promoção do bem-estar emocional e social dos indivíduos. Os rituais religiosos podem oferecer conforto, esperança e um sentido de propósito, especialmente em tempos de crise. Da mesma forma, na umbanda sagrada, a magia é frequentemente usada como uma forma de cura espiritual e emocional. Os rituais e práticas mágicas visam não apenas a manipulação de energias, mas também a promoção do bem-estar da comunidade. As cerimônias de cura, a proteção espiritual e o auxílio nos desafios da vida são aspectos que reforçam a importância da magia como um recurso para lidar com as dificuldades da vida e promover a harmonia social.

A relação entre os postulados de Durkheim e a magia de Rubens Saraceni pode ser vista na forma como ambos reconhecem a importância da religião e dos rituais para a coesão social, a identidade coletiva e o sentido de pertencimento. Enquanto Durkheim oferece uma análise sociológica da função da religião, Saraceni traz uma perspectiva espiritual que integra a magia e os rituais como expressões da conexão

com o sagrado e com as forças divinas. Ambos, assim, destacam como a magia e a religião são elementos cruciais para a vida social e espiritual das comunidades.

Como já apontado, para Mauss e Hubert (2003, p.55):

“chamamos mágico o indivíduo que efetua atos mágicos, mesmo quando não é um profissional; chamamos representações mágicas as ideias e as crenças que correspondem aos atos mágicos; quanto aos atos, em relação aos quais definimos os outros elementos da magia, chamamo-los ritos mágicos.” (Mauss e Hubert, 2003, p.55).

Na umbanda sagrada, o mágico refere-se à movimentação de energias sutis, como as mentais, espirituais, elementares ou naturais. O médium, como agente dessa magia, é responsável por canalizar, direcionar e manipular essas energias no ambiente espiritual e etérico, tornando-se o operador dessas forças. Para Mauss e Hubert, o mágico é o indivíduo que realiza os atos mágicos, ainda que não seja um profissional, e esses atos envolvem a prática direta de movimentação de energias, similar ao que Saraceni define como a função do médium. Ambos colocam o praticante como um agente que manipula forças, embora Saraceni foque mais no aspecto energético e espiritual, enquanto Mauss e Hubert observam essa função de maneira mais geral e sociológica.

Em comparação, Saraceni descreve o magístico como a ativação de processos mágicos através de rituais e oferendas. Esses rituais são formas estruturadas de manipulação das energias que foram inicialmente movimentadas, desencadeando forças espirituais para um propósito específico, enquanto Mauss e Hubert também colocam os ritos mágicos como essenciais para definir a prática mágica. Esses ritos, assim como os de Saraceni, envolvem uma série de ações ritualizadas que seguem uma ordem simbólica para manipular e ativar energias, mesmo que, no caso deles, o foco esteja mais na ideia de que esses ritos são reconhecidos e compreendidos dentro de uma coletividade cultural.

Na abordagem de Mauss e Hubert, as representações mágicas são as crenças e ideias que envolvem os atos e ritos mágicos, sendo que esses elementos são compartilhados e reconhecidos por uma coletividade, ainda que não exista uma comunidade mágica formal. Em paralelo, na umbanda sagrada, os rituais e práticas também se baseiam em representações e crenças coletivas dentro da religião. A movimentação das energias e a realização dos ritos estão inseridas em um contexto

religioso-cultural, no qual as práticas são compreendidas e aceitas pela coletividade de praticantes da umbanda. Embora a umbanda possua uma estrutura comunitária religiosa, as práticas mágicas propostas por Saraceni também não pressupõem a existência de uma comunidade mágica autônoma, pois a magia está integrada na religião.

Também há uma relação entre os postulados de Bronislaw Malinowski sobre magia e o conceito de magia na umbanda sagrada de Rubens Saraceni, embora os contextos sejam distintos. Ambos veem a magia como uma prática direcionada a objetivos específicos, mas abordam a magia sob diferentes perspectivas: Malinowski com uma abordagem antropológica e funcionalista; Saraceni com uma visão espiritual e religiosa.

Malinowski, em seus estudos sobre as sociedades tribais, viu a magia como uma prática utilitária, usada para lidar com incertezas e controlar aspectos da natureza ou da vida que os indivíduos não podem controlar diretamente. Para ele, a magia servia como uma ferramenta para garantir resultados em situações nas quais a técnica ou o conhecimento humano não eram suficientes, como garantir uma boa colheita, sucesso na pesca ou proteção em uma jornada perigosa.

Na umbanda sagrada, Saraceni também vê a magia como um meio de alcançar fins práticos e espirituais. Os rituais e práticas mágicas são realizados para objetivos como cura, proteção, equilíbrio espiritual, descarrego e outros resultados que envolvem o bem-estar do indivíduo ou da coletividade. A diferença aqui é que, na visão de Saraceni, a magia é fundamentada nos mistérios divinos e na interação com energias espirituais, enquanto Malinowski observa a magia principalmente como uma resposta humana às limitações do controle material.

Malinowski distingue a magia da religião ao argumentar que a magia é uma prática voltada para fins imediatos e práticos, enquanto a religião tem uma função mais social e simbólica, relacionada com o fortalecimento da coesão social e a explicação dos mistérios existenciais. Para ele, a magia está ligada ao controle de forças invisíveis em benefício próprio, enquanto a religião lida com o culto aos deuses ou forças divinas. Saraceni, por outro lado, não separa a magia da religião na umbanda sagrada. Para ele, a magia é uma prática sagrada e está intrinsecamente ligada aos mistérios divinos, aos orixás e aos guias espirituais. O magístico, que

envolve a ativação de processos mágicos por meio de rituais, ocorre dentro de um contexto religioso, com uma forte relação com o sagrado e o divino. Assim, enquanto Malinowski faz uma distinção funcional entre magia e religião, Saraceni os une, vendo a magia como uma extensão prática da espiritualidade.

Malinowski argumenta que a magia, mesmo quando praticada individualmente, está inserida em um contexto cultural coletivo. A magia é validada e compreendida pela comunidade, sendo que seus rituais seguem regras e tradições específicas. A eficácia da magia, segundo Malinowski, depende da crença compartilhada pela comunidade. Na umbanda sagrada, os rituais mágicos, segundo Saraceni, também estão profundamente enraizados em uma coletividade religiosa. Os médiuns, os rituais, as oferendas e as práticas mágicas são parte de uma tradição que é reconhecida e compreendida por todos os praticantes da umbanda. A eficácia da magia também depende da relação entre o médium, as energias espirituais e a crença coletiva no poder dos orixás e guias espirituais. Ambos concordam que a magia opera dentro de uma matriz cultural e social, em que o valor e a eficácia dos rituais são, em grande parte, sustentados pela crença coletiva.

Malinowski argumenta também que a magia envolve uma série de rituais padronizados, executados de maneira precisa e com uma sequência pré-determinada de atos e palavras. Esses rituais são instrumentais para garantir o sucesso da magia. Saraceni também vê os rituais mágicos como altamente estruturados, com cada elemento, como frutas, velas, bebidas, cânticos etc desempenhando um papel específico no processo de ativação das energias espirituais. Na umbanda sagrada, a precisão e a ordem dos rituais são essenciais para garantir que as energias sejam corretamente manipuladas e direcionadas. Ambos, portanto, veem os rituais como uma parte fundamental do processo mágico, sendo que sua eficácia está diretamente relacionada à sua execução correta.

Para Malinowski, a magia é uma maneira de controlar forças invisíveis e imprevisíveis, como o clima ou o sucesso em atividades produtivas. Ele entende que a magia busca trazer segurança e controle em situações de incerteza. Saraceni também vê a magia como uma forma de manipular forças invisíveis, mas essas forças são vistas como energias espirituais e divinas, os mistérios, ligadas aos orixás e aos guias espirituais. A diferença está no nível de entendimento: enquanto Malinowski vê essas forças como parte da natureza e da imprevisibilidade da vida, Saraceni vê essas

forças como parte de um cosmos espiritual controlado pelos mistérios divinos, sendo a magia uma forma de colaborar com essas forças para promover harmonia e cura.

Embora Bronislaw Malinowski e Rubens Saraceni venham de contextos e abordagens diferentes, ambos veem a magia como uma prática pragmática, usada para alcançar objetivos concretos e lidar com forças invisíveis. Malinowski destaca a função social e utilitária da magia, enquanto Saraceni enfoca no aspecto espiritual e religioso, mas em ambos os casos, a magia envolve rituais estruturados e a manipulação de energias ou forças que transcendem o controle comum da vida cotidiana.

A relação entre os dois autores pode ser vista na maneira como ambos reconhecem que a magia está enraizada em tradições coletivas e em práticas ritualizadas, embora Saraceni aprofunde essa ideia ao conectá-la diretamente com os mistérios divinos e com a prática religiosa da umbanda.

Rubens Saraceni buscou sistematizar e expandir a compreensão das práticas mágicas e espirituais dentro dessa tradição. Seus métodos científicos refletem uma tentativa de integrar conhecimentos esotéricos com uma abordagem mais estruturada e analítica.

Sua pesquisa e prática têm contribuído significativamente para a compreensão da umbanda como uma tradição espiritual rica e complexa, proporcionando uma base para o desenvolvimento de novas práticas e a continuidade da magia dentro desse contexto religioso. Ao integrar o empirismo científico e a espiritualidade, Saraceni propôs um modelo que valoriza tanto a experiência subjetiva quanto a análise crítica, enriquecendo o campo da umbanda sagrada.

Desta forma, a magia na umbanda sagrada e a ciência podem parecer em desacordo à primeira vista, mas há várias áreas onde elas podem interagir e se enriquecer mutuamente. A magia, como prática espiritual e cultural, oferece um espaço para explorar experiências humanas que a ciência pode tentar elucidar. A pesquisa interdisciplinar pode levar a um maior reconhecimento da complexidade da experiência espiritual e do papel que a magia desempenha na vida das pessoas, promovendo um entendimento mais holístico da condição humana.

### **CAPÍTULO III. A ENCRUZILHADA DA MAGIA COM O SAGRADO NA UMBANDA DE RUBENS Saraceni**

Para dar início à jornada pela encruzilhada da magia com o sagrado na umbanda sagrada de Rubens Saraceni, é importante reproduzir uma pergunta que o próprio Saraceni faz em sua obra *Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada*: “*Por que a Umbanda cultua, oferenda e reverencia as divindades associadas à natureza terrestre?*” (Saraceni, 2013, p.211).

Para Saraceni, a umbanda cultua, oferenda e reverencia as divindades associadas à natureza terrestre porque essas divindades são manifestações das forças naturais que regem o equilíbrio do mundo físico e espiritual. As energias dos elementos da natureza, como a terra, o ar, a água e o fogo, são canalizadas e representadas pelos orixás, as divindades da umbanda. Eles são responsáveis por manter a harmonia entre o ser humano e o universo.

Através do culto a essas divindades, a umbanda busca sintonizar-se com as forças naturais para promover cura, proteção, equilíbrio e evolução espiritual. A magia, por meio dos rituais e oferendas, é forma de interação e agradecimento a essas energias, estabelecendo um intercâmbio energético entre os seres humanos e as forças divinas que habitam e governam a natureza.

Para Saraceni (2013, p.211), ao analisar as divindades, os orixás, sob a perspectiva da natureza, percebe-se que eles estão intrinsecamente ligados aos processos criadores divinos. Essa conexão justifica a realização de cultos em santuários naturais, pois a natureza se revela como a materialização do divino, que existe em um plano superior e anterior ao mundo material. Por exemplo, as pedras minerais não são a orixá Oxum, mas representam a materialização de sua energia, que une e organiza elementos úteis à vida. Da mesma forma, a água do mar não é lemanjá, mas simboliza a energia criadora e geradora que impulsiona todos os processos vitais.

Para esse autor, as energias de Oxum, presentes na formação das pedras minerais, são canalizadas e irradiadas por elas. O culto em locais como cachoeiras e rios, ricos em minerais e água doce, permite uma conexão mais profunda com a orixá, pois o material, nesse caso, serve como um portal para o espiritual. Analogamente, a

água, elemento fundamental para a vida e para os processos genéticos, é a manifestação física da energia geradora de Iemanjá, tornando o mar e os rios locais sagrados para o seu culto (Saraceni, 2013, p.212).

A partir desse entendimento, cada orixá pode ser vislumbrado como uma manifestação divina que sustenta e anima toda a criação, sendo eles próprios os processos criadores de Deus em ação. Em vez de adorar a natureza em si, os povos indígenas e africanos reconheciam a presença de potências divinas nos diversos elementos naturais. Essas forças, associadas a fenômenos como a chuva, o vento e o fogo, eram veneradas por sua capacidade de prover sustento ou infligir castigos (Saraceni, 2013, p.211-212).

Para Saraceni (2013, p.212), a evocação de Santa Bárbara pelos católicos e de Iansã pelos umbandistas durante tempestades demonstra a busca por proteção divina diante de um fenômeno natural que escapa ao controle humano. Ambos os grupos religiosos reconhecem o poder das divindades sobre os elementos e recorrem a elas em momentos de necessidade, expressando sua fé de maneira particular.

O culto aos orixás, preferencialmente realizado em locais de força natural, proporciona um ambiente energético mais sintonizado com as divindades. Nesses espaços, a energia ambiente auxilia na limpeza e revitalização do campo energético das pessoas, equilibrando as energias e promovendo o bem-estar físico, mental e espiritual. Os locais de força, como cachoeiras, montanhas e praias, são considerados portais energéticos que amplificam a conexão entre os devotos e os orixás. A energia desses ambientes auxilia na limpeza e harmonização dos chakras, centros energéticos do corpo, promovendo o bem-estar físico, emocional e espiritual. Ao realizar o culto nesses locais, as pessoas podem liberar as energias negativas acumuladas no dia a dia, restabelecendo o equilíbrio energético e prevenindo doenças (Saraceni, 2013, p.213).

A prática de realizar rituais em pontos de força para liberar energias negativas revela uma intersecção entre a magia e a religião. Enquanto a magia busca influenciar o mundo material de forma direta e imediata, a religião busca conectar o indivíduo ao divino e encontrar significado para a existência. Ao direcionar esses rituais aos orixás em seus locais de poder, a magia se integra à experiência religiosa, enriquecendo ambas as esferas. Essa conexão com o sagrado confere aos rituais um significado

mais profundo, transcendendo o individual e fortalecendo os laços com a comunidade religiosa e com as forças cósmicas, ao mesmo tempo em que proporciona benefícios práticos para o bem-estar do indivíduo.

Segundo Saraceni (2013, p.213), os guias espirituais recomendam banhos com diferentes finalidades. Os banhos de ervas atuam no corpo físico para promover a limpeza espiritual. Já os banhos de cachoeira aproveitam o forte magnetismo e a energia do local para desagregar as energias negativas que se alojam no corpo etérico. Por sua vez, os banhos de mar, com sua água salina, possuem propriedades curativas para enfermidades espirituais e a capacidade de eliminar larvas astrais, que são mais resistentes a outros tipos de banhos.

Os santuários naturais são locais sagrados, ricos em energias e magnetismo. A realização de cultos religiosos nesses locais amplifica essas energias, criando um ambiente propício para a conexão com o divino. As divindades, intimamente ligadas à natureza, manifestam seu poder nesses espaços sagrados. Os elementos naturais, como a água das cachoeiras e do mar, e o fogo das fogueiras, possuem propriedades purificadoras e energizantes, contribuindo para o bem-estar espiritual dos praticantes. (Saraceni, 2013, p.213-214).

### **3.1. A magia nos rituais da umbanda sagrada**

Nas origens das religiões, a divindade era percebida em todos os elementos da natureza. A gratidão era expressa através de rituais simples, celebrando os ciclos naturais e a abundância da vida. Com o passar dos séculos, as religiões se tornaram mais complexas, com a criação de dogmas e hierarquias religiosas. O papel do sacerdote se tornou central, distanciando os fiéis da experiência direta com o divino. A natureza, antes vista como um reflexo do sagrado, passou a ser um objeto de estudo e dominação, em vez de um lugar de conexão espiritual (Saraceni, 2013, p.214-215).

Para Saraceni (2013, p.215), a umbanda resgata a busca por uma espiritualidade mais simples e próxima da natureza humana. Ao reconhecer a divindade em todas as manifestações da vida, inclusive nos espíritos que se

manifestam nos terreiros, a umbanda propõe uma relação mais direta e pessoal com o sagrado. O terreiro de umbanda é o local destinado às práticas religiosas e às manifestações espirituais. Os médiuns, que atuam como intermediários entre o mundo material e o espiritual, seguem a tradição dos antigos sacerdotes da natureza, oferecendo acolhimento e orientação a todos aqueles que buscam auxílio espiritual, independentemente de sua origem social ou crenças religiosas.

Segundo Saraceni (2013, p.216), a umbanda, muitas vezes erroneamente rotulada como pagã, valoriza a simplicidade dos rituais e a conexão direta com as forças da natureza. O conhecimento sobre os orixás, que são as manifestações divinas na natureza, é essencial para a prática religiosa umbandista. Aqueles que utilizam o termo pagão como ofensa demonstram um desconhecimento sobre a verdadeira natureza da espiritualidade e a importância de respeitar as diferentes formas de expressão religiosa.

O núcleo da prática umbandista reside na busca por uma conexão profunda com as forças da natureza. Essa busca por uma espiritualidade universal e inclusiva faz da umbanda uma religião aberta a todas as pessoas, independentemente de sua origem ou crença, pois as forças naturais atuam de forma universal e indistinta (Saraceni, 2013, p.216).

A noção de que as forças naturais atuam de forma universal e indistinta alinha-se com o princípio de que a magia também é uma força universal, funcionando de acordo com leis naturais que transcendem barreiras culturais, religiosas ou geográficas. Na umbanda, a espiritualidade inclusiva apontada por Saraceni, reforça essa ideia, reconhecendo que qualquer pessoa, de qualquer crença ou origem, pode se conectar com essas energias, que estão presentes em toda a criação. Assim, a magia, enquanto manifestação dessas forças naturais, também é acessível de forma universal.

Para Saraceni (2013, p.217), os rituais de oferenda são momentos de profunda conexão entre o devoto e a divindade. Para que essa conexão seja estabelecida de forma harmoniosa, é fundamental que o oferente demonstre respeito, fé e concentração durante o ritual. Os rituais de oferenda aos orixás são atos sagrados que exigem uma postura reverente e concentrada por parte do oferente. A sobriedade, o respeito e a fé são elementos essenciais para que a oferenda seja bem recebida

pela divindade. A escolha do local da oferenda, que geralmente é um ponto de força na natureza, também é importante, pois representa o santuário natural do orixá. Atitudes desrespeitosas ou profanas podem profanar esse espaço sagrado e afastar a proteção da divindade.

A riqueza de uma oferenda não reside na quantidade de elementos ofertados, mas na intensidade com que se expressa o amor, o respeito e a fé pela divindade homenageada em seu santuário natural. Os elementos materiais são apenas isso: recursos usados em um ritual religioso, que variam de acordo com os objetivos da oferenda ou conforme a divindade a ser ofertada (Saraceni, 2013, p.217).

Para a magia proposta por Rubens Saraceni na umbanda sagrada, é indispensável conceituar os espaços mágicos, que são essenciais para a realização de rituais mágicos. Para Saraceni (2020, p.15), a delimitação clara desse espaço cria um ambiente propício para a concentração e a canalização de energias, evitando a dispersão e o caos. Para ele, o mago deve ter um objetivo definido antes de iniciar qualquer prática mágica, pois a intenção clara é fundamental para o sucesso do ritual. A criação de um espaço mágico isola o ritual de influências externas que poderiam interferir em seu resultado. Ao delimitar um espaço e energizá-lo, o praticante cria um campo de força que contém e direciona a energia mágica. Essa proteção é fundamental para evitar o caos e garantir que as intenções do mago se manifestem de forma clara e precisa. A analogia com os templos religiosos é evidente, pois ambos os espaços são projetados para concentrar e canalizar energias específicas, sem afetar o ambiente externo.

Saraceni (2013, p.220) conceitua os templos religiosos como espaços sagrados construídos pelo homem para facilitar a conexão com o divino. A dificuldade de acessar os pontos de força naturais, considerados locais de grande poder espiritual, motivou a criação desses locais de culto. Dentro dos templos, um campo energético especial é gerado pela prática religiosa e pela presença do divino. Esse campo, que pode se expandir ou contrair, é permeado por energias que estimulam a fé e a devoção. Entidades como exu e pombagira, responsáveis pela guarda e proteção dos locais sagrados, geralmente possuem seus assentamentos próximos aos templos. Ao adentrar um templo, é importante demonstrar respeito e reverência, comportando-se de acordo com as normas e costumes de cada religião.

No contexto apresentado por Saraceni, os templos religiosos podem ser vistos como recriações dos pontos de força naturais, imbuídos de poder espiritual e energia mágica contida nesses espaços mágicos coletivos, onde a prática ritual religiosa e a devoção coletiva estabelecem uma ponte entre o mundo físico e o espiritual, ou seja, além de ser um templo religioso para prática espiritual, é também um espaço mágico ampliado e coletivo, um poderoso portal para o sagrado.

Ao realizar um ritual religioso, o sacerdote abre um portal para uma dimensão vibratória diferente daquela que é experimentada no dia a dia. O mundo material possui uma vibração característica, comum a todos os seres vivos, enquanto os espaços sagrados vibram em uma frequência mais elevada, facilitando a conexão com o divino. Os templos religiosos são espaços sagrados criados por Deus com uma vibração única. Essa vibração, alinhada com a energia divina, é estabelecida a partir da colocação da pedra fundamental e permanece presente em todos os locais de culto da mesma religião. A pedra fundamental, além de poder marcar o início da construção, atua como um receptor dessa energia divina, conectando o templo à fonte primordial (Saraceni, 2020, p.15).

Saraceni (2020, p.15-16), fazendo uma referência ao catolicismo, discorre que todas as igrejas, capelas e conventos estão conectados por essa mesma irradiação divina. Para ele, embora todas essas religiões venerem o mesmo Deus, cada uma possui uma irradiação divina única e específica. Assim como a Igreja Católica Romana possui sua própria irradiação que sustenta todos os seus templos, a Igreja Ortodoxa Grega também possui a sua, assim como todas as seitas evangélicas e protestantes. Essa irradiação divina, ao se manifestar no plano material, cria um campo energético distinto em cada templo, definindo um espaço sagrado exclusivo para cada religião. Ou seja, a mesma divindade, Jesus Cristo, sustenta diferentes religiões através de irradiações distintas, gerando espaços sagrados únicos e inconfundíveis.

O cristianismo - em suas diversas denominações - e o espiritismo kardecista, embora fundados na mesma divindade, manifestam suas crenças de formas distintas. Cada uma dessas religiões possui seus próprios rituais e espaços sagrados, que são permeados por vibrações energéticas e magnéticas únicas. No caso do espiritismo, os centros espíritas geram um campo energético protetor durante as sessões mediúnicas, impedindo que energias negativas interfiram no ambiente e no bem-estar dos participantes (Saraceni, 2020, p.16).

E Saraceni vai além nessa análise, considerando que a existência de diversas religiões, cada uma com suas próprias práticas e crenças, contribui para a manutenção do equilíbrio espiritual. Se todas as religiões buscassem a mesma vibração durante seus rituais, haveria um aumento significativo da vulnerabilidade a influências externas negativas. As projeções mentais e as energias negativas geradas por um grupo religioso poderiam facilmente se infiltrar em outros grupos, causando desordens e conflitos. E complementa que, embora não haja uma religião superior a outra, cada uma possui suas características e atrai pessoas com afinidades específicas. A vibração energética dentro dos templos de uma mesma religião é estabelecida pela divindade e permanece constante, independentemente da idade, tamanho ou riqueza do local (Saraceni, 2020, p.16-17).

Os seres humanos, ao criarem as religiões, estabelecem doutrinas e códigos de conduta que moldam as crenças e comportamentos de seus seguidores, refletindo as particularidades culturais de cada sociedade. Essas doutrinas, profundamente enraizadas nos valores e costumes de cada povo, prometem recompensas celestiais para aqueles que as seguem fielmente e punições para os transgressores. O ambiente espiritual criado dentro dos espaços religiosos, influenciado por essas crenças e práticas culturais específicas, direciona os fiéis para o céu ou para o inferno, de acordo com suas ações e a fé que depositam em suas respectivas religiões. Dessa forma, as religiões não apenas oferecem um sistema de crenças, mas também moldam as identidades culturais e os comportamentos sociais de seus seguidores (Saraceni, 2020, p.17).

Considerando esse contexto cultural e social das religiões, Saraceni (2020, p.17-18) postula que a prática da magia está intrinsecamente ligada aos princípios da lei maior e da justiça divina, leis cósmicas que regem todo o universo. Esses princípios, embora desconhecidos em sua totalidade, são considerados universais e aplicados a todas as formas de vida. Os praticantes de magia buscam compreender e alinhar suas ações com essas leis divinas, mas suas interpretações são limitadas pela percepção humana, que se restringe ao plano material e não consegue abarcar a complexidade do cosmos.

Consequentemente, as doutrinas e leis de uma religião são particulares e limitadas àquela comunidade de fé, sem poder sobre aqueles que seguem outras crenças ou habitam outras dimensões. Diferentemente, os princípios mágicos,

enraizados na divindade e nos mistérios cósmicos, são leis universais que permeiam toda a criação, transcendendo as fronteiras das diferentes religiões e dimensões (Saraceni, 2020, p.18).

Para facilitar a compreensão dos princípios divinos, os seres humanos atribuem a eles características antropomórficas. Essa personificação, permitida pela divindade, possibilita que mentes finitas apreendam conceitos infinitos. Contudo, é fundamental que o mago compreenda que a magia, ao ser invocada, não se limita ao plano material. Ela se manifesta em todos os planos da existência, afetando tanto a dimensão humana quanto as demais (Saraceni, 2020, p.18).

O mago, ao evocar poderes mágicos, não se limita às fronteiras de uma religião específica ou de uma única dimensão da existência. A magia pode manifestar-se em diversas dimensões, incluindo a humana, demonstrando assim a natureza universal e transdimensional da magia. Dessa forma, quando um mago evoca o trono da fé divina, ele está conectando-se a um aspecto fundamental da criação divina que permeia todos os seres. Ao ativar essa energia, o mago coloca em movimento princípios universais que se manifestam de diversas formas. Ao contrário do sacerdote, que trabalha com interpretações humanas dos divinos, o mago acessa diretamente a fonte primária, atuando em um nível mais profundo e abrangente.

Para Saraceni (2020, p.18-22), os termos mago e sacerdote têm significados distintos, mas complementares, dentro de sua visão da espiritualidade e das práticas mágica e umbandista. Ambos os papéis são importantes no contexto da magia e da religião, mas suas funções e abordagens diferem em certos aspectos. O termo mago refere-se àquele que tem domínio sobre as leis e forças espirituais e naturais, utilizando esses conhecimentos para manipular energias com objetivos específicos. O mago é um conhecedor profundo das energias que circulam entre o plano material e o espiritual e, por meio de rituais e técnicas, atua sobre elas de forma consciente. Para Saraceni, o mago tem um papel de transformar realidades, canalizando forças cósmicas, elementos e energias naturais em prol de objetivos de cura, proteção, equilíbrio ou transformação. O mago tem uma ligação mais próxima com a prática da magia em si, sendo capaz de acessar as leis universais que regem a criação e utiliza esse conhecimento de forma prática e, muitas vezes, individual. Seu foco está na aplicação direta da magia como uma ferramenta de intervenção no mundo físico e espiritual.

Já o sacerdote tem uma função mais voltada a guia espiritual e mediador entre o divino e os fiéis. O sacerdote é aquele que lidera os rituais religiosos e é o responsável por manter o vínculo entre as divindades e as pessoas. Sua atuação é centrada no culto aos orixás, na manutenção dos templos e no cuidado espiritual de seus seguidores. O sacerdote se preocupa com a manutenção da ordem religiosa e do respeito às forças divinas, exercendo o papel de zelador dos princípios da umbanda e das tradições espirituais (Saraceni, 2020, p.18-22).

Enquanto o mago foca na manipulação consciente das forças espirituais, o sacerdote age como guardião das tradições e do equilíbrio ritual, facilitando a conexão entre o divino e a comunidade. Seu papel é de mediador, responsável por invocar e honrar os orixás e entidades, além de cuidar dos espaços sagrados e orientar os praticantes no caminho espiritual. Embora os papéis de mago e sacerdote sejam distintos, para Saraceni eles são complementares. O sacerdote pode exercer a magia em seu ofício, mas sua principal função é assegurar que a prática espiritual seja respeitosa e em conformidade com as leis divinas. O mago, por sua vez, pode ser também um sacerdote se usar seu conhecimento mágico dentro de um contexto religioso, respeitando as forças maiores com as quais trabalha. Saraceni coloca ambos os papéis como fundamentais no contexto da espiritualidade e da umbanda, sendo o mago e o sacerdote figuras que, cada uma à sua maneira, contribuem para o equilíbrio e a evolução espiritual (Saraceni, 2020, p.18-22).

Em análise, nas práticas da umbanda, os papéis de mago e sacerdote se fundem de maneira harmoniosa, complementando-se em uma única função espiritual. O sacerdote umbandista não é apenas um guia espiritual ou líder religioso, mas, considerando os conceitos de Saraceni, é também um mago, no sentido de que domina as forças espirituais e naturais e as utiliza dentro de um contexto religioso para promover cura, equilíbrio e transformação.

Essa fusão ocorre porque, na umbanda, o sacerdote atua diretamente com as energias dos orixás, entidades espirituais e as forças da natureza, que são centrais tanto no culto quanto na prática mágica. O sacerdote umbandista, portanto, exerce uma função mágica ao mesmo tempo em que conduz os rituais e orienta a comunidade. Ao realizar rituais, oferendas, passes e trabalhos espirituais, o sacerdote está manipulando energias de maneira consciente, seguindo os princípios da magia.

Dessa forma, o sacerdote umbandista é também um mago, pois possui o conhecimento e a habilidade de lidar com as energias espirituais e naturais para o bem-estar dos indivíduos e da coletividade. Ele atua como mediador entre o mundo espiritual e o físico, mas também como agente transformador, utilizando a magia para interceder e modificar realidades. Para Saraceni, esse sacerdote-mago é capaz de canalizar e direcionar as forças cósmicas e naturais de maneira respeitosa e consciente, em harmonia com as leis espirituais que regem a umbanda.

Nesse contexto, o médium umbandista ocupa uma posição central e essencial, servindo como um canal entre o plano espiritual e o plano material. Enquanto o sacerdote-mago exerce a liderança espiritual e o domínio sobre as práticas rituais e mágicas, o médium é aquele que possibilita a manifestação direta das entidades espirituais, como os guias espirituais. Tem a função de intermediar essas forças, permitindo que as entidades trabalhem por meio dele para realizar curas, orientações e equilíbrio energético. Assim, o médium atua como um instrumento espiritual, que dá corpo e voz às energias divinas e ancestrais. Sua importância no cenário da umbanda é significativa, pois ele facilita o contato entre os fiéis e os espíritos, desempenhando um papel vital na dinâmica do terreiro.

O médium umbandista está em constante processo de desenvolvimento espiritual. O médium deve trabalhar sua mediunidade de maneira disciplinada, responsável e ativo, exigindo preparo, dedicação e respeito às forças com as quais se conecta pois, assim como o sacerdote-mago, o médium participa da manipulação de energias espirituais, ainda que não seja o responsável direto por organizar os rituais. Através da incorporação das entidades, o médium age como um executor das forças mágicas durante as práticas, contribuindo para a realização dos trabalhos espirituais e mágicos. Trabalha em conjunto com o sacerdote, auxiliando nas atividades do terreiro e nos rituais. Enquanto o sacerdote organiza e dirige os rituais, o médium atua como um canal por onde as energias invocadas no ritual podem fluir, tornando-se uma peça-chave no processo mágico-religioso.

Nesse cenário em que o mago e o sacerdote se fundem, o médium é uma extensão vital desse processo. Ele complementa o trabalho do sacerdote-mago ao permitir que as forças invocadas e manipuladas possam atuar diretamente nos indivíduos. Essa interação reforça a ideia de que a umbanda é uma prática dinâmica,

na qual todos os elementos, como o sacerdote, o médium e as entidades, trabalham em conjunto para harmonizar e transformar as realidades espirituais e materiais.

### **3.2. As escritas mágicas na umbanda sagrada**

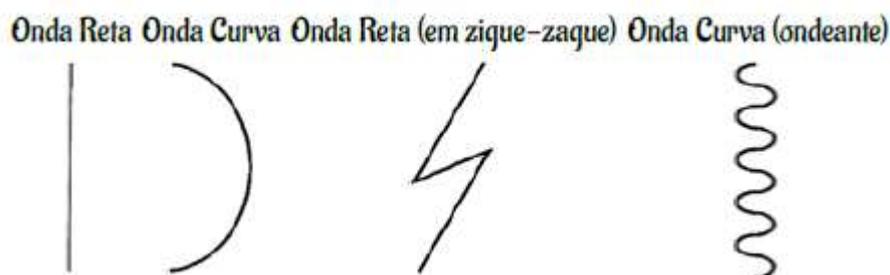
A escrita mágica é um processo que envolve a criação de símbolos em uma superfície, com o objetivo de canalizar energias divinas. Esses símbolos, compostos por linhas retas e curvas, representam diferentes vibrações cósmicas. A variedade de vibrações é vasta, incluindo ondas retas, curvas, espiraladas e muitas outras combinações, cada uma com suas propriedades únicas. A escolha e a combinação desses símbolos permitem aos sacerdotes-magos e aos médiuns manipular as energias cósmicas para alcançar seus objetivos (Saraceni, 2020, p.31).

Sobre as ondas, Saraceni (2020, p.31) define:

- As ondas puras são transportadoras de energias, vibrações e magnetismos puros das divindades, conhecidas como ondas fatorais.
- As ondas mistas são transportadoras de energias, vibrações, magnetismos complementares entre si, e são denominadas de ondas elementais.
- As ondas compostas são as resultantes da fusão de muitos tipos de ondas puras ou de onda.

A diversidade de ondas vibratórias é imensa, cada uma com sua própria estrutura e função. Essas ondas, classificadas como puras, mistas, compostas ou complexas, permeiam toda a criação, desde os planos mais sutis até a matéria mais densa. Sua forma, composta por linhas retas ou curvas, influencia diretamente sua função. Ondas com traçados retos podem apresentar diversas variações, como linhas retas, ziguezagues ou ângulos, enquanto as ondas curvas incluem curvas simples, espirais e entrelaçamentos. A compreensão dessas nuances é fundamental para a prática da magia, pois permite ao mago manipular as energias cósmicas de forma precisa (Saraceni, 2019b, p.21).

Figura 01: Exemplos de ondas retas e curvas.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.22.

Para Saraceni (2019b, p.23):

As ondas retas são chamadas de temporais porque seguem o fluir expansionista da criação e “nascem” ou aparecem no primeiro dos sete planos da vida e avançam, alcançando os outros planos.  
As ondas curvas são chamadas de atemporais porque nascem ou aparecem em todos os planos da vida e, a partir de onde nasceu, avançam para todos os outros.

As ondas angulares, por sua natureza estática, proporcionam uma estrutura sólida e permanente à criação. Em contrapartida, as ondas curvas apresentam um comportamento dinâmico e cíclico, emergindo e se dissolvendo em padrões repetitivos (Saraceni, 2019b, p.23).

As ondas vibratórias, tanto as retas quanto as curvas, constituem uma matriz energética que envolve e penetra tudo o que existe. Essa rede vibratória se propaga em todas as direções, emitindo e absorvendo energia de forma contínua. Diferentemente dos raios solares que se movem em linha reta, as ondas vibratórias se multiplicam ao se expandir, criando uma estrutura complexa e multidimensional. Embora a representação gráfica seja limitada, os estudos sobre essas ondas visam desvendar os mistérios dessa energia fundamental (Saraceni, 2019b, p.23).

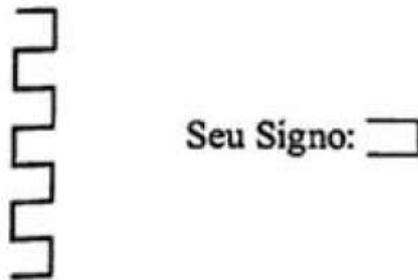
A prática mágica envolve a combinação de diversas ondas vibratórias em um único espaço sagrado. Essas ondas, representadas por símbolos, são ativadas através de rituais e conectam os sacerdotes-magos e os médiuns a poderosas forças cósmicas. Cada onda, associada a uma divindade específica, irradia energia e estabelece uma conexão com dimensões superiores, expandindo a influência da magia para além do plano físico (Saraceni, 2020, p.32).

Os símbolos mágicos são como assinaturas energéticas das divindades, revelando os padrões vibracionais de seus poderes. Ao serem inscritos em um espaço sagrado e ritualisticamente ativados, esses símbolos se tornam portais para as forças divinas, permitindo que o praticante canalize e direcione essas energias para alcançar objetivos específicos (Saraceni, 2020, p.75).

Os signos mágicos, aparentemente simples, carregam em si o poder de evocar forças cósmicas, representam poderosas ondas de energia. Esses símbolos, presentes em antigos grimórios, são a chave para a compreensão de práticas mágicas ancestrais. No entanto, a falta de conhecimento sobre os princípios que regem esses signos tem levado a interpretações errôneas e práticas ineficazes. A complexidade e a profundidade da magia escrita são frequentemente subestimadas, levando muitos a simplificarem e distorcerem seus significados (Saraceni, 2020, p.32).

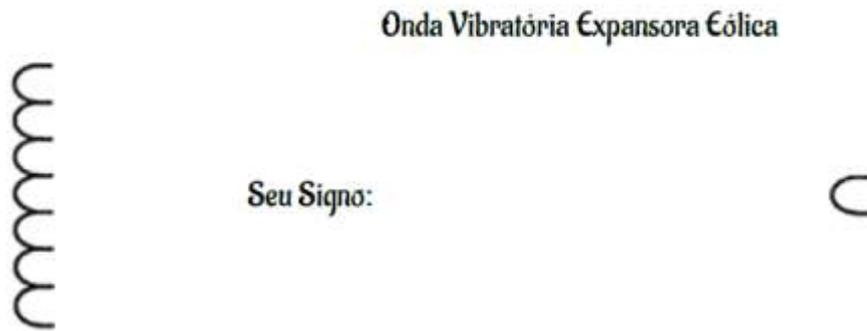
Para Saraceni (2020, p.75), “os signos são pequenos pedaços das ondas vibratórias das divindades, e que crescerão e se multiplicarão na posição ou direção que foram inscritos, dispensando a inscrição de uma onda completa”.

Figura 02: Exemplo de onda (onda vibratória graduadora telúrica) e seu signo.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.28.

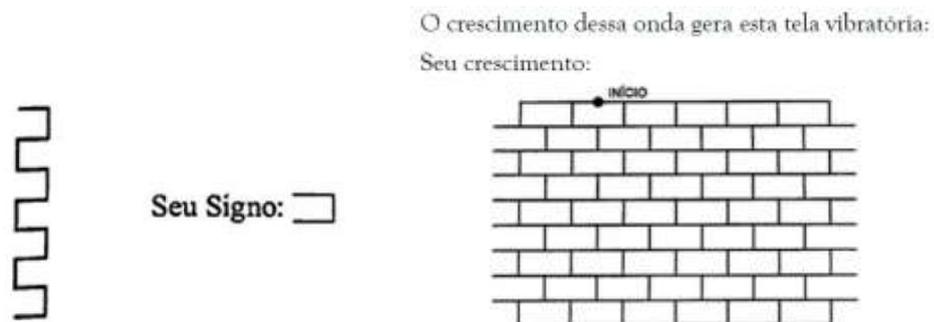
Figura 03: Exemplo de onda (onda vibratória expansora eólica) e seu signo.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.29.

A utilização dos termos ondas retas e ondas curvas tem como objetivo facilitar a comunicação sobre conceitos complexos da magia. Ao visualizarmos o crescimento de uma onda vibratória, percebemos que ela forma padrões geométricos complexos, que podem ser simplificados representados por linhas retas ou curvas. Muitas tradições mágicas e espirituais associam formas geométricas específicas a diferentes energias e significados. Saraceni denomina de telas (figura 04 e 05) as estruturas formadas pelas ondas vibratórias, que podem ser vistas como uma expressão visual dessa geometria sagrada (Saraceni, 2019b, p.51-52).

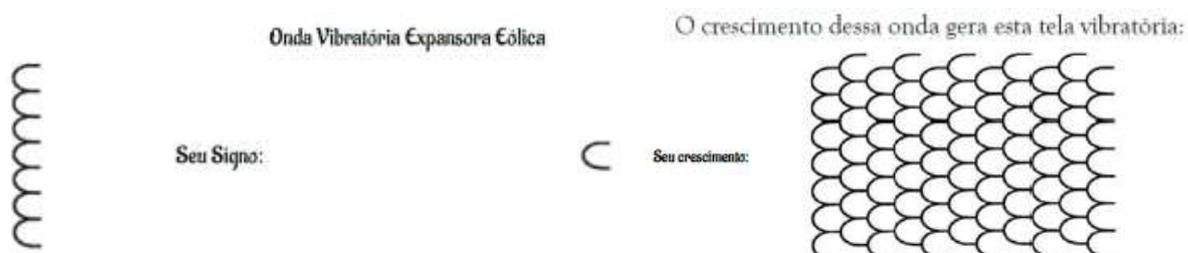
Figura 04: Exemplo de onda (onda vibratória graduadora telúrica), seu signo e seu crescimento, com formação de sua tela vibratória.



Fonte: reproduzido e adaptado de Saraceni, 2019b, p.28.

As telas também podem ser interpretadas como campos de força que permeiam tudo o que existe, influenciando e moldando a realidade.

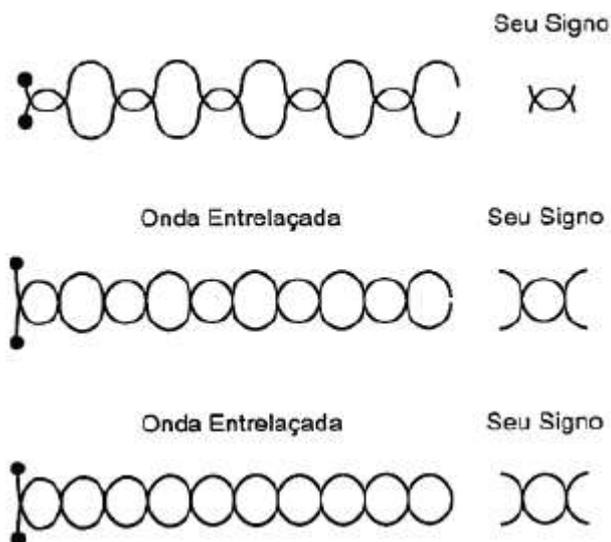
Figura 05: Exemplo de onda (onda vibratória expansora eólica) e seu signo.



Fonte: reproduzido e adaptado de Saraceni, 2019b, p.29.

Para Saraceni (2019b, p.52-53), “as ondas retas criam entrecruzamentos e as ondas curvas, entrelaçamento nos pontos de interseção”, sendo que “elas possuem uma direção e têm seus pontos de interseção nos polos multiplicadores ou entre si”:

Figura 06: Exemplo de ondas entrelaçadas e seus signos.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.53.

Para um melhor entendimento da função dos signos, é importante que seja conceituado o fator ou energia-fator. Para Saraceni (2019b, p.57), a função primordial dos tronos é gerar e manter a energia-fator, essencial para a evolução de todos os seres. Essa energia, constituída pelas menores partículas identificadas no plano espiritual, é irradiada em ondas vibratórias provenientes dos magnetismos mentais dos tronos. Ao entrarem em contato com algo ou alguém, os fatores realizam ações específicas, semelhantes a verbos, como ordenar, crescer ou mover.

Assim como a física descreve partículas subatômicas invisíveis através de seus efeitos observáveis, a espiritualidade busca compreender os fatores de energia através das manifestações geradas por seus feixes de ondas. Ao direcionar essas ondas e observar os resultados, é possível identificar padrões de ação que permitem classificar e nomear os fatores. Essa abordagem revela uma divindade em constante atividade, atuando em todas as coisas através de seus fatores energéticos (Saraceni, 2019b, p.57-58).

A capacidade dos fatores-energia de responder a comandos mentais é uma de suas características mais surpreendentes. Ao receber uma ordem para crescer e se tornar visível, um fator pode ser observado e desenhado por um clarividente, revelando sua estrutura única. Essa capacidade de visualizar e estudar as estruturas fatorais permite aos pesquisadores da magia identificar uma infinidade de funções e compreender a abrangência da ação divina em todos os aspectos da criação (Saraceni, 2019b, p.58).

Para Saraceni (2019b, p.58), a fim de aprofundar seus conhecimentos, tanto as ciências naturais quanto as espirituais estabeleceram unidades básicas de estudo. Enquanto as ciências materiais definem unidades como o grama que é a unidade fundamental de peso, o centímetro a de medida, a célula a da biologia e o átomo a da química, as ciências espirituais identificaram o fator como a unidade fundamental da energia. O fator, diferentemente das unidades materiais, possui vida e a capacidade de responder a comandos mentais.

Com a orientação adequada sobre os mistérios dos fatores, alguns médiuns clarividentes umbandistas já conseguem visualizar esses elementos energéticos. Essa habilidade permite que eles utilizem os fatores em seus trabalhos mágicos, proporcionando benefícios a pessoas que enfrentam dificuldades em diversas áreas

da vida (Saraceni, 2019b, p.58). A figura 07 representa alguns destes fatores em escrita mágica sagrada, segundo Saraceni (2019b, p.59-60).

Saraceni (2020, p.85) lista alguns dos fatores de Deus que estão na gênese:

Fator Agregador  
Fator Concentrador  
Fator Conceptivo  
Fator Criacionista  
Fator Desenergizador  
Fator Desmagnetizador  
Fator Diluidor  
Fator Energizador  
Fator Equilibrador  
Fator Evolutivo ou Transmutador  
Fator Expansor  
Fator Gerador  
Fator Ordenador  
Fator Paralisador  
Fator Racionalizador  
Fator Transformador

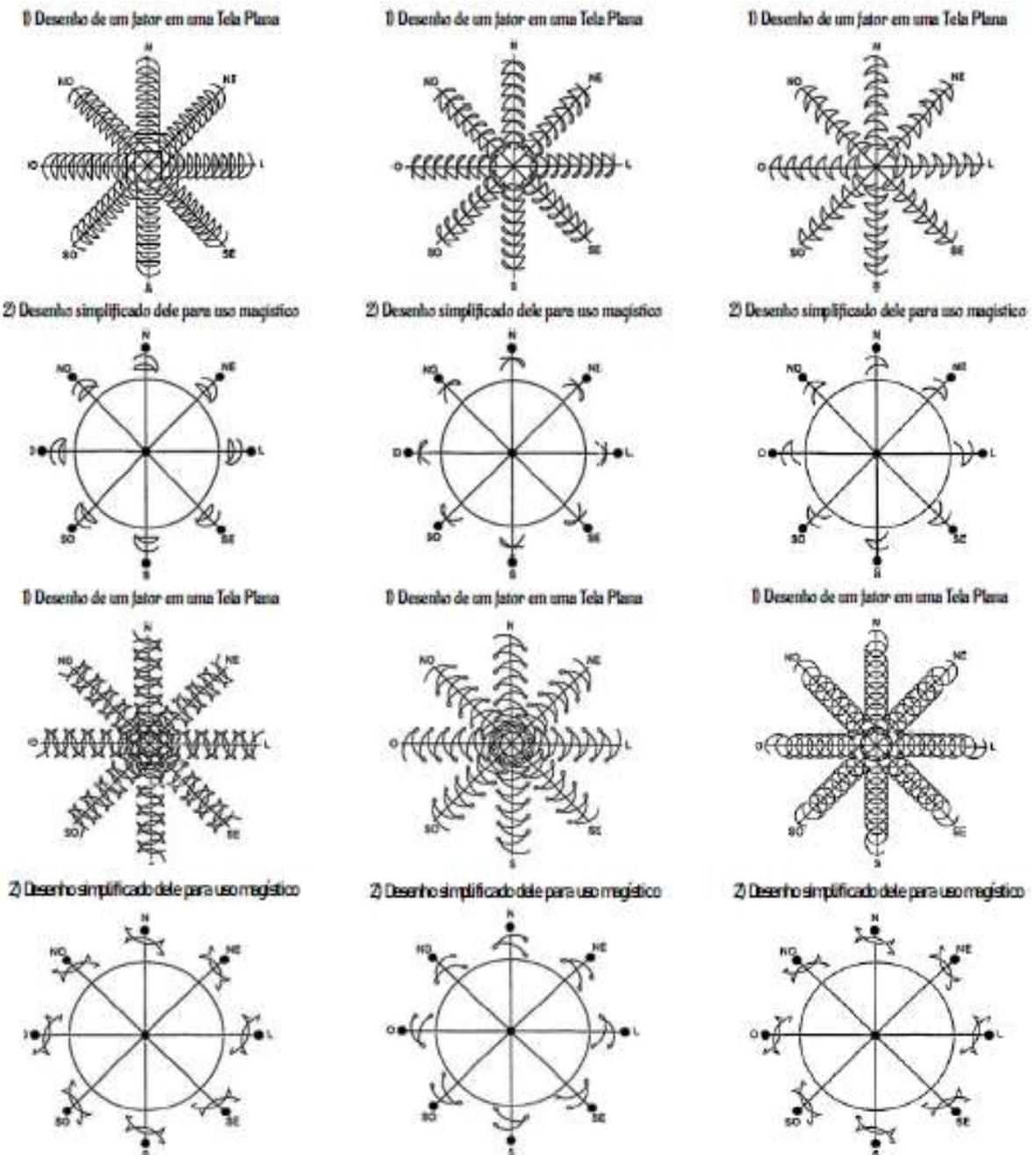
Os fatores divinos, que são irradiações presentes em todos os lugares, desempenham um papel fundamental na criação e evolução de todas as coisas. Quando um fator entra em ação, ele desencadeia uma série de mudanças, desativando o que já existe para dar lugar a algo novo. A natureza desses fatores pode ser positiva ou negativa, dependendo do estado vibracional da pessoa. Pensamentos e sentimentos positivos atraem fatores que nos elevam espiritualmente, enquanto pensamentos negativos atraem fatores que podem nos levar à desarmonia (Saraceni, 2020, p.85).

Quando um praticante de magia busca alterar ou influenciar determinada situação, ele age sobre esses fatores, direcionando suas intenções para que um ou mais desses elementos sejam ativados. Quando um sacerdote-mago ou médium da umbanda realiza um ritual, ele está, em essência, ativando fatores divinos por meio de sua intenção, pensamentos e emoções. Isso provoca uma mudança nas energias à sua volta, muitas vezes desativando padrões antigos, como energias ou vibrações existentes, para abrir espaço para novas manifestações. Este processo de desativação e ativação é central na prática mágica, pois o praticante busca harmonizar ou transformar as condições que deseja alterar.

Os sacerdotes-magos e os médiuns umbandistas utilizam uma ampla gama de espaços sagrados para realizar seus rituais. Esses espaços podem ser construídos

em diversas formas geométricas, como círculos, triângulos e hexágonos, podendo apresentar características como raios, losangos ou contornos difusos. A variedade de configurações é tão grande que se torna essencial uma explicação detalhada sobre cada tipo, a fim de desmistificar e elucidar esse aspecto da prática mágica (Saraceni, 2019b, p.111).

Figura 07: Exemplo de fatores desenhados por médiuns umbandistas iniciados na magia divina.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.59-60.

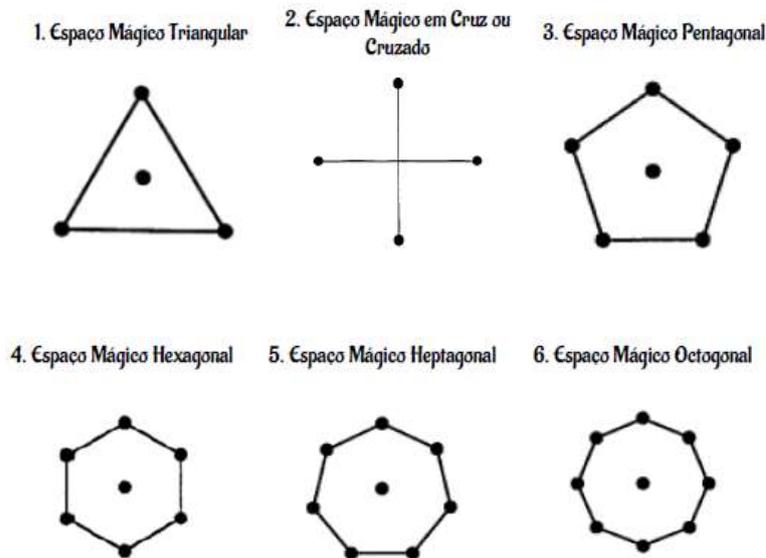
Sistematizar a magia na umbanda é um desafio, pois ela é uma prática dinâmica e em constante evolução. Saraceni propõe uma visão de magia divina na umbanda, em que os praticantes, especialmente os sacerdotes e médiuns, manipulam as forças espirituais e naturais em harmonia com as leis cósmicas, sempre com propósitos elevados, como a cura, a proteção e o equilíbrio espiritual. Ele esclarece que a magia na umbanda não é apenas uma prática mística, mas um trabalho consciente com as energias da natureza e com as entidades espirituais, os orixás, e os guias espirituais, que colaboram para o bem-estar e evolução dos seres humanos.

Saraceni (2019b, p.111) relaciona alguns modelos de espaços mágicos a sua função fatorial:

1. Espaço mágico triangular: todo espaço mágico triangular é denominado equilibrador porque todas as ondas vibratórias equilibradoras formam telas triangulares.
2. Espaço mágico em cruz: todo espaço mágico em cruz é denominado estabilizador porque todas as ondas estabilizadoras formam telas vibratórias “cruzadas” ou em cruz.
3. Espaço mágico pentagonal: todo espaço mágico pentagonal é denominado ordenador porque todas as ondas vibratórias ordenadoras formam telas vibratórias pentagonais.
4. Espaço mágico hexagonal: todo espaço mágico hexagonal é denominado reequilibrador-estabilizador porque suas ondas vibratórias formam telas vibratórias reequilibradoras hexagonais.
5. Espaço mágico heptagonal: todo espaço mágico heptagonal é denominado gerador porque suas ondas vibratórias geradoras formam heptágonos.
6. Espaço mágico octogonal: todo espaço mágico octogonal é denominado evolucionista porque suas ondas vibratórias evolucionadoras formam telas vibratórias octogonais.
7. Espaço mágico estrelado: todo espaço mágico estrelado é denominado criacionista porque suas ondas vibratórias criativas formam telas vibratórias estreladas.
8. Espaço mágico quadrado: todo espaço mágico quadrado é denominado contendor, pois suas ondas vibratórias contendoras formam telas vibratórias quadriculadas.
9. Espaço mágico losangular: todo espaço mágico losangular é denominado regenerador porque suas ondas vibratórias regeneradoras formam telas vibratórias losanguladas.
10. Espaço mágico espiralado: todo espaço mágico espiralado é denominado condutor porque suas ondas vibratórias condutoras formam telas vibratórias espiraladas.
11. Espaço mágico raiado: todo espaço mágico raiado (por raios) é denominado purificador-energizador porque suas ondas vibratórias purificadoras-energizadoras formam telas vibratórias raiadas.
12. Espaços mágicos em cadeias: todo espaço mágico em cadeias é formado por diversos tipos de ondas vibratórias que se multiplicam, formando telas vibratórias encadeadas, cujos polos eletromagnéticos, quando ativados na magia riscada simbólica, formam poderosas cadeias mágicas.

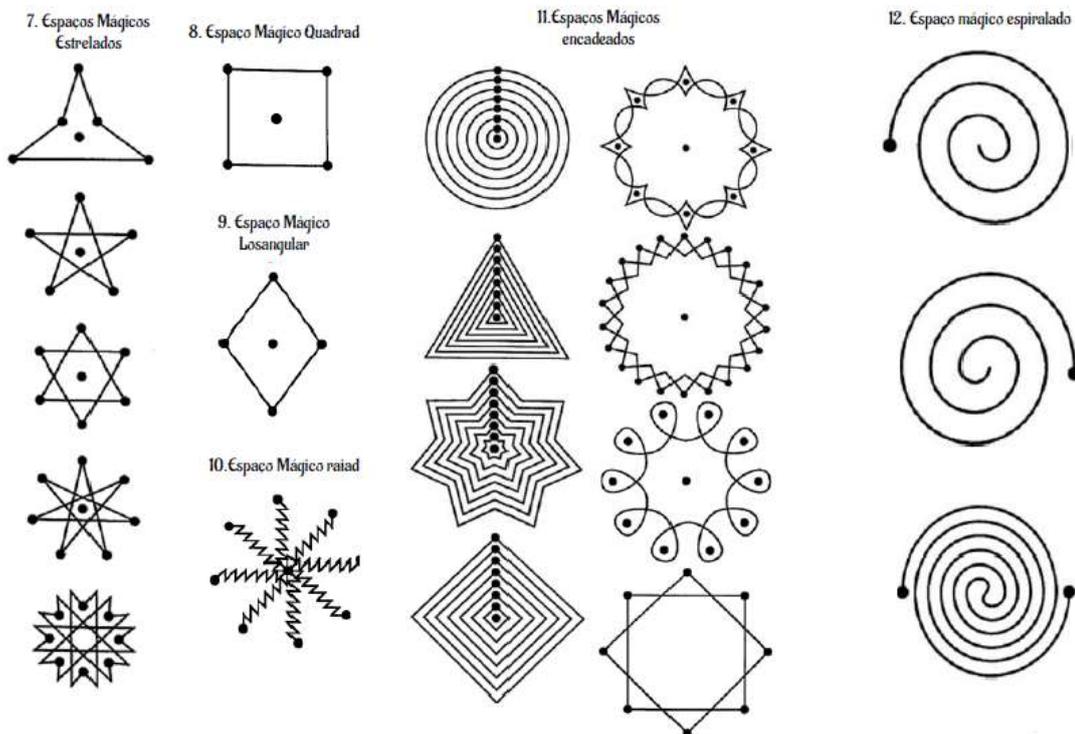
A seguir, alguns modelos de espaços mágicos (figuras 09 e 10) representados na obra de Saraceni (2019b, p.112-113):

Figura 08: Exemplo de espaços mágicos.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.112-113.

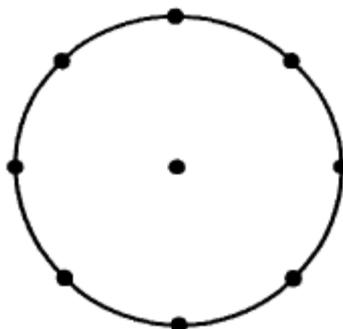
Figura 09: Exemplo de espaços mágicos na obra de Saraceni.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.114-117.

E o mais clássico dos espaços mágicos presente na umbanda, o círculo mágico ou espaço mágico circular, muito comum nos pontos riscados da umbanda (figura 10):

Figura 10: Exemplo de espaços mágicos circular.



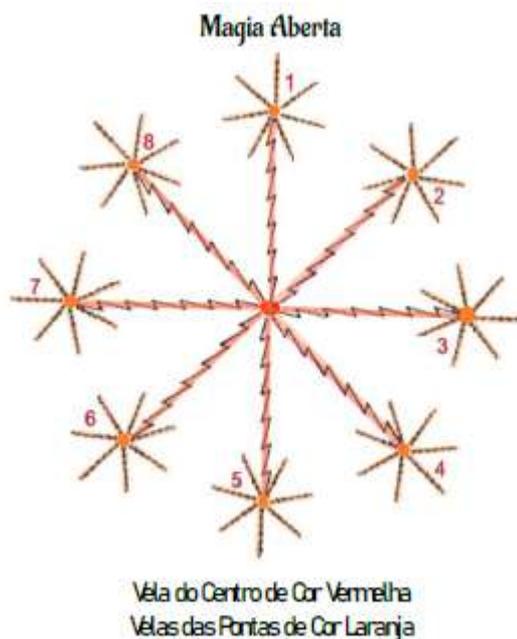
Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.118.

Saraceni divide, ainda, magia do espaço mágico em magia aberta ou fechada. As magias abertas (figura 11) não se restringem a formas geométricas específicas como círculos ou triângulos. Seus efeitos se projetam horizontalmente, no mesmo nível vibratório do praticante, sem a necessidade de ascensão ou descensão em outros planos (Saraceni, 2020, p.23).

Segundo Saraceni (2020, p.24), os oito raios de fogo emanam do eixo central (figura 12), dividindo-se igualmente pelas oito posições mágicas. Esses raios possuem a capacidade de purificar ambientes e consumir energias negativas. O mago, através de sua vontade, direciona a força desses raios, que se originam da energia vertical do trono da justiça e se multiplicam pelos oito pontos cardeais, ampliando seu poder de transformação.

Devido à sua capacidade de projetar energia horizontalmente em qualquer direção determinada pelo mago, essa magia é denominada aberta. Ela atua no plano terrestre, neutralizando influências mágicas ou espirituais que operem nesse mesmo nível vibratório, independentemente da distância (Saraceni, 2020, p.24).

Figura 11: Exemplo de magia aberta realizada sob a irradiação do Trono da Justiça.

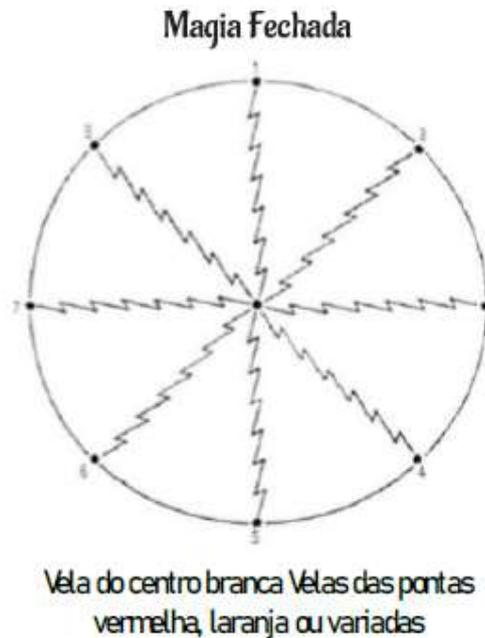


Fonte: reproduzido de Saraceni, 2020, p.23.

As magias fechadas, ao serem realizadas dentro de um espaço sagrado delimitado por formas geométricas, concentram suas energias. A partir do eixo central, as irradiações podem se projetar tanto horizontal quanto verticalmente, atingindo todos os níveis vibratórios, desde os mais elevados até os mais profundos. Quando a magia é realizada dentro de um espaço geométrico específico, como um círculo ou triângulo, esse espaço se torna um contêiner energético, delimitando sua ação. As vibrações geradas dentro desse limite permanecem confinadas, impedindo que se espalhem para além do campo mágico (Saraceni, 2020, p.24).

Para exemplificar o uso das magias fechadas, Saraceni (2020, p. 24-26) descreve que magos negros estabelecem conexões entre o plano terrestre e dimensões inferiores, invocando entidades negativas para realizar seus trabalhos. Essas entidades são utilizadas para atacar e drenar a energia de suas vítimas. Para neutralizar essas ameaças, magos brancos utilizam magias fechadas que criam campos de força capazes de reverter essas magias, pois essas entidades podem se esconder em dimensões inferiores, tornando-as mais difíceis de serem alcançadas por magias abertas.

Figura 12: Exemplo de magia fechada realizada sob a irradiação do Trono da Justiça.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2020, p.23.

De forma ampla, a magia aberta tem um caráter mais expansivo e genérico. Seu objetivo é liberar energias de cura, proteção ou bênçãos em uma área ampla ou para várias pessoas. Ela não se concentra em um ponto específico, permitindo que suas energias se espalhem livremente pelo ambiente ou pelo campo vibratório das pessoas.

Por ser aberta, essa magia emite ondas vibratórias que se difundem no ambiente, sem barreiras ou delimitações rígidas. Essas ondas de energia têm menor força de penetração em seres ou entidades de níveis vibratórios inferiores, como os espíritos trevosos, que podem se afastar temporariamente e depois retornar quando a magia se dissipa. Dessa forma, a magia aberta tem dificuldade de capturar ou neutralizar entidades trevosas mais densas, pois elas podem descer para níveis vibratórios mais baixos, esperando que a energia positiva se dissipe.

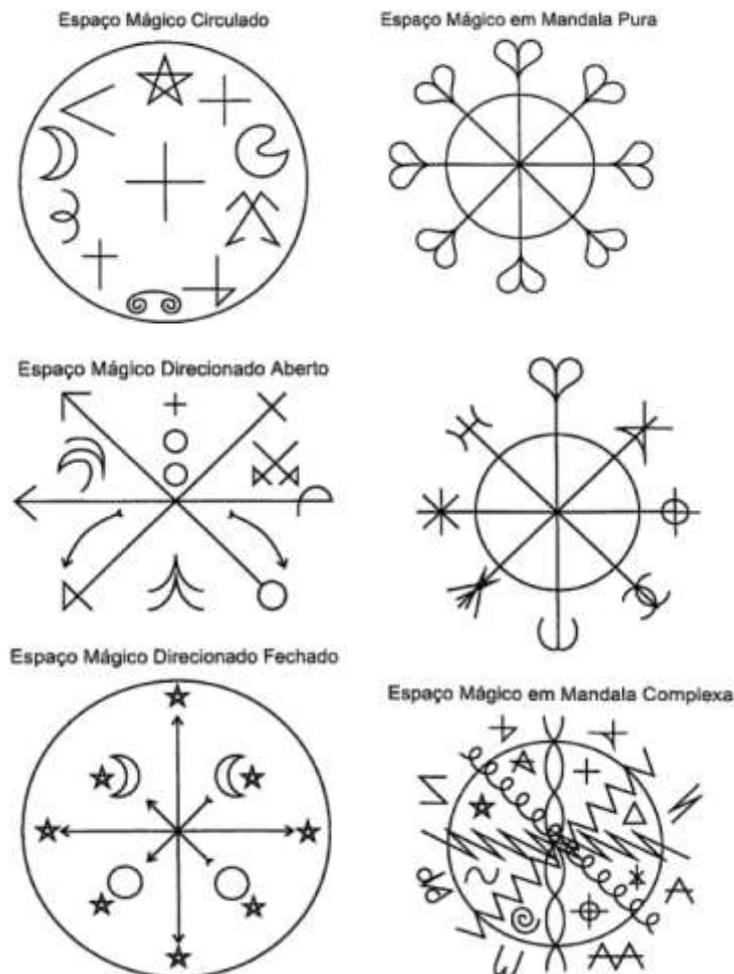
Já a magia fechada, por sua vez, é direcionada e altamente concentrada. Ela é utilizada para neutralizar, aprisionar ou dissipar energias e entidades negativas de maneira definitiva. Seu foco é encapsular e isolar um campo energético específico para atuar de forma direta.

O círculo mágico ou campo fechado delimita uma área específica, dentro da qual as energias positivas se concentram e não permitem a fuga das entidades ou energias trevosas. Esse processo esgota energeticamente esses seres, muitas vezes os reduzindo a formas energéticas inofensivas, ou os devolve aos seus níveis vibratórios de origem, de onde não podem mais escapar.

A magia fechada é altamente eficaz contra seres negativos, pois as energias concentradas dentro do campo magnético bloqueiam suas tentativas de evasão e anulam suas influências. Ela é mais poderosa e definitiva na contenção de forças malignas, impedindo que retornem a agir contra as pessoas ou lugares afetados.

Para Saraceni (2019b, p.118), “a inscrição de signos em um espaço mágico depende da vontade ou da intuição do seu construtor”:

Figura 13: Exemplo de espaços mágicos preenchidos com ondas, símbolos e signos.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2019b, p.119-120.

Os espaços mágicos, repletos de signos e símbolos vibracionais, são ferramentas poderosas para a criação e a realização de trabalhos mágicos. Ao incorporar elementos mágicos nesses espaços, há uma ampliação de sua potência e potencialização dos resultados dos trabalhos realizados. Essa forma de magia é positiva, pois visa o bem e não causa danos a ninguém (Saraceni, 2019b, p.121).

### **3.3. Ponto riscado na umbanda – uma encruzilhada do mágico com o sagrado**

A tradição de riscar pontos na umbanda é rica em significado e remonta às primeiras manifestações espirituais da religião. Os pontos riscados são utilizados para identificar a linha de trabalho dos guias, fortalecer trabalhos espirituais e muito mais. Essa prática ancestral é amplamente reconhecida e documentada por diversos autores umbandistas, que dedicaram seus estudos à compreensão desse mistério da umbanda (Saraceni, 2019, p.128).

A complexidade dos pontos riscados sempre instigou os médiuns umbandistas a pesquisar e estudar seus significados, buscando compreender a simbologia e as funções desses desenhos sagrados. A prática de coletar e documentar pontos riscados é antiga. Muitos livros, com décadas de publicação, apresentam desenhos copiados diretamente de centros espíritas, onde os pontos eram utilizados para fortalecer trabalhos espirituais e outros fins (Saraceni, 2019, p.128).

Apesar de autorizarem a reprodução de seus pontos riscados, os guias mantinham um certo mistério em relação ao significado exato dos símbolos utilizados, revelando apenas informações básicas como a linha de trabalho ou a falange. A ausência de explicações detalhadas sobre os símbolos dos pontos riscados levou muitos umbandistas a buscarem informações em fontes estrangeiras, como livros de magia europeia. A comparação entre os pontos riscados e os selos mágicos europeus revelava similaridades intrigantes (Saraceni, 2019, p.128-129).

No entanto, apesar da comparação com símbolos mágicos, a falta de conhecimento sobre as divindades e os fundamentos dos alfabetos mágicos limitou a

compreensão dos umbandistas sobre os pontos riscados, que permaneciam envoltos em mistério (Saraceni, 2019, p.129).

Saraceni, em sua jornada de pesquisa sobre os pontos riscados, deparou-se com a limitação das fontes escritas e da comunicação com os guias. Após anos de busca, ele compreendeu que a verdadeira compreensão dos pontos residia na experiência pessoal e na conexão com a espiritualidade. Em suas obras, ele incentivou os médiuns a confiarem em sua intuição e na energia divina presente nos rituais. Saraceni enfatiza, ainda, que a fé e o amor são as chaves para a realização de trabalhos espirituais eficazes na umbanda. Mesmo sem profundos conhecimentos teóricos, médiuns podem alcançar resultados significativos ao se conectarem com a energia divina dos orixás (Saraceni, 2019, p.129).

Saraceni destaca a importância da fé e do amor na prática da umbanda, mas também reconhece o valor do conhecimento ocultista quando utilizado de forma harmoniosa com os princípios da religião. Ele argumenta que ambos os aspectos podem contribuir para o desenvolvimento espiritual dos médiuns e para a eficácia de seus trabalhos (Saraceni, 2019, p.129).

Saraceni argumenta que a eficácia de um ponto riscado na umbanda não se restringe ao conhecimento técnico sobre os símbolos e seus significados ocultos. A fé e a conexão espiritual do médium com seu orixá são elementos cruciais. O autor defende que a energia divina se manifesta de diversas formas e a intenção do médium, imbuída de fé, é o catalisador para a ativação dessas forças. Independentemente do aprofundamento em conhecimentos esotéricos, a conexão sincera com o orixá é capaz de gerar resultados semelhantes, demonstrando que a energia divina se adapta à compreensão individual de cada médium (Saraceni, 2019, p.130-131).

Após aprofundar seus estudos, Saraceni obteve um entendimento mais completo sobre as escritas mágicas e recebeu autorização para compartilhar esse conhecimento em seus cursos. A experiência de ensinar leigos a utilizarem essas ferramentas, movidos pela fé e pela determinação, o levou a constatar que a prática da magia pode ser acessível a todos, independentemente de serem médiuns, e que a realização de feitos como anular magias, curar e harmonizar são possíveis quando a

prática é guiada por sentimentos positivos e uma forte intenção (Saraceni, 2019, p.131).

O conhecimento mágico disponível, segundo Saraceni, é apenas uma pequena parte de um todo muito maior. As diversas linguagens e escritas mágicas são como peças de um quebra-cabeça e o conhecimento atual sobre elas é incompleto. E enfatiza, ainda, a importância de manter uma mente aberta e reconhecer que há muito mais a ser descoberto sobre a natureza da realidade (Saraceni, 2019, p.131).

A pesquisa sobre as vibrações emanadas pelos sagrados orixás revelou uma descoberta transcendental: todos os alfabetos e símbolos mágicos são, na verdade, impressões tangíveis dessas poderosas energias divinas. Cada letra, cada signo, é um fragmento vibratório, uma nota numa sinfonia cósmica, carregando em si a essência criadora e transformadora do divino. Essa revelação demonstra que todas as linguagens mágicas, por mais distintas que pareçam, são manifestações de uma mesma fonte primordial, interligadas por uma harmonia subjacente (Saraceni, 2019, p.131).

Ao riscar um ponto cabalístico, um médium, incorporado ou orientado por seu orixá, seja Ogum, Oxóssi ou outro, pode realizar uma ação mágica poderosa. Isso ocorre porque o guia espiritual, que é iniciado nos mistérios dos orixás, possui um conhecimento profundo e intuitivo sobre os mistérios da umbanda e direciona a energia do médium para a realização da ação desejada, mesmo que o médium não tenha um conhecimento consciente de todos os detalhes (Saraceni, 2019, p.131).

A utilização de grafias mágicas na umbanda, como flechas, espadas e outros símbolos, é uma prática ancestral que demonstra a existência de uma escrita mágica complexa e abrangente. A criação dos pontos riscados é um ato sagrado, permeado pela energia dos orixás. Para que um espírito-guia possa inscrever seus símbolos e ativar suas propriedades mágicas, é necessário que ele esteja em sintonia com as vibrações de um ou mais orixás. Essa conexão divina confere ao guia a autoridade para manipular as energias cósmicas e realizar trabalhos espirituais eficazes. Sem essa ligação, os pontos riscados são apenas símbolos vazios, desprovidos de poder (Saraceni, 2019, p.132).

Os pontos riscados da umbanda são um dos maiores mistérios da magia divina. O domínio dessa prática exige uma conexão profunda com o mundo espiritual e uma

iniciação que qualifica o indivíduo a trabalhar com as energias sutis. Somente aqueles que foram consagrados como instrumentos mágicos podem utilizar os pontos sem a necessidade de incorporação, sendo guiados por seus mentores espirituais (Saraceni, 2019, p.132).

Desde os primórdios da umbanda, incluindo a figura Zélio de Moraes, a prática da escrita mágica simbólica sempre esteve presente. Os guias espirituais, desde então, utilizavam pontos riscados para diversos fins rituais, como descarga, proteção, concentração de energias e identificação. Essa tradição, rica em simbolismo e ancestralidade, evoluiu ao longo dos anos, dando origem a uma verdadeira heráldica umbandista. Os pontos riscados, inicialmente inspirados em elementos da cultura africana e indígena, foram adaptados e enriquecidos ao longo do tempo, resultando em um sistema simbólico único e complexo. Diferentemente da cabala, que possui raízes históricas e culturais distintas, a escrita mágica umbandista desenvolveu-se de forma autônoma, incorporando elementos da religiosidade popular brasileira. A figura de Zélio de Moraes é fundamental nesse processo, pois foi através de sua mediunidade que muitos desses conhecimentos foram sistematizados e transmitidos às futuras gerações de umbandistas. A prática de riscar pontos, portanto, representa uma herança ancestral e um legado vivo, que continua a ser explorado e desenvolvido pelos praticantes da umbanda até a atualidade (Saraceni, 2012, p.183).

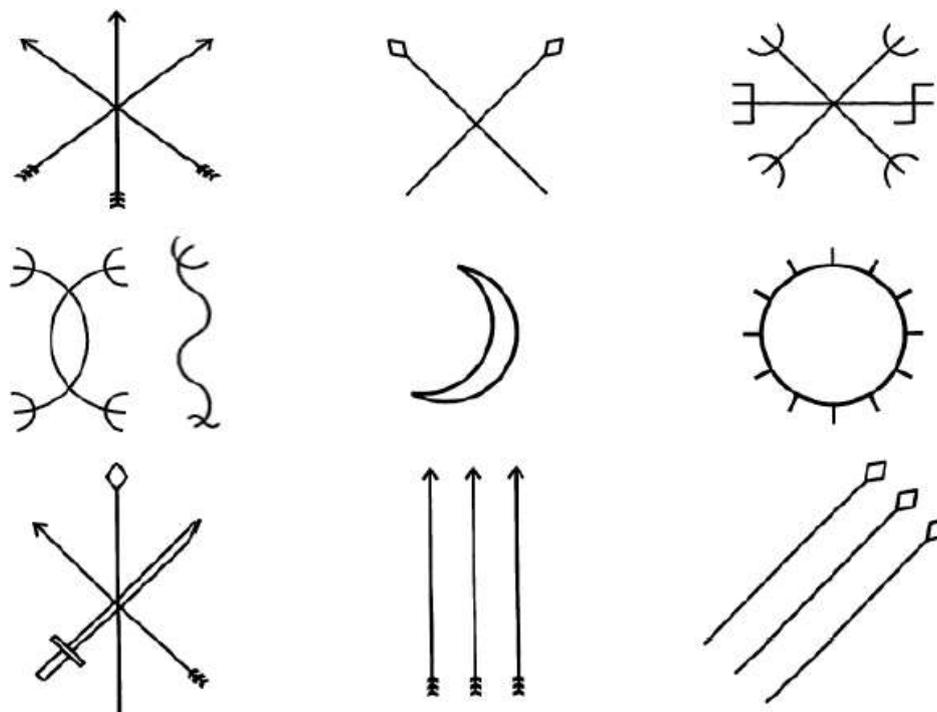
Para Saraceni (2012, p.183-184), o domínio da escrita mágica simbólica na umbanda é um conhecimento exclusivo, restrito àqueles que foram devidamente iniciados nos mistérios dessa religião. A expressão mão de pomba simboliza a aquisição de um saber ancestral e poderoso, que confere ao iniciado a capacidade de manipular as energias sutis do universo através dos pontos riscados. Essa habilidade não se adquire por simples estudo, mas por meio de um processo de iniciação espiritual que envolve ritos, ensinamentos e uma profunda conexão com o mundo espiritual. A mão direita e a esquerda, na tradição umbandista, representam polaridades energéticas distintas e a iniciação em ambas confere ao iniciado uma compreensão mais completa e abrangente das forças que atuam no universo. Ao dominar tanto a mão direita quanto a esquerda, o praticante torna-se capaz de realizar trabalhos de grande complexidade, equilibrando as forças cósmicas e promovendo a harmonia e o bem-estar.

A pomba, tradicionalmente, é um tipo de giz sagrado utilizado por médiuns e sacerdotes umbandistas para traçar pontos riscados, que são representações gráficas ou símbolos de entidades espirituais, orixás ou forças da natureza. Esses pontos riscados têm a função de ativar e direcionar energias, assim como estabelecer campos de proteção, abertura de caminhos e realizar outras demandas espirituais. Já a expressão mão de pomba refere-se à capacidade de um médium, mago ou sacerdote de trabalhar com a pomba, ou seja, de traçar os pontos riscados com conhecimento e domínio, sendo capaz de manipular energias espirituais de forma eficaz através desse processo. O ponto riscado atua como um elo entre o plano material e o espiritual, invocando ou selando a presença de entidades, orixás e outras forças divinas. A mão de pomba simboliza, portanto, o poder e a responsabilidade do praticante em manipular essas forças por meio da escrita sagrada.

A dinâmica da magia riscada na umbanda segue o princípio comum a todas as práticas mágicas: abrir um espaço mágico, ativar forças e poderes dentro dele e, em seguida, realizar um trabalho específico que beneficiará quem o criou e ativou. Embora pessoas iniciadas possam traçar pontos riscados que funcionem, os pontos traçados pelos guias espirituais são mais eficazes. Isso ocorre porque os guias conhecem a ciência divina e os mistérios por trás desses símbolos, bem como o significado exato de cada risco, signo e símbolo que utilizam (Saraceni, 2012, p.184).

A geometria sagrada oferece uma vasta gama de formas utilizadas em práticas mágicas ao longo da história. Triângulos, cruzes e círculos são os mais comuns na umbanda (figura 14), mas a exploração de outras figuras geométricas é constante. A rica diversidade de pontos riscados encontrados nos livros de guias umbandistas demonstra a busca por novas formas de expressar e canalizar as energias sagradas (Saraceni, 2012, p.184).

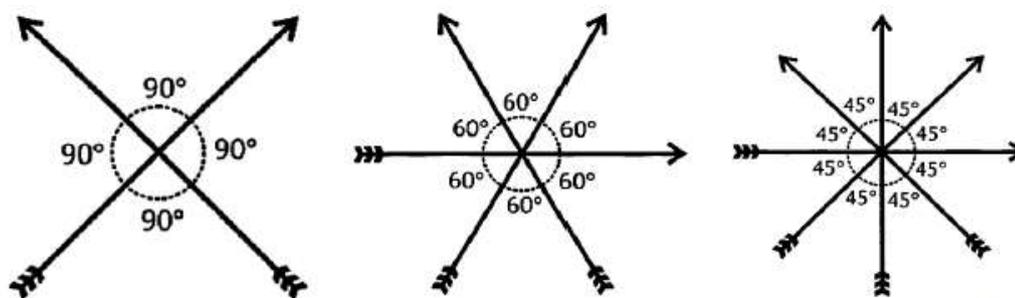
Figura 14: Exemplo de formas utilizadas em práticas mágicas na umbanda.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2012, p.185.

Saraceni (2012, p.187-188) se destaca por sua meticulosa análise dos pontos riscados, sistematizando os ângulos formados entre os traços e estabelecendo uma associação entre essas geometrias sagradas e os orixás (figura 15):

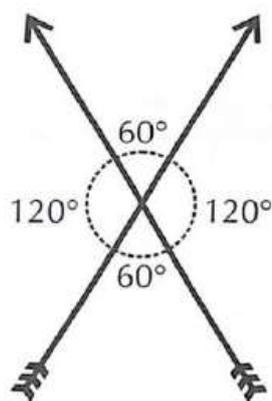
Figura 15: Análise dos pontos riscados por Rubens Saraceni, considerando os símbolos e ângulos entre os traços.



Espaço mágico quadrangular, de um guia espiritual de **Oxóssi** atuando na irradiação de **Xanqô** (90°).

Espaço mágico hexagonal com seis lados iguais (ângulos com abertura de 60° graus. E um guia espiritual de **Oxóssi** (flechas retas) atuando na irradiação de **Oxalá**.

Espaço mágico octogonal com oito lados iguais (ângulos com 45° de abertura. É um guia espiritual de **Oxóssi** atuando na irradiação de **Ogum**.



Se o ângulo de  $60^\circ$  é de Oxalá e o de  $120^\circ$  é de Nanã Buruquê, então a regência é dupla e Oxalá está regendo o trabalho no alto e no embaixo e Nanã está regendo o trabalho na direita e na esquerda, pois a abertura de ângulo dele está na linha Norte-Sul e a dela está na linha Leste-Oeste.

Fonte: reproduzido de Saraceni, 2012, p.187-188.

Com base em suas análises sistemáticas dos pontos riscados, Saraceni propõe uma correlação entre os ângulos de abertura desses pontos e a correspondência com os orixás, como demonstrado no quadro a seguir (Saraceni, 2012, p.189).

Quadro 03: Relação entre os ângulos de abertura e divisão da circunferência e com os orixás, propostos por Saraceni na umbanda sagrada.

TRONOS	SENTIDO	ORIXÁS	DIVIDE A CIRCUNFERÊNCIA EM	ÂNGULO DE ABERTURA
Fé	Fé ou Religiosidade	Oxalá	6 partes	$60^\circ$
		Logunã	2 partes	$180^\circ$
Amor	Amor ou Concepção	Oxum	33 partes	$10,9^\circ$
		Oxumaré	72 partes	$5^\circ$
Conhecimento	Conhecimento ou Raciocínio	Oxóssi	9 partes	$40^\circ$
		Obá	10 partes	$36^\circ$
Justiça	Justiça ou Razão	Xangô	4 partes	$90^\circ$
		Iansã	21 partes	$17,14^\circ$
Lei	Lei ou Equilíbrio	Ogum	8 partes	$45^\circ$
		Egunitá	24 partes	$15^\circ$
Evolução		Obaluaiê	12 partes	$30^\circ$

	Evolução ou Saber	Nanã	3 partes	120°
Geração	Geração ou Vida	Iemanjá	7 partes	57,42°
		Omolu	13 partes	27,69°
-	-	Exu	360 partes	1°

Fonte: adaptado de Saraceni, 2012, p.189.

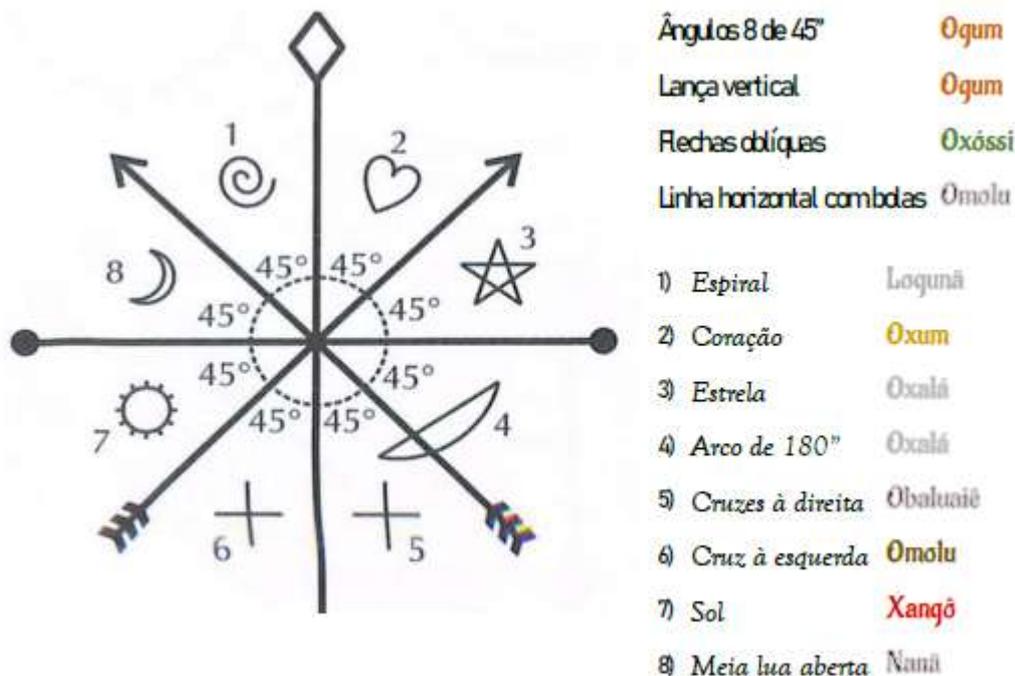
A magia da umbanda se manifesta de diversas formas, desde os pontos riscados até a construção de círculos e outros símbolos com elementos naturais, como água, pedras, ervas ou sementes, os quais desempenham um papel similar aos pontos riscados na umbanda. A disposição desses elementos cria campos de força invisíveis, utilizados para diversos fins rituais. Essa prática, comum entre os médiuns, revela a existência de um universo simbólico rico e complexo, acessível apenas àqueles que possuem o conhecimento necessário para interpretá-lo (Saraceni, 2012, p.188-189).

Para Saraceni (2012, p.188):

[...] a disposição das linhas ou riscos está nos dizendo quem rege tal espaço mágico. E, além disso, espaços mágicos riscados dentro de círculos são concentradores e absorvedores. Já os não contidos por um círculo são irradiadores e dispersadores.

O ponto riscado a seguir serve como exemplo para ilustrar a análise de Saraceni:

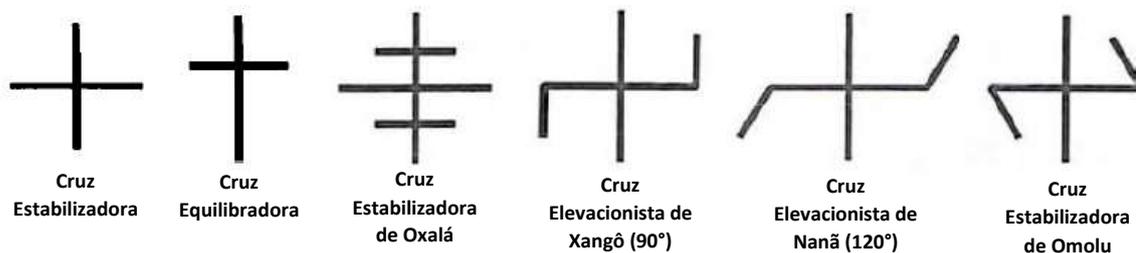
Figura 16: Análise de um ponto riscado por Rubens Saraceni, considerando os símbolos, forma e ângulos entre os traços.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2012, p.186.

Para Saraceni (2012, p.189-190), “há uma sutil diferença entre signos aparentemente iguais, tais como as existentes entre estes” (figura 17):

Figura 17: Diferenças entre os signos de cruz.

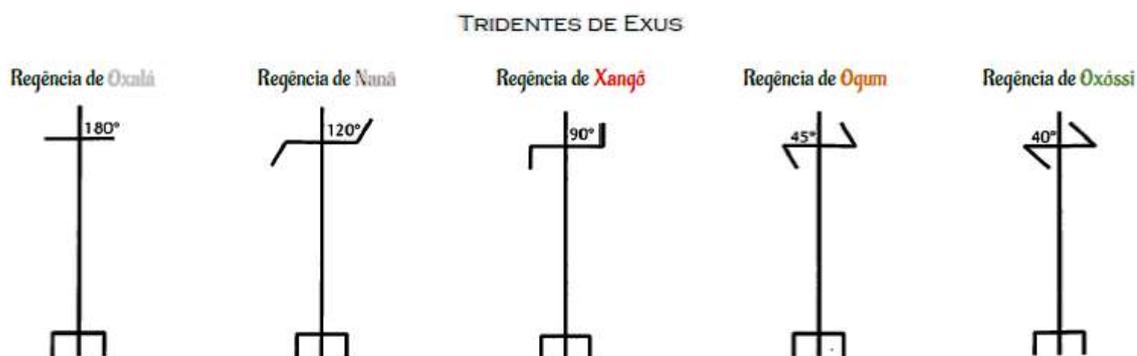


Fonte: reproduzido de Saraceni, 2012, p.189-190.

Ao estudar a função equilibradora dos orixás e a geometria de seus triângulos, percebe-se uma padronização nos ângulos formados. Essa padronização aplica-se a todos os orixás, independentemente de suas características específicas. A onda

vibratória de cada orixá, ao se manifestar nos pontos riscados, gera ângulos únicos que revelam sua identidade. Um exemplo claro disso pode ser observado nos pontos riscados de exu (figura 18) (Saraceni, 2012, p.190-191).

Figura 18: Diferenças entre os tridentes de exus e suas regências.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2012, p.191.

Os pontos riscados são inseridos em espaços mágicos que, segundo Saraceni (2019b, p.123), a criação exige consciência e respeito. Esses espaços devem ser construídos com um propósito altruísta e tratados com a devida reverência, pois carregam significados profundos para aqueles que os compreendem. A utilização de símbolos e mandalas demonstra a importância de respeitar as crenças e tradições de cada cultura. É fundamental distinguir o sagrado do profano e evitar a banalização de práticas espirituais. Espaços mágicos são constructos poderosos, capazes de influenciar a realidade de maneiras profundas e duradouras. Sua criação não deve ser tomada de forma leviana, pois esses espaços continuam a existir e a agir até que seus propósitos sejam cumpridos. É essencial que os sacerdotes-magos e médiuns umbandistas compreendam a natureza e o poder dos espaços mágicos antes de se aventurarem em sua criação.

Para Saraceni (2019b, p.123-124), a criação de espaços mágicos simbólicos envolve a utilização de diversos elementos como giz – denominada na umbanda de pema -, carvão, líquidos, plantas, pedras e outros materiais. Esses elementos são utilizados para desenhar símbolos e signos mágicos que, quando combinados, formam um espaço energético com propriedades específicas. A escolha dos materiais e a forma como eles são combinados depende do objetivo do mago e do tipo de

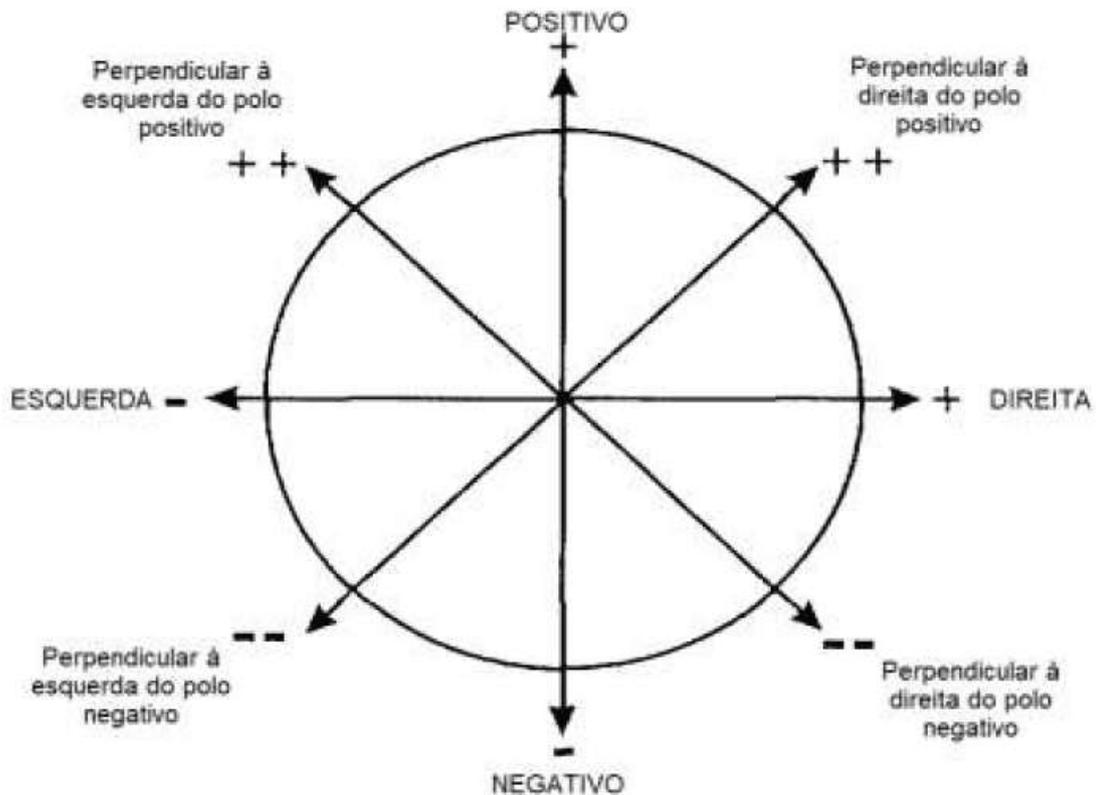
trabalho mágico que se deseja realizar. O elemento centralizador, posicionado no centro do espaço mágico, atua como um ponto focal para as energias. Os demais elementos, dispostos sobre símbolos mágicos, recebem a influência do elemento central e incorporam suas propriedades. Essa rede energética resultante é capaz de purificar, diluir e absorver energias negativas, beneficiando tanto pessoas quanto ambientes.

A criação de espaços mágicos simbólicos se beneficia da utilização de elementos naturais como água, ervas, cristais, minerais e fogo – velas brancas ou coloridas, braseiros ou fogueiras. Esses elementos, quando colocados em contato com os signos e símbolos, potencializam suas propriedades energéticas, ampliando seu alcance e eficácia. A escolha dos elementos deve ser feita de acordo com o objetivo do ritual e as características específicas de cada elemento (Saraceni, 2019b, p.124; Saraceni, 2018, p.103).

Para Saraceni (2020, p.31), a posição dos signos mágicos dentro de um círculo ou símbolo é fundamental para a eficácia de um ritual. Cada ponto do círculo possui uma polaridade eletromagnética específica, que atua como um ponto de ancoragem e fonte de energia para as forças mágicas invocadas. A correta colocação dos signos garante que a energia flua de forma harmoniosa e potente, amplificando os efeitos do ritual.

A divisão do círculo mágico (figura 19) através das irradiações vertical e horizontal é fundamental para a realização de rituais complexos. As irradiações vertical e horizontal dividem o círculo mágico em quadrantes distintos, criando campos energéticos específicos. A irradiação vertical separa o círculo em uma parte direita e outra esquerda, enquanto a irradiação horizontal o divide em uma parte superior, considerada positiva, e uma parte inferior, considerada negativa. Ao posicionar os elementos e símbolos de forma estratégica dentro desses campos, o praticante pode direcionar o fluxo energético e alcançar os resultados desejados (Saraceni, 2020, p.41).

Figura 19: Polos eletromagnéticos dos círculos mágicos.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2020, p.40.

A adição de símbolos, signos ou elementos naturais aos quadrantes do círculo mágico torna o espaço mais personalizado e eficaz. Cada elemento adicionado cria novas irradiações energéticas, ampliando as possibilidades de trabalho mágico e permitindo atender a uma variedade de necessidades. Essa personalização permite ao praticante o aproveitamento, ao máximo, do poder das forças cósmicas (Saraceni, 2020, p.41).

O poder dos signos e símbolos mágicos está intrinsecamente ligado aos tronos divinos e, ao evocar esses tronos, o praticante ativa o poder latente nos símbolos, tornando-os ferramentas eficazes para a realização de diversas tarefas mágicas. Através da construção cuidadosa de símbolos e da invocação dos tronos divinos, é possível criar campos de força energética capazes de neutralizar magias negativas, como amarrações, trabalhos de inversão e ataques espirituais (Saraceni, 2019b, p.127).

O conhecimento dos pontos riscados, conforme denomina Rubens Saraceni em suas obras, é um dos fundamentos centrais da prática mágica e espiritual na umbanda sagrada. Segundo Saraceni, os pontos riscados são representações gráficas, símbolos espirituais traçados com a pomba, que servem para ativar, direcionar e movimentar energias dentro dos rituais e trabalhos espirituais. São considerados uma linguagem sagrada e um sistema de comunicação entre o plano físico e o espiritual, sendo utilizados para estabelecer conexões com os orixás, guias espirituais e forças da natureza, invocando ou direcionando suas energias para determinados fins, como cura, proteção, abertura de caminhos ou resolução de problemas. Cada ponto tem um significado específico e é traçado de maneira consciente, com o objetivo de ativar campos de força espirituais.

A complexidade da ciência dos pontos riscados na obra de Saraceni advém da sua profunda ligação com as energias espirituais e divinas, da manipulação consciente de forças invisíveis e da necessidade de domínio tanto prático quanto simbólico dessa arte sagrada, sendo muito mais amplo e complexo do que apresentado neste trabalho. É uma prática que exige conhecimento, preparação, concentração e responsabilidade espiritual, com camadas que envolvem tanto a atuação no plano material quanto no espiritual, conectando o médium e o guia com os mistérios da criação e da lei divina, requerendo um amplo estudo para o entendimento completo dos símbolos, signos e ondas aplicados no ponto riscado.

A fundamentação dos pontos riscados na umbanda sagrada, conforme sistematizada por Rubens Saraceni, é um dos meios mais profundos e ritualísticos de conexão entre a magia e o sagrado. Essa ciência desempenha um papel central na manifestação das forças espirituais e divinas, sendo uma ferramenta que articula a ação mágica no mundo físico e no espiritual.

Para Saraceni, o ponto riscado é uma materialização da magia sagrada, por meio do qual as forças dos orixás e guias espirituais, invisíveis aos olhos humanos, tornam-se perceptíveis e atuantes no plano físico. O ponto riscado, portanto, atua como uma ponte entre o plano espiritual e o material, permitindo que a magia se manifeste com a força e a presença do sagrado, concretizando-se de maneira visível e trazendo seus efeitos para o mundo físico.

### **3.4. Os rituais e elementos mágicos na umbanda sagrada**

Ao se analisar os templos religiosos, observa-se a existência de dois espaços interligados: o físico e o etérico. O espaço físico é o local concreto onde ocorrem as práticas religiosas, enquanto o espaço etérico é um campo vibratório que engloba todos os pensamentos e ações realizadas nesse local. Cada templo possui um campo energético único, determinado pela religião a que pertence e pelas ações de seus praticantes, visando preservar a integridade de suas práticas e evitar interferências externas (Saraceni, 2013, p.220).

O espaço etérico de cada templo pode ser comparado a uma célula viva, com a capacidade de se expandir e contrair de acordo com suas necessidades. Essa dinâmica energética garante que tudo o que é iniciado dentro do templo seja preservado em seu interior. A expansão desse campo energético ocorre dentro de um espectro vibratório e magnético específico, delimitado pela religião à qual o templo pertence. Dessa forma, as práticas realizadas dentro de cada templo não interferem no ambiente externo, preservando a neutralidade energética do mundo exterior (Saraceni, 2013, p.220-221).

Cada religião possui uma vibração e um magnetismo únicos, concedidos por Deus, que podem ser comparados a uma tela vibratória. Dentro dessa tela, ressoam todas as ações realizadas nos templos dessa religião, pois os templos, em seu aspecto energético, estão sintonizados com essa frequência específica (Saraceni, 2013, p.221).

O altar, estrutura presente nos templos umbandistas atua, a partir de sua construção e energização, como um poderoso ímã espiritual, atraindo as energias divinas. Essas energias, descendendo verticalmente, são canalizadas pelo altar e irradiam-se horizontalmente, criando um campo energético que permeia todo o espaço sagrado. Essa irradiação, presente em diversas tradições religiosas, proporciona um ambiente propício para as práticas espirituais e conecta os fiéis às forças divinas (Saraceni, 2013, p.221).

No altar, é comum a utilização de cristais, minerais, flores, colares de pedras semipreciosas, armas simbólicas e símbolos mágicos em rituais religiosos, os quais ativam uma série de forças intermediárias, capazes de mediar a comunicação entre

os praticantes da umbanda e os espíritos ou orixás. Essas forças atuam como canais energéticos, proporcionando auxílio àqueles que buscam orientação e proteção espiritual (Saraceni, 2013, p.221).

Para Saraceni (2013, p. 221), os conhecimentos sobre os fundamentos religiosos e mágicos de um altar são inerentes àquele que o construiu. Contudo, a essência divina de um altar reside na capacidade de aproximar os devotos de Deus e suas manifestações divinas, proporcionando uma experiência espiritual profunda. Os vórtices eletromagnéticos presentes na natureza, como montanhas sagradas, podem ser considerados altares naturais. Ao serem consagrados a práticas religiosas, esses locais amplificam a energia cósmica, facilitando a comunicação entre os seres humanos e as divindades da natureza.

Segundo Saraceni (2013, p.221):

Na Umbanda, a montanha é o santuário de Xangô, e uma pedra-mesa é um altar onde o oferendam.

Os rios são o santuário de Oxum, e uma cachoeira, o seu altar.

O mar é o santuário de Iemanjá, e a praia é o seu altar.

As matas são o santuário de Oxóssi, e um bosque é o seu altar.

No contexto da umbanda sagrada, os templos religiosos refletem diretamente a relação entre magia e o sagrado. A existência de dois espaços nos templos, o físico e o etérico, mostra como as práticas religiosas e espirituais não se limitam apenas ao mundo material, mas se estendem a um campo vibratório invisível. Isso estabelece uma conexão entre a realidade física e o plano espiritual, que é um princípio fundamental da magia na umbanda.

O conceito de espaço etérico pode ser entendido como uma manifestação do sagrado e da magia, pois é nesse campo vibratório que as forças espirituais atuam, sendo atraídas e canalizadas pelos rituais e pelos pontos de força do templo. O altar, por exemplo, age como um condutor de energias divinas, funcionando como um ponto de conexão entre o plano espiritual e o material.

A relação entre magia e sagrado se fortalece pela ideia de que cada templo possui uma vibração única, e o altar, com seus elementos como cristais, símbolos e minerais, ativa forças intermediárias que facilitam a comunicação com as divindades. Assim, a prática religiosa na umbanda é, em sua essência, um ato de magia sagrada, na qual o praticante umbandista, por meio de rituais e oferendas, estabelece uma

conexão direta com o divino. Essa ponte criada entre o mundo físico e espiritual pelos altares, rituais e símbolos mágicos materializa a magia e possibilita que as energias dos orixás e guias se manifestem e atuem no plano terrestre.

Além disso, Saraceni aponta que altares naturais, como montanhas, rios e matas, são santuários onde se cultuam orixás como Xangô, Oxum, Iemanjá e Oxóssi. Esses locais são espaços sagrados que amplificam a energia cósmica, conectando as pessoas com as forças da natureza. Isso demonstra como, na umbanda, a magia está intrinsecamente ligada à natureza e à sacralização dos espaços naturais, reforçando a importância dos elementos da criação divina no processo mágico e espiritual.

As imagens presentes nos templos exercem um papel fundamental na indução ao respeito e à reverência por parte dos fiéis. Seu poder reside na capacidade de inspirar uma postura contemplativa e silenciosa. Embora algumas religiões critiquem o culto às imagens, muitas outras utilizam símbolos e elementos da natureza como objetos de veneração, praticando a litolatria (culto às pedras tidas como sagradas), a fitolatria (culto às árvores tidas como sagradas) e a hidrolatria (culto a rios ou lagos tido como sagrados) (Saraceni, 2013, p.222).

Exu e pombagira, como guardiões dos templos, geralmente possuem seus assentamentos localizados na entrada, simbolizando a proteção do espaço sagrado. Para Saraceni, ao entrar em qualquer templo, seja qual for a religião, é fundamental pedir licença e adotar um comportamento respeitoso, em consonância com as práticas e crenças do local (Saraceni, 2013, p.222).

As imagens possuem a capacidade de direcionar a atenção e a devoção das pessoas, influenciando seus níveis vibratórios durante práticas religiosas. Dependendo da imagem, é possível elevar ou rebaixar a vibração espiritual do indivíduo. O poder das imagens reside na capacidade de canalizar a devoção das pessoas para a divindade representada. Essa conexão entre imagem e devoto não é fruto do misticismo, mas sim da própria natureza humana, que busca se conectar com o sagrado por meio de símbolos. Se não forem as imagens, outros elementos como signos, mandalas e versículos podem servir a esse propósito, desde que concentrem a fé e direcionem a religiosidade para o divino (Saraceni, 2013, p.222-223).

A umbanda sagrada possui uma rica tradição ritualística, em que cada elemento possui um significado profundo. Os rituais são realizados de acordo com as orientações dos orixás e dos sacerdotes, garantindo a manutenção da ordem sagrada. As oferendas são parte fundamental desses rituais, representando um ato de devoção e reconhecimento da divindade, sem a expectativa de qualquer tipo de retribuição (Saraceni, 2013, p.217).

A relação com a magia ocorre por meio da ideia de que a presença e a contemplação das imagens elevam o campo vibratório das pessoas, influenciando suas energias e permitindo que a magia aconteça de maneira mais fluida. Assim como os símbolos e os signos mágicos nos rituais e nos pontos riscados, as imagens são instrumentos que canalizam as forças espirituais, ajudando a direcionar a fé dos praticantes e alinhá-los com a energia dos orixás e dos guias espirituais. O uso de elementos da natureza, como pedras e ervas, também reflete a prática mágica, na qual esses elementos são reconhecidos como sagrados e têm o poder de conectar o indivíduo com as forças divinas.

Para Saraceni (2013, p.218), os rituais de oferendas, embora frequentemente realizados em momentos de dificuldade, deveriam ser praticadas de forma regular. Essa prática, comum aos praticantes da umbanda, possui tanto um significado religioso quanto um aspecto mágico, desempenhando um papel fundamental na conexão entre o devoto e as divindades. Em seu aspecto religioso, elas representam um ato de reverência, amor e respeito às divindades. Já em seu aspecto mágico, as oferendas são utilizadas como um pedido de auxílio para superar desafios em diversas áreas da vida, como a profissional, amorosa, familiar ou espiritual.

Ao oferendar às divindades e guias espirituais, mesmo que por devoção, subentende-se um pedido de proteção. No entanto, a ativação dos poderes mágicos dessas oferendas ocorre quando a intenção é explícita, ou seja, quando se busca uma intervenção divina para solucionar problemas específicos. A oferenda religiosa visa estabelecer uma sintonia vibratória e espiritual com as divindades (Saraceni, 2013, p.218).

A oferenda mágica, por sua vez, tem como objetivo principal ativar os poderes específicos de determinadas divindades para alcançar resultados práticos e imediatos. Seja para neutralizar influências negativas, cortar demandas espirituais ou

atrair acontecimentos positivos, a oferenda mágica é um instrumento poderoso de transformação (Saraceni, 2013, p.218).

As oferendas para assentamentos de divindades e guias espirituais possuem uma característica única: elas visam a obtenção de poderes específicos e duradouros. Ao realizar esse tipo de oferenda, o indivíduo estabelece uma conexão permanente com as forças divinas, permitindo que ele acesse esses poderes sempre que precisar, direcionando-os para suas necessidades particulares. A oferenda para assentamento representa a concessão de poderes sagrados por parte das divindades e guias espirituais. Essa concessão exige do devoto uma postura de respeito, discricção e responsabilidade no uso desses poderes, tanto em relação a si mesmo quanto às entidades que os concederam (Saraceni, 2013, p.219).

O ciclo de oferendas para assentamentos é fundamental para a manutenção da conexão entre o praticante umbandista e as divindades. A renovação periódica das oferendas, realizada nos pontos de força das divindades, revitaliza o assentamento e garante a eficácia dos poderes concedidos. A limpeza e purificação do assentamento protegem o praticante umbandista de energias negativas e garantem a pureza do axé. O praticante umbandista, por sua vez, deve manter o assentamento em um local isolado e protegido, garantindo a privacidade e a inviolabilidade do seu espaço sagrado (Saraceni, 2013, p.219).

A dimensão mágica nas oferendas está relacionada com a intenção explícita de obter uma intervenção divina para resolver questões específicas, como superar obstáculos em áreas profissionais, amorosas ou espirituais. Nessa função, a oferenda mágica atua como um meio de ativar os poderes sagrados das divindades, canalizando suas energias para produzir efeitos concretos e imediatos, como neutralizar energias negativas ou atrair boas influências.

Na umbanda sagrada, objetos comuns do dia a dia são transformados em instrumentos sagrados por meio de rituais de consagração. Essa prática permite que esses objetos mantenham sua função original, ao mesmo tempo em que adquirem um significado espiritual profundo. Objetos comuns como taças, colares e cristais podem transcender sua função original e adquirir um caráter sagrado nos rituais religiosos. Através da consagração, esses objetos se tornam veículos para a manifestação de forças espirituais (Saraceni, 2013, p.219).

A consagração de objetos utilizados em rituais religiosos exige a realização de ritos específicos, conferindo a esses objetos um caráter sagrado. Após a consagração, esses objetos devem ser reservados exclusivamente para fins religiosos, sendo mantidos em um ambiente que reflete a sua importância espiritual. É fundamental preservar a distinção entre o sagrado e o profano, evitando o uso indevido de objetos consagrados ou a atribuição de propriedades sagradas a objetos comuns (Saraceni, 2013, p.219).

Os objetos utilizados em rituais religiosos e mágicos possuem uma variedade de funções e significados. Alguns são específicos para determinadas práticas, enquanto outros podem ser utilizados em diferentes contextos. A responsabilidade de um sacerdote inclui o cuidado zeloso com os objetos consagrados, sejam eles utilizados em rituais religiosos ou mágicos. O profundo apreço por esses objetos é fundamental, pois eles representam a conexão do sacerdote com o sagrado e com as forças que invoca (Saraceni, 2013, p.219).

Na umbanda, um exemplo de materiais consagrados são os patuás, que são considerados elementos de proteção e energização, carregando um simbolismo muito profundo ligado à magia e ao sagrado, pois carregam as bênçãos dos sagrados orixás (Saraceni, 2005, p.279).

Originárias das tradições africanas, especialmente da cultura mandinga, as bolsas de mandinga se tornaram um elemento central das práticas de cura no Brasil colonial. Trazidas pelos escravizados africanos, esses amuletos foram adaptados e sincretizados com elementos de diversas culturas presentes na colônia, como as tradições indígenas, as práticas espirituais dos bantos e os costumes religiosos europeus. Essa fusão cultural resultou em objetos carregados de simbolismo e poder, capazes de proteger seus portadores de males físicos e espirituais (Simas, 2023, p.51).

As bolsas de mandinga, confeccionadas em panos brancos, eram verdadeiros arsenais de proteção. Em seu interior, eram encontradas uma variedade de objetos, como pedras, metais, ossos, papéis com escritas místicas e até mesmo partes do corpo do próprio portador. Esses elementos, combinados com orações e rituais específicos, visavam garantir a proteção contra malefícios de ordem física e espiritual.

A presença de orações a santos católicos, como São Marcos, demonstra o sincretismo religioso presente nessas práticas (Simas, 2023, p.52-53).

Para Simas (2023, p.52-53), a origem do patuá está intrinsecamente ligada à rica história da diáspora africana no Brasil. A partir da tradição das bolsas de mandinga, que já carregavam em si um forte simbolismo de proteção e cura, os patuás emergiram como uma expressão sincrética, incorporando elementos de diversas culturas. A palavra patuá tem origem tupi e significa cesta ou baú, remetendo aos recipientes utilizados para guardar os ingredientes mágicos. Ao longo do tempo, o termo foi adotado para designar os amuletos em si, que eram confeccionados com rituais específicos e carregavam em si o poder de proteger seus portadores.

Na umbanda, os patuás consistem em pequenos sacos ou recipientes, geralmente feitos de tecido, que contêm uma combinação de ervas, pedras, pós ou outros objetos consagrados. Os patuás são preparados por guias espirituais, como exus, caboclos e pretos-velhos, servindo como instrumentos de defesa espiritual, harmonia, cura e até mesmo para atrair boas energias em aspectos como amor, prosperidade e saúde.

Cada patuá é único, confeccionado para atender às necessidades específicas da pessoa que o recebe e sua eficácia está associada à fé, ao axé – a energia vital, e as vibrações das entidades e orixás. A magia do patuá é ativada durante rituais, nos quais os guias riscam pontos, entoam cânticos e pedem a intercessão dos orixás, canalizando a força espiritual necessária para a função do patuá. Esse objeto é uma forma de conexão direta entre o devoto, a divindade e o guia que o consagrou, funcionando como um canal de proteção contínua e fortalecimento energético.

Os patuás também refletem a relação da umbanda com o uso de elementos naturais, como as ervas e os minerais, que são respeitados como portadores de forças espirituais e mágicas. Assim, além de serem ferramentas de proteção individual, eles também são expressão da integração entre a magia umbandista e os elementos sagrados da natureza.

Há, ainda, o uso de guias, colares, braceletes e outros objetos sagrados como prática fundamental na umbanda, com raízes profundas na tradição espiritual. Esses objetos são consagrados pelos guias espirituais e utilizados durante os passes mágicos para transmitir energias curativas e protetivas (Saraceni, 2019c, p.23-24).

As guias são mais do que simples adornos. São instrumentos mágicos que, quando consagrados corretamente, adquirem um poder extraordinário. A forma circular desses objetos os torna espaços sagrados capazes de armazenar e emanar energias específicas. A consagração externa, realizada por guias espirituais, confere aos objetos mágicos uma proteção básica. No entanto, a consagração interna, que envolve conhecimentos esotéricos e práticas específicas, eleva o poder desses objetos a um nível superior. Ao dominar a consagração interna, o praticante pode utilizar os objetos mágicos para realizar uma variedade de trabalhos espirituais, além da simples proteção (Saraceni, 2019c, p.24-25).

Segundo Saraceni (2019c, p.29-30), a consagração das guias, ou colares, é um ritual fundamental na umbanda, pois é por intermédio desse processo que o objeto adquire poder mágico e se torna um instrumento de proteção e cura. A consagração geralmente envolve a purificação da guia, a energização com velas e a imposição das mãos do guia espiritual. Após a consagração, a guia está pronta para ser utilizada pelo médium como um amuleto protetor ou pelo guia espiritual como um instrumento de trabalho. A consagração interna dos colares é um processo mais completo e poderoso do que a consagração externa, como já apontado. Enquanto a consagração externa concentra-se na proteção e no auxílio nos trabalhos espirituais, conferindo às guias um poder limitado, representando apenas 10% de sua capacidade total, a consagração interna confere aos colares uma gama mais ampla de poderes, permitindo que sejam utilizados para diversas finalidades mágicas. A consagração interna é capaz de despertar o pleno potencial dos objetos, elevando seu poder a 100%.

A fim de estabelecer uma linguagem visual clara e precisa na representação dos orixás por meio dos colares, algumas regras básicas devem ser seguidas. Uma dessas regras é a utilização de uma única cor para cada orixá, o que facilita a identificação da divindade. A escolha das cores para as guias dos orixás na umbanda apresenta certa flexibilidade, com algumas exceções que permitem combinações de cores como preto e branco para guias de Obaluaiê ou como vermelho, preto-vermelho ou dourado para pombagira, por exemplo. Essa variedade se justifica pela natureza vibratória dos orixás, que se manifesta em diferentes padrões de cores. No entanto, é importante buscar uma padronização na utilização das cores, evitando a criação de

combinações arbitrárias e adotando as cores tradicionais da umbanda (Saraceni, 2019c, p.30).

Recomenda-se o uso das guias confeccionadas com pedras naturais, pois essas possuem a capacidade de absorver e reter as energias divinas presentes nas consagrações internas. Diferentemente dos materiais artificiais ou sintéticos, as pedras naturais estabelecem uma conexão mais profunda com a natureza e com as forças cósmicas, tornando-as mais eficazes para a manutenção das energias sagradas (Saraceni, 2019c, p.31).

A escolha dos materiais para as guias na umbanda é influenciada por diversos fatores, incluindo a linha de trabalho e as energias manipuladas pelos guias espirituais. Cada linha possui suas especificidades e a utilização de materiais naturais como coquinhos, conchas e pedras preciosas é recomendada para potencializar os trabalhos. Por exemplo, a linha dos baianos costuma utilizar guias de coco, enquanto a linha das crianças prefere o quartzo rosa. A escolha dos materiais para as guias de descarga é mais flexível, permitindo a utilização de uma variedade maior de elementos (Saraceni, 2019c, p.31-32).

Para Saraceni (2019c, p.33), embora a utilização de símbolos mágicos como o triângulo e o pentagrama seja comum em diversas tradições, a exploração do círculo como espaço mágico, nas guias umbandistas, representa uma abordagem original e pouco explorada na literatura especializada. Ao reconhecer as guias como um círculo maleável e consagrado, o praticante de umbanda aprofunda sua compreensão sobre os fundamentos mágicos de sua religião. A guia consagrada, por sua forma circular, cria um campo energético protetor ao redor de seu portador. Esse campo atua como um escudo, interceptando as energias negativas projetadas contra o indivíduo e direcionando-as para outras dimensões. A natureza circular da guia permite que ela interaja com múltiplas dimensões vibracionais, garantindo uma proteção integral. Ao ser colocada no pescoço, a guia atua como um poderoso escudo energético, atraindo para si as energias negativas provenientes de outras dimensões ou planos vibratórios. Essas energias, ao serem capturadas pelo espaço mágico criado pela guia, são neutralizadas e devolvidas à sua origem.

A consagração das guias por guias espirituais confere a elas uma vibração específica que as torna capazes de repelir energias negativas. No entanto, essa

consagração não transforma a guia em um espaço mágico autônomo. Para criar um espaço mágico completo, é necessário realizar um ritual mais elaborado em um local específico da natureza, utilizando as energias dos orixás correspondentes (Saraceni, 2019c, p.34).

Saraceni (2019c, p.34) reforça que, até o momento, os detalhes da consagração interna dos colares eram mantidos em segredo, sendo realizados de forma sutil e discreta. Os guias espirituais aproveitavam os momentos em que os médiuns ofereciam os colares aos orixás em locais de força na natureza para impregná-los com as energias divinas. Essa prática, realizada de forma imperceptível para os médiuns, permitia que os colares fossem imbuídos de propriedades energéticas poderosas.

A magia envolvida nas guias é ativada durante rituais de consagração, nos quais elas são imantadas – energizadas – pelos guias espirituais ou orixás, muitas vezes durante uma gira ou cerimônia. Nesse momento, elas passam a ser receptáculos de energias protetoras, curativas ou de prosperidade, dependendo do orixá ou da finalidade para a qual foram confeccionadas. No contexto da umbanda sagrada, Saraceni ressalta que essas guias também estão diretamente ligadas aos tronos divinos, as forças primordiais que regem o universo. Cada guia, ao ser consagrada, é conectada a uma irradiação específica desses tronos divinos, como os tronos da fé, do amor, da lei, da justiça, entre outros. Isso potencializa seu poder de atuação no plano material e espiritual.

Assim, as guias formam um campo eletromagnético poderoso, capaz de estabilizar as energias do indivíduo e de harmonizá-lo com as forças do sagrado. Elas não apenas protegem, mas também servem como instrumentos de cura e equilíbrio, refletindo as irradiações divinas que permeiam o universo umbandista. A conexão com os tronos divinos faz das guias um elo entre o praticante e as divindades maiores, intensificando o poder mágico e sagrado dessas ferramentas.

Na umbanda, há também o uso de ervas para a imantação de guias, que é uma prática magística que envolve a preparação das guias para que sejam consagrados e carregados com determinadas energias. A imantação das guias é realizada com o auxílio de ervas que possuem propriedades energéticas específicas, de acordo com o orixá, guia espiritual ou entidade a quem a guia será dedicada. As ervas são

escolhidas com base em suas vibrações espirituais, e cada orixá ou entidade tem ervas associadas a eles, que podem ajudar a fortalecer e proteger o portador da guia.

Para Saraceni, (2012b, p.27), enquanto a ciência se dedica a estudar os componentes químicos das plantas e ervas e seus efeitos sobre a saúde humana, a magia busca compreender as propriedades energéticas e espirituais dessas mesmas plantas. O conceito de princípio ativo mágico permite explorar as diversas formas pelas quais as plantas podem ser utilizadas em práticas mágicas, cada uma com suas características e aplicações específicas.

O princípio ativo mágico de uma planta, segundo Saraceni (2012b, p.27-28), refere-se à sua capacidade intrínseca de interagir com o corpo espiritual em um nível energético sutil. Muitas plantas emitem uma energia etérea, invisível a olho nu, que se integra ao prana universal, enriquecendo-o com o que é chamado de energia vegetal. Essa energia, absorvida pelos chakras, nutre o espírito, proporcionando benefícios que muitas vezes não são percebidos conscientemente.

A energia vegetal, emitida continuamente pelas plantas, se mistura ao prana e é distribuída por todo o planeta através de correntes eletromagnéticas etéricas. Essa distribuição garante que todos os seres vivos, mesmo aqueles que habitam regiões desérticas ou geladas, se beneficiem dessa energia vital. As correntes eletromagnéticas espirituais atuam como condutores, transportando a energia vegetal por toda a contraparte espiritual do planeta, nutrindo todos os seres vivos e contribuindo para o equilíbrio energético global (Saraceni, 2012b, p.28).

Além da energia vital emitida por todas as plantas, cada espécie possui um princípio ativo mágico único. Essa energia latente, embora presente em todas as plantas, só se manifesta quando ativada por práticas mágicas. Ou seja, as plantas possuem um potencial energético que pode ser direcionado para fins específicos por meio de rituais e práticas mágicas (Saraceni, 2012b, p.28).

Saraceni (2012b, p.28-29) exemplifica princípio ativo mágico único ao comparar as rosas branca e vermelha que, apesar de pertencerem à mesma espécie, possuem princípios ativos mágicos distintos. A rosa branca, associada à paz e à harmonia, apresenta propriedades calmantes, regeneradoras e purificadoras. Já a rosa vermelha, símbolo da paixão e da energia, possui atributos estimulantes, excitantes e fortalecedores. Esses exemplos demonstram como diferentes cores de uma mesma

planta podem manifestar propriedades mágicas únicas, abrindo um vasto campo de estudo e exploração para aqueles que buscam aprofundar seus conhecimentos sobre as propriedades energéticas das plantas.

Saraceni (2012b, p.29) discorre que, embora a genética permita a criação de novas variedades de rosas com cores diversas, a diversidade de cores e tonalidades existentes em dimensões paralelas é imensurável, sendo que cada uma dessas rosas possui um princípio mágico ativo único. Além disso, os princípios mágicos não se limitam às flores, mas podem ser encontrados em todas as partes da planta, desde as raízes até as sementes, ampliando ainda mais as possibilidades de utilização dessas plantas em práticas mágicas.

A conexão entre as plantas e a magia é profunda e complexa. Cada planta possui uma assinatura energética única, representada pelo seu princípio ativo mágico. Essa energia, presente em todas as partes da planta, desde as raízes até as flores, pode ser ativada por meio de práticas mágicas específicas. A seiva vegetal, por sua vez, transporta os nutrientes físicos, enquanto a energia etérea carrega a essência mágica, estabelecendo uma ligação entre o mundo físico e o mundo espiritual (Saraceni, 2012b, p.29).

Além da seiva física que nutre as plantas, existe uma seiva vegetal viva e divina, repleta de energia elemental e capaz de alimentar as plantas em um nível etérico. Essa seiva misteriosa brota do interior das plantas e flui em conjunto com a seiva física, nutrindo-as em todos os seus aspectos. A referida seiva é um recurso energético poderoso, utilizado para curar, regenerar e proteger contra influências negativas. A seiva vegetal viva e divina, quando corretamente direcionada por um mago iniciado, possui o poder de anular magias negativas e restaurar o equilíbrio energético das pessoas (Saraceni, 2012b, p.31).

Nas obras de Saraceni, o uso de plantas e ervas na umbanda sagrada é extensivamente analisado, desde suas propriedades mágicas até suas aplicações em rituais específicos.

Como já apresentado, o espaço mágico é um local delimitado e energizado, destinado à prática de rituais e magias. Ao ser criado, ele se transforma em um portal multidimensional, conectando-se com realidades paralelas e amplificando a energia dos elementos nele contidos. Dentro desse espaço, as ações mágicas são

potencializadas e os resultados podem se manifestar em diversos planos da existência. Tudo o que ocorre dentro do espaço mágico está conectado a um universo maior, ampliando o alcance e a potência das práticas mágicas. A construção de um espaço mágico é um processo intuitivo e personalizado. A estrutura e o formato do espaço devem ser escolhidos de acordo com as necessidades de quem o utilizará e com a intuição do criador. Símbolos, mandalas e formas geométricas, como triângulos, cruzes, círculos e estrelas, são frequentemente utilizados para delimitar e energizar o espaço mágico, criando um ambiente propício para a realização de práticas mágicas (Saraceni, 2012b, p.49).

Neste contexto, Saraceni (2012b, p. 49) descreve que a construção de um espaço mágico permite a utilização de uma ampla variedade de elementos vegetais, como raízes, folhas, flores, frutas, sementes, óleos, ramos, cipós e pós vegetais. Esses elementos podem ser utilizados isoladamente ou em combinações, de acordo com o objetivo do ritual. Além disso, a inclusão de vasos com plantas vivas, como flores, folhagens, pimentas, cactos e samambaias, pode enriquecer o espaço mágico, intensificando sua energia e beleza.

Saraceni (2012b, p.148), em sua obra *A magia divina das setes ervas sagradas*, reproduz pontos mágicos elaborados com plantas e ervas, conforme figura 20.

Figura 20: Exemplos de espaços mágicos vegetais na obra *A magia divina das setes ervas sagradas* de Rubens Saraceni.



Fonte: reproduzido de Saraceni, 2012b, p.148 e 153.

O uso de plantas e ervas na umbanda sagrada é profundamente analisado, associando suas propriedades mágicas e sagradas em práticas rituais. Saraceni destaca como as ervas carregam energias vibratórias específicas, alinhadas com os orixás e guias espirituais, sendo utilizadas para diversos fins, como purificação, proteção, cura e fortalecimento espiritual. Cada planta possui uma energia própria que, quando usada corretamente, canaliza forças mágicas para rituais de limpeza, descarrego e energização, tornando-se uma ferramenta poderosa de intervenção espiritual.

Saraceni explora como a magia das ervas é ativada por meio de rituais e consagrações, em que a intenção do médium ou praticante é essencial para despertar suas propriedades ocultas. Banhos de ervas, defumações e oferendas não são apenas atos simbólicos, mas atos mágicos, nos quais as plantas se transformam em veículos de conexão entre o plano físico e o espiritual, potencializando o axé dos orixás e equilibrando as energias ao redor. Assim, o uso de ervas na umbanda vai além de seu aspecto terapêutico; é uma manifestação viva do sagrado e da magia, capaz de atrair energias protetoras, harmonizar o ambiente e promover a evolução espiritual dos praticantes.

Dessa forma, Saraceni demonstra que as plantas e ervas, imantadas pela magia e o sagrado, não são apenas elementos da natureza, mas canais poderosos que, quando ativados pela sabedoria espiritual, agem como instrumentos de transformação, proteção e conexão profunda com o divino.

O uso de plantas e ervas na umbanda sagrada está profundamente enraizado nas tradições indígenas, que sempre tiveram uma forte conexão com a natureza e acreditavam no poder espiritual das plantas. A sabedoria ancestral dos povos indígenas influenciou diretamente as práticas umbandistas, trazendo o conhecimento das propriedades curativas, mágicas e espirituais das ervas. Na cultura indígena, as plantas são vistas como seres sagrados, carregando o espírito da natureza, conceito resgatado por Saraceni na umbanda sagrada, sendo que a umbanda, ao incorporar essas tradições, reconhece as ervas como instrumentos de conexão com o divino e de harmonização das energias.

Na umbanda sagrada, as plantas e ervas são usadas em rituais de limpeza, cura e proteção, muito semelhante ao que os povos indígenas praticavam, utilizando-

as em defumações, banhos e benzimentos. Assim como os pajés, que atuavam como mediadores entre o mundo espiritual e o físico por meio das plantas, os médiuns e sacerdotes da umbanda fazem uso das ervas para potencializar o axé e canalizar as energias dos orixás e entidades espirituais.

Saraceni reconhece essa influência indígena na umbanda, destacando que a magia das plantas é uma manifestação viva do sagrado, ativada por meio de rituais, orações e intenções. Ao valorizar o uso tradicional das ervas, a umbanda preserva e honra o legado indígena, incorporando essa sabedoria ancestral em seus rituais, não apenas como um ato mágico, mas como uma forma de respeito à natureza e às suas energias sagradas. Essa intersecção entre a magia das ervas e o sagrado é uma ponte direta entre as práticas indígenas e a espiritualidade umbandista.

O uso de plantas e ervas na umbanda sagrada também tem uma forte ligação com as tradições africanas que, assim como as indígenas, valorizam profundamente a relação com a natureza e o poder espiritual das ervas. Na cultura africana, principalmente nas religiões de matriz africana como o candomblé, as plantas são consideradas sagradas e essenciais nos rituais religiosos. Cada orixá possui suas ervas específicas, que carregam o axé, a energia vital, necessário para equilibrar e harmonizar as energias dos indivíduos e dos espaços.

Na umbanda sagrada, essa herança africana se manifesta, como apresentado, no uso das plantas como ferramentas de magia, limpeza e cura espiritual. Rubens Saraceni destaca que as ervas, quando corretamente consagradas e utilizadas em rituais, possuem a capacidade de canalizar as forças dos orixás, sendo uma ponte entre o plano físico e o espiritual. Esse conhecimento sobre as ervas foi trazido pelos africanos escravizados para o Brasil, que continuaram a cultivar seus orixás e a utilizar as plantas como instrumentos de poder, tanto para proteção quanto para manipulação de energias.

As folhas e ervas são fundamentais nos rituais de purificação, banhos de descarrego e defumações e cada uma delas está associada a um orixá, como Ossaim, divindade africana que rege o conhecimento sobre as plantas. O uso dessas ervas não se limita ao aspecto físico, mas está intrinsecamente ligado à magia, ativada pela força espiritual que as plantas carregam. Ao seguir essa tradição, a umbanda integra o sagrado africano com sua própria espiritualidade, em que a magia das ervas se torna

uma manifestação viva do axé dos orixás e uma ferramenta poderosa para transformação, proteção e cura.

Assim como as guias e as ervas, as pedras possuem um grande potencial mágico, mas segundo Saraceni (2014, p.162), seu uso eficaz exige um profundo conhecimento sobre suas propriedades e a forma correta de manipulá-las. Um médium-magista que compreende o poder oculto de seu guia espiritual e de seu orixá está apto a utilizar as pedras como ferramentas poderosas para descarregar energias negativas e neutralizar magias. Sem esse conhecimento, a manipulação das pedras torna-se ineficaz.

A codificação astrológica das pedras dos orixás é um ponto de partida importante, mas não deve limitar a pesquisa e a experimentação, segundo Saraceni. Os médiuns e sacerdotes-magistas da umbanda são convidados a explorar outras possibilidades, buscando pedras que se harmonizam com suas energias pessoais e com as dos orixás que cultuam. Essa abordagem mais ampla permite a criação de trabalhos mágicos mais personalizados e eficazes (Saraceni, 2014, p.162).

As pedras podem ser utilizadas como ferramentas poderosas para a fundamentação mágica dos templos de umbanda. Ao escolher as pedras adequadas, os praticantes podem criar ambientes sagrados com energias específicas, fortalecendo a conexão com os orixás e promovendo a evolução espiritual de todos os envolvidos. A pedra fundamental é muito mais do que um simples objeto. Ela é um símbolo de poder e espiritualidade, carregada de energias sagradas. Ao consagrar uma pedra fundamental, o sacerdote estabelece uma conexão profunda entre o templo e a divindade que ali será cultuada. Essa conexão energiza o espaço e cria um ambiente propício para o desenvolvimento espiritual dos praticantes (Saraceni, 2014, p.162-163).

A umbanda, assim como outras religiões, utiliza elementos sagrados para fortalecer a conexão com o divino. Um desses elementos é a pedra fundamental, que serve como base para os assentamentos mágicos, tanto individuais quanto coletivos. Para Saraceni (2014, p.163), a pedra fundamental é a “pedra da divindade que rege a vida do templo e é a base de sustentação dos trabalhos mágicos realizados pelos médiuns”. O assentamento individual, relacionado ao orixá regente do médium, oferece proteção e sustentação espiritual. Já o assentamento coletivo, dedicado a

todos os orixás, energiza o espaço sagrado e fortalece a comunidade religiosa (Saraceni, 2014, p.163).

Como já mencionado, o assentamento é um processo que consiste em fixar elementos capazes de concentrar e atrair energias específicas. Esses elementos são energizados e colocados em um local determinado, formando um ponto de força e proteção energética, funcionando como um para-raios espiritual (Saraceni, 2014, p.163).

O assentamento consiste na fixação ritualística de uma pedra fundamental e outros elementos energizados pelo orixá em um local sagrado. Essa prática cria um ponto de força e proteção, capaz de absorver e neutralizar energias negativas, garantindo a harmonia do espaço sagrado. Cada orixá possui uma pedra específica, que é energizada e consagrada em um local de força da natureza, tornando-se um canal de irradiação de suas energias (Saraceni, 2014, p.163).

Segundo Saraceni (2014, p.166), o tamanho da pedra não influencia a sua eficácia em um assentamento, pois o poder reside na energia do orixá que a imantou. Pedras mais acessíveis podem substituir as pedras preciosas, desde que sejam adequadas ao orixá em questão. A posição do assentamento e a escolha do momento ideal para a consagração são fundamentais para garantir a sua potência e proteção. Para a consagração das pedras e minerais, são consideradas também as fases da lua, os dias da semana, os pontos de força da natureza e, em alguns casos, a hora do dia.

Saraceni (2014, p.166-167) descreve um ritual de consagração de forma genérica, no qual o médium deve se preparar para a consagração das pedras e minerais, realizando um preceito – jejum – de três dias. Após esse período, as pedras devem ser lavadas com água corrente, envoltas em tecidos brancos e os minerais em tecidos vermelhos, preferencialmente de seda. Em seguida, em um local de força natural, o médium deverá formar um círculo com velas de sete cores, iniciando pela vela branca no norte magnético. Dentro desse círculo, o médium invocará o orixá correspondente à pedra que está sendo consagrada e, em seguida, todos os outros treze orixás, recitando uma oração específica:

"Em nome de Olorum, meu Divino Criador, consagro esta pedra (..) ao Orixá (...) na presença de todos os regentes das sete linhas de forças do Ritual do Umbanda Sagrada. Que o Orixá (..), senhor do axé dessa pedra fundamental, imante-a com seu axé divino e a potencialize com suas irradiações energéticas, tornando-a magneticamente ativa, e consagre-a para que eu possa afixá-la no assentamento coletivo de meu templo de Umbanda Sagrada."

Após fazer esta oração, deve derramar pó de pemba branca em volta do círculo de velas; depois, deve ajoelhar-se de frente para o círculo, posicionado para o norte, pondo-se a cantar pontos do Orixá senhor da pedra que está consagrando. Após cantar três pontos três vezes, deve pegar a pedra e apresentá-la ao alto, ao embaixo, à direita, à esquerda e ao redor, dizendo o seguinte: "Eu apresento esta pedra fundamental do senhor Orixá (...) ao alto, ao embaixo, à direita, à esquerda e ao redor para que a reconheçam como uma das pedras mágicas fundamentais do meu templo de Umbanda".

Depois deve, ainda ajoelhado, e com as mãos em concha, elevá-las a uma altura acima da cabeça, mas com elas dentro do círculo de velas, e dizer: "Meu senhor Orixá (...), imante esta pedra em minhas mãos com seu axé divino, assim como a mim, para que o senhor, esta sua pedra fundamental e eu venhamos a formar uma só linha de forças mágicas irradiantes e para que seja criado um magnetismo afim entre o senhor, o divino; entre a pedra, a matéria; e entre mim, o espírito!"

Com toda certeza, o médium será inundado com uma poderosíssima irradiação e deverá manter-se imóvel até que o fluxo irradiado pelo Orixá senhor da pedra tenha cessado. Depois, deve depositá-la em cima do tecido, enrolá-la e cantar novamente três pontos do Orixá que está consagrando a pedra. Em seguida, fará esta prece de agradecimento:

"Meu Divino Criador Olorum, bênçãos do Alto se derramem sobre minha coroa, pois agora estou ligado e em harmonia vibratória com o senhor Orixá (..). senhor dessa pedra fundamental do meu templo de Umbanda Sagrada, que será consagrado na fé em Olorum, ao amor aos divinos senhores Orixás e às manifestações dos espíritos mensageiros que vierem em Seu nome para prestar auxílio espiritual e nos transmitir palavras de fé e amor, de consolo, de conforto e de esclarecimento! Em Seu divino nome, meu Criador Olorum, agradeço ao senhor Orixá (..) por ter consagrado esta pedra fundamental, agradeço ao alto, ao embaixo, à direita e à esquerda, assim como ao redor, que me assistiu durante esta consagração. Bênçãos, meu Divino Criador!"

Depois deve tocar o solo com a testa e mentalmente agradecer ao Orixá consagrador e a todos os outros treze Orixás, que com ele formam os pares regentes das Sete Linhas de Umbanda Sagrada. (Saraceni, 2014, p.167).

Segundo Saraceni (2014, p.170), após a consagração, recomenda-se iluminar os assentamentos com velas brancas durante os trabalhos e proteger os minerais em um local coberto. Essa prática garante a manutenção da energia e protege os elementos do assentamento. Ao seguir corretamente o ritual de consagração, os médiuns estabelecem uma poderosa conexão energética com as forças espirituais, criando um campo de proteção que impede a interferência de energias negativas nos trabalhos espirituais. Saraceni ressalta que, na necessidade de se alterar o local ou endereço físico de um templo, os assentamentos devem ser realocados no novo local

de acordo com as linhas norte-sul e leste-oeste, utilizando sempre uma bússola para garantir a correta orientação.

Dessa forma, as pedras, quando consagradas adequadamente, tornam-se canais de poder e proteção, imantadas pelas energias dos orixás, criando ambientes sagrados e estabilizando as energias espirituais no templo umbandista. Esse processo envolve rituais complexos, nos quais o médium-magista ativa as forças ocultas dos tronos divinos, estabelecendo uma conexão direta entre o mundo material e o espiritual. A consagração das pedras, segundo Saraceni, é um ato mágico que garante a proteção espiritual do templo e de seus praticantes, atuando como um ponto de força capaz de neutralizar influências negativas.

Saraceni, em suas obras sobre a umbanda sagrada, destaca exaustivamente a profunda intersecção entre a magia e o sagrado, especialmente por meio do uso ritualístico de escritas mágicas, pontos riscados, guias e pedras, entre outros inúmeros elementos. Ao tratar esses elementos como ferramentas que potencializam o axé e a vibração do espaço sagrado, Saraceni explora como a magia não é apenas uma ferramenta de intervenção, mas uma manifestação viva do sagrado, promovendo harmonia e evolução espiritual contínua.

Saraceni, em suas obras sobre a umbanda sagrada, destaca exaustivamente a profunda intersecção entre a magia e o sagrado, especialmente por meio do uso ritualístico de diversos elementos como escritas mágicas, pontos riscados, guias, pedras, ervas, velas e símbolos sagrados. Cada um desses elementos, ao ser consagrado e manipulado adequadamente, torna-se um canal de irradiação das energias dos orixás e guias espirituais, agindo como potentes ferramentas para equilibrar, limpar e energizar tanto o médium quanto o espaço em que são utilizados. Ao tratar esses elementos como ferramentas que potencializam o axé e a vibração do espaço sagrado, Saraceni explora como a magia não é apenas uma ferramenta de intervenção, mas uma manifestação viva do sagrado, promovendo harmonia e evolução espiritual contínua.

Ela conecta o praticante às forças divinas, criando um fluxo contínuo de energias que promove a harmonia, a proteção espiritual e a evolução tanto individual quanto coletiva. Assim, a magia em Saraceni não se limita à resolução de problemas mundanos, mas é uma prática profunda que visa à transformação espiritual, à

integração com o divino e à manutenção de um equilíbrio vibratório em todos os níveis da existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução das religiões destaca a transição de uma espiritualidade mais simples e íntima, profundamente conectada à natureza e suas forças, para formas mais complexas de organização religiosa, com a predominância de dogmas e hierarquias estruturadas. Para Saraceni, a umbanda resgata a busca por uma espiritualidade direta e inclusiva, promovendo uma conexão com a divindade presente em todas as manifestações da vida, especialmente por meio dos orixás e dos espíritos que atuam nos terreiros de umbanda, como são denominados os templos na religião de umbanda.

As religiões começaram com uma percepção de divindade em elementos naturais, evoluindo para sistemas religiosos mais organizados que muitas vezes afastam os fiéis da experiência direta do sagrado. A umbanda é apresentada como uma resposta a essa complexidade, buscando uma espiritualidade acessível e conectada à natureza. Seus rituais, especialmente as oferendas, são vistos como momentos de conexão profunda entre o devoto e a divindade. A simplicidade e a sinceridade nas oferendas são mais valiosas do que a quantidade de elementos físicos e os terreiros são considerados espaços sagrados que permitem essa interação espiritual.

A umbanda sagrada de Saraceni explora a profunda conexão entre a magia e o sagrado, destacando a centralidade das divindades associadas à natureza terrestre. Saraceni defende que os orixás são manifestações das forças criadoras e mantenedoras da natureza, sendo que o culto a eles, especialmente em locais de força como cachoeiras e praias, é uma forma de harmonizar as energias humanas com as forças universais. Os elementos naturais, como pedras e água, atuam como portais energéticos, canalizando o poder dos orixás e promovendo cura, equilíbrio e proteção espiritual.

Ao vincular a natureza ao sagrado, Saraceni revela como a umbanda combina rituais mágicos e religiosos não apenas para transformar a realidade física, mas também promover a evolução espiritual. A magia, nesse contexto, não é separada do sagrado; pelo contrário, os rituais de oferendas e consagrações são uma forma de interação direta com as potências divinas. As práticas, como banhos de ervas, de

cachoeira e de mar evidenciam essa interseção nas obras de Saraceni, pois, segundo ele, operam no campo energético, utilizando o magnetismo da natureza para purificar e revitalizar o corpo e o espírito.

A umbanda, ao reverenciar os orixás em ambientes naturais, promove uma experiência espiritual que transcende o individual, conectando os praticantes à força divina presente na natureza. Esse culto manifesta uma intersecção contínua entre o uso ritualístico da magia e a devoção religiosa, que tem por objetivo fornecer ao praticante não apenas proteção e cura, mas também uma profunda integração com o cosmos e as energias criadoras do universo.

Saraceni distingue entre os papéis de mago, o agente magístico, e do sacerdote, destacando que, na umbanda, esses papéis podem se fundir. O sacerdote não só lidera os rituais, mas também exerce funções mágicas, manipulando energias e forças espirituais. O mago, por sua vez, tem um domínio mais direto sobre as forças naturais, utilizando esse conhecimento para objetivos específicos. Saraceni argumenta que a magia é uma força universal que transcende as barreiras religiosas e culturais, bem como que a prática mágica está intrinsecamente ligada a princípios cósmicos e à lei maior da justiça divina. Isso implica que a magia e a espiritualidade podem ser acessadas por todos, independentemente de suas crenças ou origens.

Nesse contexto, para Saraceni, o médium, que é o agente capaz de se comunicar com espíritos ou entidades de outras dimensões, desempenha um papel fundamental na prática espiritual e mágica da umbanda. Ele atua como um canal entre o plano espiritual e o material, facilitando a manifestação das energias e entidades durante os rituais. A magia, nesse cenário, se entrelaça com a mediunidade, pois o médium não apenas transmite as mensagens dos espíritos, mas também participa ativamente da manipulação de energias espirituais, utilizando conhecimentos e práticas mágicas para promover cura, proteção e transformação. Assim, a magia é uma força dinâmica que permeia todo o processo, integrando-se à atuação do médium e às práticas religiosas da umbanda.

Como Saraceni aponta a complexidade e profundidade das práticas mágicas na umbanda, nas quais a compreensão das ondas vibratórias, dos símbolos e da estrutura dos espaços sagrados é essencial para a efetividade das práticas mágicas e espirituais. A magia é apresentada como uma interação consciente com as forças

espirituais e naturais, visando sempre o bem-estar e a evolução espiritual. Saraceni revela a riqueza e a complexidade da prática dos pontos riscados na umbanda, enfatizando a importância da fé, do conhecimento ocultista e da experiência pessoal na realização de trabalhos espirituais.

Como demonstrado, a umbanda, em suas origens, possui forte influência tanto de tradições africanas quanto indígenas, especialmente do candomblé e de cultos ancestrais ameríndios. A magia, nesse contexto, se apresenta como uma prática espiritual que envolve o uso de forças da natureza, entidades espirituais e rituais sagrados com o objetivo de harmonizar o indivíduo com o cosmos e as energias ao seu redor. A magia africana, por sua vez, traz o culto aos orixás, que são divindades ligadas a forças naturais e aspectos da vida humana. A umbanda herdou as práticas de oferendas, cânticos e a manipulação de elementos naturais para fins espirituais, como proteção, limpeza e cura.

Nas práticas indígenas, a relação com a natureza é central. Os espíritos da terra, das florestas, dos animais e dos elementos naturais, como a água, o ar, o fogo e a terra, são reverenciados e chamados em rituais de cura e proteção. A umbanda resgata, na imagem dos caboclos, os antigos pajés, os xamãs indígenas, que são figuras de grande sabedoria, considerados mestres da medicina da floresta e do manejo de energias naturais.

A magia indígena e africana, em sua essência, trata de um conhecimento profundo das forças naturais e espirituais. Na umbanda sagrada, essas influências são reinterpretadas e estruturadas de forma mais ritualística e doutrinária. O trabalho com energias naturais, espíritos ancestrais e orixás é central tanto nas práticas umbandistas tradicionais quanto na umbanda sagrada, mas Saraceni buscou dar uma explicação mais científica e espiritualizada, sistematizando essas operações mágicas, incluindo o conceito de lei maior e justiça divina. A magia na umbanda sagrada de Saraceni é um elo entre as tradições ancestrais indígenas e africanas e uma doutrina espiritual mais moderna e estruturada, que visa o desenvolvimento espiritual e a atuação consciente nos planos sutis da existência.

A encruzilhada da magia e do sagrado na umbanda sagrada de Saraceni representa um ponto de convergência entre essas práticas ancestrais e a sistematização de uma doutrina espiritual mais moderna e estruturada. Saraceni foi

fundamental nesse processo de organização e codificação dos ensinamentos da umbanda, transformando uma prática que, por muito tempo, foi transmitida oralmente e de maneira não formal em um sistema com uma lógica espiritual e magística mais definida.

O conceito de sagrado em Saraceni está profundamente ligado à cosmovisão espiritualista na qual tudo no universo é permeado por energias divinas. Na umbanda sagrada, a sacralidade se expressa através da interação com os orixás, com os guias espirituais – como pretos velhos, caboclos e exus – e com a própria natureza. Cada ação ritual, cada oferenda e cada oração se conecta a uma ordem espiritual superior, refletindo o respeito e a reverência ao divino. Esse sagrado não está distante ou inacessível, mas é algo que pode ser vivenciado e manipulado pela magia. A encruzilhada, nesse sentido, é o encontro do humano com o divino por meio da prática espiritual consciente e organizada, realizada ritualisticamente com a magia.

A encruzilhada entre magia e sagrado reflete o encontro entre o poder de transformação das práticas mágicas e o profundo respeito pelas forças divinas e espirituais. Saraceni mostrou que a magia não é uma prática isolada ou meramente instrumental, mas uma expressão do sagrado, um caminho para que o ser humano possa interagir diretamente com as energias divinas e colaborar com a obra maior da criação.

Dessa forma, a umbanda sagrada oferece uma perspectiva em que a magia é uma ferramenta de elevação espiritual, sempre subordinada à vontade divina, enquanto o sagrado é o campo onde essa transformação acontece. Na sistematização de Saraceni, essa dualidade se equilibra, trazendo à luz um modelo mais compreensível e aplicável da umbanda para os tempos atuais.

A encruzilhada da magia e do sagrado na umbanda sagrada de Saraceni, junto com sua sistematização da religião, oferece uma estrutura que promove a autonomia espiritual e religiosa dos umbandistas de diversas maneiras. Essa autonomia se dá tanto no nível individual, considerando o desenvolvimento pessoal e conexão direta com o espiritual e o sagrado, quanto no coletivo, considerando a organização de templos e práticas doutrinárias.

Na umbanda sagrada, a magia é vista como uma ciência consciente que pode ser aprendida, praticada e aplicada pelos médiuns e praticantes da religião. Ao

sistematizar a magia como um processo que obedece a leis divinas e espirituais, Saraceni possibilita que os umbandistas tenham um papel ativo em sua própria jornada espiritual, em vez de depender exclusivamente de líderes ou autoridades religiosas.

O sagrado, na umbanda sagrada, é acessível diretamente a cada praticante, sem a necessidade de intermediários absolutos. O umbandista é encorajado a ter uma relação direta com os orixás, guias espirituais e com as forças da natureza, que são pontos de força do divino. Isso proporciona uma autonomia religiosa ao permitir que cada indivíduo viva sua espiritualidade de forma pessoal e direta.

A sistematização da umbanda por Saraceni também proporciona autonomia para os templos e praticantes ao oferecer uma estrutura organizada e conhecimento acessível para quem deseja seguir a religião de forma profunda e consciente. Essa sistematização permite que os umbandistas possam compreender as práticas, rituais e doutrina ancestrais de forma clara, possibilitando a criação de novos templos e a expansão da religião de forma mais consciente.

A encruzilhada é, de forma literal, o ponto de interseção entre dois ou mais caminhos ou estradas. No entanto, na umbanda e em diversas tradições espirituais e esotéricas, a encruzilhada tem um significado simbólico muito mais profundo, é considerada um lugar de poder e um espaço de transição, onde o mundo físico e o mundo espiritual se encontram. É um ponto de conexão entre diferentes planos de existência, sendo o local onde entidades espirituais reconhecidas pela umbanda sagrada, especialmente exus e pombagiras, são cultuados e podem ser invocados.

A encruzilhada também simboliza um momento de escolha na vida de uma pessoa, um ponto em que se deve decidir qual caminho seguir. No plano espiritual, ela representa a intersecção de diferentes destinos e a oportunidade de transformação. Muitos rituais e oferendas são realizados em encruzilhadas porque elas são vistas como pontos de força, em que as energias podem ser manipuladas com mais eficácia. Oferendas a exu e pombagiras, por exemplo, são frequentemente deixadas nesses locais como forma de pedir proteção, abertura de caminhos e auxílio em questões diversas.

A escolha do termo encruzilhada para este trabalho tem um significado que pode ser entendido como um poderoso símbolo de escolha, intersecção e

potencialidade. Ela representa o ponto em que diferentes caminhos, visões de mundo ou possibilidades de ação se encontram, criando um espaço de interação entre o conhecido e o desconhecido, o antigo e o novo. Esse conceito transcende a simples junção de estradas e adquire um significado profundo quando refletido em termos existenciais, sagrados e espirituais.

A encruzilhada oferece a oportunidade de intercâmbio entre diferentes perspectivas e ideias. Filosoficamente, pode ser vista como o lugar onde a pluralidade é reconhecida e onde é possível a construção de algo novo a partir do diálogo entre mundos diversos. É o ponto em que diferentes visões se encontram, se confrontam e, eventualmente, se transformam.

A encruzilhada da magia e do sagrado na umbanda sagrada de Saraceni, assim como a sua sistematização doutrinária, oferecem aos umbandistas um caminho para a autonomia espiritual e religiosa ao colocar o poder e a responsabilidade nas mãos de cada praticante. A magia é ensinada como uma ciência que pode ser aprendida e aplicada, enquanto o sagrado é acessível diretamente através das práticas mediúnicas e rituais. Ao organizar a umbanda de forma clara e compreensível, Saraceni possibilita que os praticantes se tornem autônomos em sua jornada espiritual, sem perder o respeito e a conexão com as tradições ancestrais, a hierarquia espiritual do universo e vivência religiosa coletiva dos terreiros de umbanda.

A encruzilhada, nesse contexto, pode ser vista como um espaço liminar, uma zona de transição onde algo ainda não está completamente definido e onde a transformação é possível. No campo filosófico, essa liminaridade também pode ser vista como o local de abertura para novas possibilidades e para a reinvenção do ser (Noleto e Alves, 2015, n.p). A encruzilhada pode ser vista como um local de oportunidades. A pluralidade de caminhos oferece diferentes potencialidades e cada direção traz consigo novas experiências, desafios e formas de aprendizado.

Assim como a umbanda surgiu em uma encruzilhada histórica de culturas e religiões, ela continua em uma encruzilhada contemporânea, na qual precisa equilibrar tradição e inovação. As oportunidades que surgem dessa posição incluem o fortalecimento da identidade da religião, sua expansão e sistematização, bem como a chance de se conectar com questões globais. Ao mesmo tempo, os desafios incluem

preservar suas origens e raízes enquanto evolui e resiste às pressões externas, como o preconceito religioso e as mudanças culturais.

A umbanda, como um movimento social e espiritual dinâmico, encontra-se em constante transformação. Suas raízes ancestrais, forjadas em um contexto histórico de sincretismo e resistência, alimentam um legado de fé, esperança e respeito à diversidade. A ausência de um livro sagrado permite uma rica diversidade de interpretações e práticas, moldadas pela participação ativa de seus adeptos, a sabedoria de seus líderes e a força das comunidades.

Como toda encruzilhada, a evolução da religião de umbanda será moldada pelas interações culturais, sociais e espirituais que ela sofrer. A umbanda, em sua essência plural e dinâmica, absorve e transforma influências externas, enriquecendo sua rica tapeçaria de crenças e práticas.

A umbanda sagrada de Rubens Saraceni, ao sistematizar tradições e práticas religiosas, contribuiu significativamente para a consolidação da religião. No entanto, a adoção universal de um único modelo não reflete a diversidade intrínseca da umbanda. O futuro da religião, sob sua ótica histórica, reside na capacidade de seus praticantes de preservar suas raízes, ao mesmo tempo em que se adaptam aos desafios e oportunidades do mundo contemporâneo, garantindo, assim, a perenidade de seus ensinamentos e a continuidade de sua jornada espiritual.

Um dos objetivos desta pesquisa foi de demonstrar em que medida a noção de magia é o eixo estruturante da umbanda sagrada proposta por Rubens Saraceni. Como conclusão, a magia, na umbanda sagrada de Saraceni, é apresentada como uma prática que se entrelaça profundamente com o sagrado. Saraceni enfatiza que a magia não é uma prática isolada, mas sim uma expressão do sagrado, permitindo aos praticantes interagir diretamente com as energias divinas. Ele destaca que os rituais, como oferendas e consagrações, são formas de conectar-se com as potências divinas, utilizando elementos naturais que atuam como portais energéticos. Essa integração entre magia e espiritualidade é fundamental, pois os rituais mágicos não apenas transformam a realidade física, mas também promovem a evolução espiritual dos indivíduos. Além disso, Saraceni diferencia os papéis do sacerdote e do mago, mostrando que, na umbanda, essas funções podem se fundir. O sacerdote lidera os rituais e manipula as energias espirituais, enquanto o mago tem domínio sobre as

forças naturais. Essa dinâmica reflete uma visão holística, em que a magia é uma ferramenta acessível a todos, integrando a mediunidade e as práticas religiosas de maneira a facilitar a comunicação com o plano espiritual.

De forma conclusiva, nas obras de Saraceni, a magia é um elemento estruturante da umbanda sagrada na medida em que oferece uma abordagem prática e acessível à espiritualidade. Por meio da magia, os praticantes conseguem harmonizar suas energias pessoais com as forças universais, promovendo cura, proteção e transformação. Saraceni propõe que a prática mágica é uma ciência que pode ser aprendida e aplicada por qualquer um, o que confere autonomia aos praticantes em sua jornada espiritual. Além disso, a magia está intrinsecamente ligada às tradições ancestrais da religião, sendo um elo entre as influências africanas e indígenas. A utilização de elementos naturais, rituais e a reverência aos orixás reforçam a ideia de que a magia é uma prática central na experiência umbandista. As interações mágicas nos rituais são vistas como essenciais para a conexão com o divino, oferecendo um caminho de transformação que respeita e preserva as raízes espirituais da religião.

Como objetivos da pesquisa, também buscou apresentar os elementos da magia, sua presença e importância na fundamentação do seu sistema de umbanda sagrada, identificando e apresentando os elementos que permitam reconhecer a magia como um dos eixos estruturantes da umbanda sagrada.

Como conclusão, na umbanda sagrada, conforme sistematizada por Saraceni, diversos elementos mágicos são fundamentais para a prática e os rituais. Entre os principais estão os elementos naturais, como a água, utilizada em banhos e oferendas para purificação e renovação; e o fogo, simbolizando transformação e energia, frequentemente presente em velas e defumações. As ervas e plantas também desempenham um papel crucial, sendo empregadas em banhos, defumações e oferendas. Essas ervas são consideradas portadoras de energias específicas que promovem cura, proteção e equilíbrio.

Além disso, símbolos sagrados, como os pontos riscados, estruturas gráficas, que representam entidades e energias sagradas, servindo como canais de comunicação. Há também amuletos ou talismãs, na umbanda chamados de patuás,

que carregam significados e intenções mágicas, sendo utilizados para proteção e atração de energias positivas.

Os rituais e oferendas são essenciais na umbanda sagrada, nos quais frutas, flores e outros objetos são oferecidos a orixás e guias espirituais, estabelecendo uma conexão espiritual, ação mágica e expressão de gratidão. As entidades espirituais, como os orixás, estão associadas a diferentes forças da natureza e aspectos da vida humana, sendo invocadas para proteção e orientação.

Por fim, símbolos e cores associados a cada orixá são utilizados em rituais e oferendas, representando suas energias e características. Todos esses elementos mágicos são interligados e utilizados para harmonizar as energias dos praticantes umbandistas com as forças universais, promovendo cura, proteção e evolução espiritual dentro da umbanda sagrada.

Dessa forma, a magia é um elemento estruturante e fundamental na umbanda sagrada de Saraceni, sendo elemento central para a prática espiritual, a conexão com o divino e a autonomia dos praticantes. A sistematização que Saraceni propõe permite uma compreensão mais profunda e prática da magia, reforçando seu papel estruturante e vital dentro do contexto desta vertente da umbanda.

## REFERÊNCIAS

- ABALOGU, Divine M.; OKOLO, Ekenedilichukwu A. An Assessment of the Early Theories of Religion by Edward B. Tylor, James G. Frazer, Sigmund Freud and Their Nexus with Cognitive Theorizing. **International Journal of Religion & Human Relations**, v. 12, n. 1, p.48-66. 2020. Disponível: <https://www.ajol.info/index.php/jrhr/article/view/197451>. Acesso em: 02 out. 2023.
- BERKENBROCK, Volney. **A experiência dos orixás: Um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. 472p.
- BROWN, Diana. Uma história da Umbanda no Rio. Tradução de Sérgio Lamarão. In: Umbanda e política. **Cadernos do ISER**. Rio de Janeiro: Marco Zero-ISER, n.18, p.9-42, 1985.
- CALDAS, Glícia. A magia do feitiço: apropriações africanas no Brasil Colônia. **Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, v.1, n.1, p.127-144. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-7686.v1i1p127-144> . Acesso em: 02 set. 2024.
- CAPELLI, Carolina. **Entre a lousa e o altar: a inserção da Magia Divina de Rubens Saraceni nos terreiros de umbanda no estado de São Paulo**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social Orientador: Geraldo Luciano Andrello. 2017. 147p. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8817/DissCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 ago. 2024.
- CARNEIRO, Abimael Gonçalves. Intolerância religiosa contra as religiões afrobrasileiras: uma violência histórica. In: **IX Jornada Internacional de Política Pública**, São Luís, p. 1-12. 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/171578143-Intolerancia-religiosa-contra-as-religoes-afro-brasileiras-uma-violencia-historica.html>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- CASTRO, Dannyel Teles de. A festa das almas: o culto aos ancestrais no neopaganismo. **Último Andar**, n. 28, p. 125–140. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/29744>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- COLÉGIO DE MAGIA. **Magia Divina** in: Colégio de Magia. 2024. Disponível em: <https://www.colegiodemagia.com.br/maqiadivina>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Orientadora: Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira. 2013. 175p. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/758>. Acesso em: 27 ago. 2024.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 4ª ed. 2011. 647p.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 536p.

FEB – FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **História do Espiritismo**. 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2019/06/12/historia-do-espiritismo/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. Origens do espiritismo no Brasil: diálogo, razão e resistência no início de uma experiência (1850-1914). **Sociedade e Estado**, v. 23, n. 3, pp. 799-800. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922008000300021>. Acesso em: 25 nov. 2021.

FERREIRA, Maria Eduarda Alves; ELIAS, Guilherme Alves; ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. Plantas medicinais utilizadas em rituais de umbanda: estudo de caso no sul do Brasil. **Ethnoscintia**, v. 6, n. 3. p. 1-14. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v6i3.10505>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FOROSTECKI, Lediany.; SANTIN FILHO, Ourides. Os químicos ocultos e sua extraordinária jornada ao mundo dos átomos. **Química Nova**, v. 37, n. 1, p. 186–193. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/vvvM4hMJG58LmtQhdvDMqv/?lang=pt#>. Acesso: 28 set. 2023.

FRANCO, Gilciana Paulo. As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 18, n. 1. p. 30-46. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/download/34154/145008-2-11-20210908/146177>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GUERRIERO, Silas. **A magia existe?**. Paulus, 2003. 92p.

GUERRIERO, Silas. Magia. In: USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (Orgs.). **Dicionário de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, Loyola, Paulus, 2022, pp. 626-635.

KLOPPENBURG, Carlos José Boaventura. **Ação pastoral perante o espiritismo**. Petrópolis: Vozes, 1964. 295p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciencia y Religión**. Título original: Magic, Science and Religion, and Other Essays. 1948. Traducción: Antonio Pérez Ramos. PLANETA-AGOSTINI. 107p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Tradução: Maria Georgina Segurado. 1ª ed. Edições 70: Coimbra. 2023. 278p.

MARTINS, Ivan Barbosa. A magia nas reduções jesuíticas no Brasil colonial. **Último Andar**, n.14, p.09-21. 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/12893/9379>. Acesso em 02 set. 2024.

- MAURÍCIO, George. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon.** Rio de Janeiro: Pallas, 2014. 368p.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. In: Marcel Mauss. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, pp. 47-181. 2003.
- MIDDLETON, John, ed. **Magic, Witchcraft, and Curing.** Austin: U of Texas P, 1967. 346p.
- NEUBERN, Maurício da Silva. Sobre a condenação do magnetismo animal: revisitando a história da psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 347–356, jul. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/YrCpx6cSSrPn4WBDXcNCKGq/?lang=pt#>. Acesso em: 01 out. 2023.
- NOLETO, Rafael da Silva; ALVES, Yara de Cássia. Liminaridade e communitas - Victor Turne. In: **Enciclopédia de Antropologia.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victor-turner>. Acesso em: 01 out. 2024.
- OLIVEIRA, Anderson Amaral de. **Fernando Pessoa e as Ciências Ocultas.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Maria - UFSM/RS. 2011. 102p. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9867/DIS\\_PPGLETRAS\\_2011\\_Oliveira\\_ANDERSON.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9867/DIS_PPGLETRAS_2011_Oliveira_ANDERSON.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 02 out. 2023.
- ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo.** São Paulo: Paulus, 1996. 178p.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** São Paulo: Braziliense, 1999. 229p.
- PEREIRA, José Carlos. A Magia nas intermitências da Religião Delineamentos sobre a magia em Marcel Mauss. **Revista Nures**, n. 5, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/7337/5333>. Acesso em: 02 out. 2023.
- PINTO, Mãe Flávia. **Umbanda Preta: raízes africanas e indígenas.** Rio de Janeiro: Fundamentos do Axé. 2022. 160p.
- PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando, SOUZA, André Ricardo de. Candomblé de Caboclo em São Paulo in: Prandi, Reginaldo (org.). **Encantaria Brasileira - O livro dos mestres, caboclos e encantados.** Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2001. 388p.
- PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo.** São Paulo: Edusp; Hucitec, 1991. 259p.
- RIBEIRO, Fernanda Lemos. **Umbanda e teologia da felicidade.** São Paulo: Arché, 2013. 143p.

RIVAS, Maria Elise. **O mito de origem: uma revisão do ethos umbandista no discurso histórico.** Arché Editora: São Paulo, 2013. 147p.

SARACENI, Rubens. **Introdução à escrita mágica divina: a magia simbólica dos tronos de Deus.** Pelo mentor espiritual Seiman Hamiser Yê. 12.ed. São Paulo: Madras, 2020. 231p.

SARACENI, Rubens. **Umbanda sagrada: religião, ciência, magia e mistérios.** 8.ed. São Paulo: Madras, 2019. 199p.

SARACENI, Rubens. **Tratado de escrita mágica sagrada: um curso de escrita mágica.** São Paulo: Madras, 2019b. 272p.

SARACENI, Rubens. **Formulário de consagrações umbandistas.** 5.ed. São Paulo: Madras, 2019c. 191p.

SARACENI, Rubens. **O código da escrita mágica simbólica.** 5.ed. São Paulo: Madras, 2018. 199p.

SARACENI, Rubens. **Código de Umbanda.** 6.ed. São Paulo: Madras, 2014. 575p.

SARACENI, Rubens. **Doutrina e teologia de umbanda sarada.** São Paulo: Madras, 2013. 341p.

SARACENI, Rubens. **Tratado geral de umbanda: as chaves interpretativas teológicas.** 2.ed. São Paulo: Madras, 2012. 200p.

SARACENI, Rubens. **A magia divina das setes ervas sagradas.** 3.ed. São Paulo: Madras, 2012b. 254p.

SARACENI, Rubens. **Manual doutrinário, ritualístico e comportamental umbandista.** São Paulo: Madras, 2005. 352p.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbanda: uma história do Brasil.** 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023. 188p.

SILVA, Camila Vieira da. Magia e feitiçaria na colônia: a originalidade das práticas sincréticas. **Revista Historiador**, n. 4, ano 4, p. 77-86. 2011. Disponível em: <https://revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/download/97/98>. Acesso em: 02 set. 2024.

SILVA, Francisco Santos. Magia: a religião do “outro”. **Revista Veredas da História**, v. 3 n. 2. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48873>. Acesso em: 17 jul. 23.

WEISS, Raquel. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 95-119, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103432/000873819.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. Umbanda, a divinização dos excluídos. **Patrimônio e Memória**, v. 19, n. 1, p.217-236. 2023. Disponível em:

<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1509>. Acesso em: 15 ago. 2024.